

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, EXTENSÃO E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONALIZANTE EM ENSINO DE CIÊNCIAS EXATAS

UMA REFLEXÃO SOBRE A IMPORTÂNCIA DE INCLUSÃO DE
EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA ESCOLA PÚBLICA

Denise Teresinha Brandão Kern

UNIVATES

Lajeado, junho de 2009.

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, EXTENSÃO E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONALIZANTE EM ENSINO DE CIÊNCIAS EXATAS

**UMA REFLEXÃO SOBRE A IMPORTÂNCIA DE INCLUSÃO DE
EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA ESCOLA PÚBLICA**

Denise Teresinha Brandão Kern

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissionalizante em Ensino de Ciências Exatas, como exigência parcial para obtenção do Título de Mestre em Ensino de Ciências Exatas.

Orientadora: Dra. Miriam Ines Marchi
Coorientadora: Dra. Maria Madalena Dullius

Lajeado, junho de 2009.

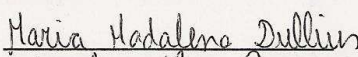
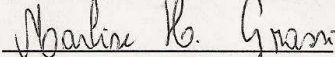
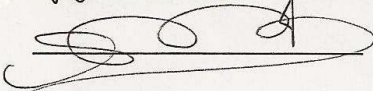
**UNIVATES**

**CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS
EXATAS**

ATA 06/2009 – Defesa de Dissertação

A dissertação da mestrandia **Denise Teresinha Brandão Kern**, sob título ***“Uma reflexão sobre a importância de inclusão de educação financeira na escola pública”***, foi defendida em sessão pública no dia 23 de junho de 2009, às 14h, na sala 325, prédio 01, da UNIVATES, tendo sido considerada APROVADA (aprovada/reprovada) pela Banca Examinadora, abaixo assinada, conforme pareceres individuais anexos.

Banca examinadora:

Nome	Assinatura
Orientadora: Miriam Inês Marchi	
2º Membro: Maria Madalena Dullius	
3º Membro: Marlise Heemann Grassi	
4º Membro: Cleria Bitencorte Meller	

Dedico este trabalho de dissertação aos amores da minha vida: minha família, meu porto seguro, luz do meu caminho!

Meu marido, **Ruy**, meu amor, meu amigo, meu companheiro, que soube compreender e respeitar os momentos de ausência e, com muita paciência, carinho e disponibilidade, apoiou-me sempre e de todas as formas para que realizasse este sonho.

Minha filha, **Fernanda**, minha princesa, minha amiga, que, mesmo na sua adolescência, soube, muitas vezes, colocar-se na posição de mãe e me mostrar o caminho.

Meu filho, **Vinícius**, meu gurizinho, meu ídolo, que me agitava, me cobrava porque estava fazendo isso, mas que, muitas vezes, me deu paz e serenidade quando tocava em seu violino as minhas músicas prediletas.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por permitir esses momentos de alegria e nas dificuldades ter me sustentado e dado forças para seguir a caminhada. E por colocar em meu caminho pessoas especiais que colaboraram na realização de meu trabalho.

À turma 302 da Escola Estadual Professor Mathias Schütz, que me recebeu com carinho e com dedicação participou das atividades propostas, questionando, argumentando, buscando conhecer os assuntos apresentados.

A toda a minha família e amigos, que estiveram comigo, me apoiando e compreendendo o tempo que não pude me dedicar a eles por estar comprometida com este trabalho.

À minha orientadora, professora Dra. Miriam Ines Marchi, por colocar-se ao meu lado, me incentivando e me orientando para percorrer o caminho, com confiança, na busca de meu crescimento.

À minha coorientadora, professora Dra. Maria Madalena Dullius, pelas contribuições e sugestões para melhorar o meu trabalho.

A todos os professores do Curso de Mestrado da Univates, pelos subsídios teóricos e práticos que facilitaram a realização desta dissertação.

À professora Dra. Marlise Heemann Grassi, com quem tive o prazer de realizar duas disciplinas do Curso de Mestrado, que contribuiu na realização desta pesquisa com seus ensinamentos.

À professora Dra. Simone Mundstock Jahnke, pelas contribuições e sugestões durante minha inscrição para a seleção de Mestrado.

À professora Dra. Marguit Goldmeyer, por conhecer e compartilhar o caminho que tenho percorrido antes da realização desta pesquisa.

Ao professor Dr. Manfredo Wachs, por sua disponibilidade em me ouvir, pelas sugestões e palavras de incentivo.

Ao colega Ms. Marcos Stephani, pela parceria no trabalho desenvolvido no Instituto de Educação Ivoti e pela sugestão dos documentários utilizados nas atividades desta pesquisa.

À direção, vice-direção, coordenação, professores e funcionários da Escola Estadual Professor Mathias Schütz, por abrirem suas portas e permitirem que realizasse minha pesquisa na escola, colocando-se à disposição, participando das atividades com a turma e proporcionando o melhor que a escola tinha para me oferecer.

Ao Instituto de Educação Ivoti, escola onde leciono, por colocar seu laboratório de informática à disposição para que realizasse uma das aulas.

À direção, vice-direção, coordenação e colegas do Instituto de Educação Ivoti, pelas palavras de apoio, pela compreensão e pelas substituições durante esses dois anos.

Às funcionárias da biblioteca do Instituto de Educação Ivoti, pelo seu trabalho profissional, que, com carinho e atenção, me disponibilizaram as bibliografias a qualquer tempo.

À gerente geral da agência da Caixa Econômica Federal de Ivoti, Eva Selo Santos Sarmento, por sua disponibilidade em receber a turma 302 em horário especial, antes da abertura da agência.

Aos auditores da Receita Federal de Novo Hamburgo/RS, Roberto Carlos Bellini e Fabio Victor Asaka, por sua colaboração, realizando uma palestra para a turma 302.

RESUMO

Esta dissertação descreve o trabalho realizado com uma turma do 3º ano do ensino médio da Escola Estadual Professor Mathias Schütz, de Ivoti/RS. Esta investigação teve por objetivo refletir sobre a importância da inclusão de Educação Financeira na rede pública de ensino, como uma proposta que contribua em preparar cidadãos para a vida, para que possam agir de forma adequada, saudável e com responsabilidade diante de situações relacionadas com assuntos do “mundo financeiro” dos alunos. Proporcionou-se aos alunos conhecer e aplicar conceitos do mundo financeiro e que faziam parte de seu dia-a-dia, como suporte para ajudar na reflexão. Estudando e refletindo sobre ideias de alguns pensadores da educação e outros que também já vêm trabalhando com esse tema, bem como das opiniões de oito alunos entrevistados no final dessa abordagem prática, buscou-se responder aos questionamentos da investigação: *Os alunos do 3º ano do ensino médio de uma escola pública, no decorrer de sua trajetória de estudantes, tiveram algum contato com assuntos relacionados com uma Educação Financeira? Trabalhar na escola de forma que se possam relacionar os conteúdos curriculares com aspectos que dizem respeito ao “mundo financeiro” é possível?* Na realização da prática, apresentou-se o tema de forma que o aluno pudesse perceber uma relação tanto com os conteúdos curriculares como com outras áreas de conhecimento, numa tentativa de se trabalhar a Educação Financeira de forma interdisciplinar. Os resultados da análise dos dados coletados apontam que a inclusão de Educação Financeira é uma necessidade social, que possibilitará aos alunos refletir sobre os seus problemas financeiros, sobre a forma como realizam os seus planejamentos, sobre a forma como estão fazendo as suas escolhas e sobre que objetivos eles têm para suas vidas, seu futuro. Assim, a Educação Financeira poderá possibilitar ao aluno o acesso ao “mundo financeiro”, de forma que ele possa se sentir incluído como cidadão.

Palavras-chave: Educação Financeira. Refletir. Inclusão. Escola Pública. Mundo Financeiro do Aluno. Interdisciplinaridade.

ABSTRACT

This dissertation describes the work that was conducted with a 3rd year high school class at the State School Professor Mathias Schütz of Ivoti, RS. The research aimed to reflect on the importance of including financial education in the public school system as a proposal to help prepare citizens for life, so they may learn to act in an adequate, healthy and responsible manner in situations related to issues of their "financial world". Students were given the opportunity to become acquainted with and apply concepts from the financial world to their everyday life as a support for reflection. Similarly, through studying and reflecting about the ideas of some education thinkers and others who have also been working with this subject, as well as the views of eight students interviewed at the end of this practical approach, we have sought to answer the questions of our research: *Did the students of the 3rd year high school class at a state school, during their student life, have some contact to issues related to financial education? It is possible to work at school in a such way that they would see a relationship of the curriculum contents to aspects related to the "financial world"? The subject was presented to the students in such a way that they would see a relationship both with their curriculum contents and with other areas of knowledge, in an attempt to deal with financial education from an interdisciplinary perspective. The analysis of the data collected indicates that the inclusion of financial education is a social necessity which will enable students to reflect on their financial problems, the way they carry out their planning, the manner in which they are making their choices and the goals they have for their lives and their future. Thus, financial education may allow students access to the "financial world", so they can feel included as citizens.*

Keywords: Financial Education. Reflection. Social Inclusion. Public School. Student Financial World. Interdisciplinary perspective.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA ESCOLA	17
2.1 Educação Financeira.....	20
2.2 Mundo Financeiro: Prática Interdisciplinar.....	29
3 METODOLOGIA.....	32
3.1 Contexto da Pesquisa.....	32
3.1.1 Sujeitos Envolvidos	32
3.1.2 História e Caracterização da Escola	33
3.2 Instrumentos da Pesquisa	34
3.2.1 Plano de Estudos.....	34
3.2.2 Investigação Prévia.....	35
3.2.3 Intervenção Pedagógica.....	35
3.2.3.1 Planejamento das Aulas.....	36
3.3 Avaliação do Trabalho.....	56
4 ANÁLISE DOS DADOS	57
4.1 Análise do Plano de Estudos	58
4.2 Análise das Aulas	60
4.3 Apreciações das Entrevistas Gravadas	99
4.3.1 Conhecimento dos Alunos.....	101
4.3.2 Validade da Prática.....	103
4.3.3 Importância da Educação Financeira na Escola	106
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
6 REFERÊNCIAS	117
ANEXOS.....	120

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Lista dos gastos do dia.....	41
FIGURA 2 – Cálculos de impostos	42
FIGURA 3 – Planilha de orçamento do programa do tipo Excel da Microsoft®	47
FIGURA 4 – Modelo de controle orçamentário.....	48
FIGURA 5 – “Leque” de cartões de crédito fictícios.....	50
FIGURA 6 – <i>Slide</i> com pergunta	67
FIGURA 7 – DVD Karaokê	79

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Gastos do dia 26/06/08	69
TABELA 2 – Reportagens do Jornal Zero Hora	72
TABELA 3 – Pagamento a prazo x poupança.....	80
TABELA 4 – Valores de limite e gastos realizados utilizando o cartão de crédito	87

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, são poucas as escolas que têm se preocupado em incluir em seu plano de estudos assuntos relacionados com Educação Financeira. Segundo Martins (2004), a escola omite-se em relação às noções de comércio, de economia, de impostos e finanças. A maioria das pessoas continua ignorando esses assuntos na vida adulta e segue sem instrução financeira e sem habilidade para lidar com dinheiro.

Nos currículos, temos uma infinidade de conteúdos que precisamos ensinar aos nossos jovens, mas poucas escolas, ou quase nenhuma, contemplam em seu plano de estudos temas sobre Educação Financeira. A escola precisa trabalhar com temas que auxiliem o futuro cidadão a conhecer e gerenciar suas necessidades cotidianas. Como enfatiza Demo (2003, p. 17), “o que se aprende na escola deve aparecer na vida”. Nossos jovens passam onze anos (agora serão doze) de sua jornada de estudantes tendo que aprender conteúdos de disciplinas como História, Geografia, Química, Matemática e todas as demais pertinentes à série de ensino, sem que se faça uma relação dos temas tratados com o contexto em que vive o aluno.

O mundo está globalizado! Vivemos em uma época do instantâneo. Um fato, por exemplo, que tenha ocorrido há cinco minutos no outro lado do mundo pode não ser mais segredo para o resto da humanidade. É notório que nem todos têm acesso a todo e qualquer tipo de informação, mas se assim o desejarem, recursos não lhes faltarão.

Estar informado é diferente de conhecer. Se pessoa ligar a televisão ou se estiver conectada na *internet*, ela dispõe de todo e qualquer tipo de informações possíveis, o que não garante que ela realmente compreenda ou conheça todas essas informações. Vasconcellos, em entrevista à Revista Mundo Jovem (2005, p. 13), fala que: “conhecimento não se encontra em qualquer lugar. Em todo lugar o aluno pode encontrar informação e não conhecimento, pois o

conhecimento é uma informação trabalhada”. Essa é a atual situação em que se encontra o ensino básico, e torna-se cada vez mais difícil entrar em uma sala de aula e conseguir que os alunos fiquem “conectados” na quantidade de informações que existe para se “passar” para eles. Isso sem considerar os casos de inclusão de portadores de necessidades especiais, ou mesmo os tantos outros casos de dificuldades de aprendizagem.

Em outras épocas, talvez, isso poderia ter sido feito de forma mais fácil. O professor era o detentor do saber e suas “informações” não eram questionadas. Citando Tiba (2002, p. 252): “Durante muito tempo, quem tinha informação detinha poder. Hoje, na *internet*, há desperdício de informações. Agora tem poder quem sabe utilizar bem as informações”.

Hoje, ao entrar em sala de aula, muitas vezes, deparo-me com questionamentos que gostaria de ter feito, como, por exemplo:

- *Professora, pergunta um aluno, onde vamos usar isto?*
- *Para que serve?*
- *Por que eu tenho que aprender este conteúdo?*
- *Quem foi que inventou isto?*(com cara de quem acredita que aquilo seja algo, no mínimo, absurdo).

Ao tentar compreender o que eles estão sentindo, posso identificar situações semelhantes à realidade escolar da época em que fui aluna: não gostava de decorar conteúdos e apenas reproduzir, sem ao menos entender o tema trabalhado.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs):

O papel do professor nesse processo é, portanto, crucial, pois a ele cabe apresentar os conteúdos e atividades de aprendizagem de forma que os alunos compreendam o porquê e o para que do que aprendem, e assim desenvolvam expectativas positivas em relação à aprendizagem e sintam-se motivados para o trabalho escolar (BRASIL, 2000, p. 69).

Durante algum tempo, procedi como tinha aprendido: para algumas perguntas tinha as respostas, mas a outras respondia como meus professores me respondiam:

- *Porque isto cai no vestibular, ou cai na prova.*
- *Porque mais adiante vais precisar no conteúdo novo.*

Não satisfeita com essas respostas e com as perguntas que constantemente tinha que responder, resolvi investigar como tornar os conteúdos que precisavam ser ensinados mais significativos. Tentando responder para que servem e onde vamos usar, tenho trabalhado os conteúdos de forma contextualizada e com situações práticas do dia-a-dia do aluno, de forma que ele consiga estabelecer relações entre eles. Assim, utilizando atividades de Modelagem, tenho conseguido responder às questões que constantemente são feitas pelos alunos. Hoje respondo:

- *Porque isso você precisará para a vida.*

Nas palavras de Barbosa, uma atividade de Modelagem “é toda atividade escolar que oferece condições sob as quais os alunos são convidados a atuar”. O autor ressalta, ainda, que:

O ambiente de Modelagem está associado à problematização e investigação. O primeiro refere-se ao ato de criar perguntas e/ou problemas, enquanto que o segundo, à busca, seleção, organização e manipulação de informações e reflexão sobre elas. Ambas as atividades não são separadas, mas articuladas no processo de envolvimento dos alunos para abordar a atividade proposta. Nela, podem-se levantar questões e realizar investigações que atingem o âmbito do conhecimento reflexivo (BARBOSA, 2004, p. 75).

Também os PCNs abordam a importância de trabalharmos com atividades que auxiliem os alunos a se posicionar nas questões do seu cotidiano.

As questões relativas à globalização, as transformações científicas e tecnológicas e a necessária discussão ético-valorativa da sociedade apresentam para a escola a imensa tarefa de instrumentalizar os jovens para participar da cultura, das relações sociais e políticas. A escola, ao posicionar-se desta maneira, abre a oportunidade para que os alunos aprendam sobre temas normalmente excluídos (BRASIL, 2000, p. 47).

Neste sentido, buscando contribuir para esta discussão sobre como envolver assuntos que normalmente são excluídos dos currículos no processo de contextualização dos conteúdos

abordados na escola com a realidade do aluno, resolvi investigar sobre Educação Financeira na Escola.

A pesquisa teve por objetivo refletir sobre a importância de preparar cidadãos para a vida, para que possam agir de forma adequada, saudável e com responsabilidade diante de situações relacionadas à Educação Financeira. Da mesma forma, objetivava verificar se conteúdos relacionados com Educação Financeira foram trabalhados durante a trajetória estudantil dos alunos do 3º ano do ensino médio. Além disso, propunha-se a propiciar situações práticas que viabilizassem o conhecimento de assuntos relacionados ao tema e analisar a importância da inclusão de Educação Financeira na escola pública de forma que relacionasse os diferentes aspectos do mundo financeiro com os conteúdos curriculares.

Questiono-me sobre qual seria o momento em que deveríamos aprender assuntos do “mundo financeiro”, destacando que esses não integram somente o mundo adulto. Quando, na realidade, qualquer criança que já saiba falar começa a compreender que o pai e a mãe fazem trocas de mercadorias por algo que eles chamam de “dinheiro”, entende e quer participar desse mundo de trocas, esse “mundo financeiro”.

A omissão da escola em relação a noções de comércio, de economia, de impostos e de finanças tem uma consequência perversa: a maioria das pessoas, quando adulta, continua ignorando esses assuntos e segue sem instrução financeira e sem habilidade para manejar dinheiro. As consequências se tornam mais graves se levarmos em conta que ninguém, qualquer que seja a sua profissão, está livre dos problemas ligados ao mundo do dinheiro e dos impostos (MARTINS, 2004, p. 56).

Concordo com o que diz Martins sobre a omissão da escola em relação a assuntos que dizem respeito a uma Educação Financeira, ao mesmo tempo compreendo que todos, independente da classe social de origem, ingressam na escola com muitas noções sobre o “mundo financeiro”, cabendo a ela dar continuidade e significado. É neste momento que ocorre a falha: a preocupação em dar ênfase aos conteúdos básicos, acreditando que esses não têm nenhuma relação com questões do cotidiano dos alunos. Sendo assim, deveríamos repensar a prática.

A prática de todo professor, mesmo de forma inconsciente, sempre pressupõe uma concepção de ensino e aprendizagem que determina sua compreensão dos papéis de professor e aluno, da metodologia, da função social da escola e dos conteúdos a serem trabalhados. A discussão dessas questões é importante para que se explicitem

os pressupostos pedagógicos que subjazem à atividade de ensino, na busca de coerência entre o que se pensa estar fazendo e o que realmente se faz (BRASIL, 2000, p. 38-39).

Refletir sobre a prática é uma tarefa que se deveria realizar constantemente. Pensar se o que se está fazendo é o que realmente precisa ser feito. *A prática que se desenvolve com um grupo de alunos poderá ser a mesma para com outro grupo de condições sociais e culturais diferentes?* Acredito que, poucas vezes, se pergunta: *quais são as necessidades deste grupo de alunos?*

Trabalho em uma escola de rede privada, onde tenho a oportunidade de desenvolver um Projeto de Educação Financeira que abrange todos os níveis de ensino, podendo relacionar os conteúdos curriculares com situações que dizem respeito ao cotidiano do aluno.

A escola oficial precisa aprender com os processos educacionais informais e incluir em seu cotidiano aspectos da educação informal, como sair do espaço da sala de aula e observar o meio à sua volta: escutar e discutir diferentes possibilidades de solução dos problemas do cotidiano (MONTEIRO E POMPEU, 2001, p. 58).

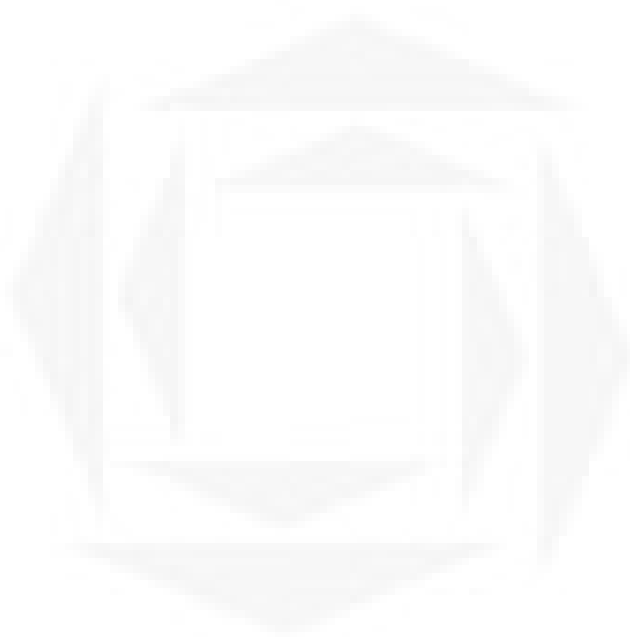
Uma metodologia que procura incluir a realidade em que vive o aluno e que faz com que ele participe com entusiasmo é, no mínimo, gratificante. *Mas e as outras realidades? As outras escolas? O que se tem feito para trabalhar com Educação Financeira? É possível proporcionar uma Educação Financeira na escola pública? A escola pública contempla, em seu plano de estudos, conteúdos relacionados com aspectos do mundo financeiro?*

Esse foi um dos motivos que me levaram a me inscrever na seleção para o Mestrado de Ensino em Ciências Exatas da Univates. Precisava responder a essas novas questões que surgiam. Assim, delimitou-se o problema de minha investigação: *Os alunos do 3º ano do ensino médio de uma escola pública, no decorrer de sua trajetória de estudantes, tiveram algum contato com assuntos relacionados com uma Educação Financeira? Trabalhar na escola de forma que se possam relacionar os conteúdos curriculares com aspectos que dizem respeito ao “mundo financeiro” é possível?*

Nesse contexto, procurei, através da análise do plano de estudos de uma escola da rede pública, verificar se foram contemplados assuntos referentes ao tema, bem como investigar junto aos alunos de uma turma do 3º ano do ensino médio a importância de abordar esse tipo

de conhecimento na escola, incluindo em seu currículo temas relacionados com uma Educação Financeira.

Realizei uma intervenção prática desses assuntos, de forma que possibilitasse ajudar esses alunos, após a conclusão do ensino básico, a ter condições de buscar uma maior responsabilidade como cidadãos.



UNIVATES

2 EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA ESCOLA

Refletir sobre a importância de preparar cidadãos para a vida, para que possam agir de forma adequada, saudável e com responsabilidade diante de situações relacionadas à Educação Financeira, de maneira que a construção de conhecimento leve em conta o meio em que o sujeito está inserido, remete-me a analisar minhas ações a partir das ideias sobre aprendizagem de pensadores como Vygotsky, Paulo Freire, entre outros, que defendem a importância de se considerar o sujeito protagonista de sua aprendizagem.

Analisar a inclusão da Educação Financeira na escola pública de maneira que possibilite relacionar os conteúdos curriculares com situações do cotidiano do aluno poderá ser uma alternativa na busca de uma aprendizagem significativa no que se refere a considerar o aluno como um ser total e não isolado do mundo em que vive.

Em síntese, nessa abordagem, o sujeito produtor de conhecimento não é um mero receptáculo que absorve e contempla o real nem o portador de verdades oriundas de um plano ideal; pelo contrário, é um sujeito ativo que, em sua relação com o mundo, com seu objeto de estudo, reconstrói (no seu pensamento) este mundo. O conhecimento envolve sempre um fazer, um atuar do homem (REGO, 1998, p. 98).

Concordo com a autora quando diz que “conhecer” envolve “um fazer”, um atuar do ser humano, e penso que é impossível exercer o papel de educadores desconsiderando a participação dos alunos no processo de ensino-aprendizagem.

Os estudos desenvolvidos por Vygotsky (REGO, 1998) sobre aprendizagem destacam o homem como um ser que se forma em contato com a sociedade. A aprendizagem dá-se na interação do sujeito com o seu meio. De maneira que dessa interação resulte uma

transformação do sujeito e do ambiente em que ele está inserido. Assim, o conhecimento adquirido tem suas bases nas interações entre sujeito e objeto (mundo).

Por outro lado, Freire (2006, p. 62) lembra que: “o homem como um ser de relações [...] descobre que não só está na realidade, mas também que está com ela. Realidade que é objetiva, independente dele, possível de ser reconhecida e com a qual se relaciona”. Segundo ele, é o que nos diferencia da esfera animal, ou seja, possuir discernimento é uma conotação puramente humana, que guarda em si sua pluralidade, sua criticidade, sua consequência e sua temporalidade. O autor enfatiza ainda:

A sua interação o enraíza e lhe dá consciência de sua temporalidade. Se não houvesse essa integração, que é uma característica das relações do homem e que se aperfeiçoa na medida em que esse se faz crítico, seria apenas um ser acomodado e, então, nem a história nem a cultura – seus domínios – teriam sentido. Faltaria a eles a marca da liberdade. E é porque se integra na medida em que se relaciona, e não somente se julga e se acomoda, que o homem cria, recria e decide (FREIRE, 2006, p. 63-64).

Nessa perspectiva, deve-se considerar o meio em que o indivíduo está inserido, suas ideologias, a forma como faz a leitura de seu “mundo”, o compromisso de que nos fala Freire (2006, p. 23), de sermos “capazes de ver o homem na sua totalidade, no seu que fazer-ação-reflexão, que sempre se dá no mundo e sobre ele”. Esse compromisso me remete para além da simples constatação. Preciso ter vontade de intervir no processo de aprendizagem do aluno, buscando, na ação conjunta, atividades que propiciem esse que fazer-ação-reflexão. Desta forma, está-se deixando para trás uma concepção “bancária” da educação:

Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro.

O educador, que se aliena a ignorância, se mantém em posições fixas, invariáveis. Será sempre o que sabe, enquanto os educandos serão sempre os que não sabem. A rigidez destas posições nega a educação e o conhecimento como processos de busca (FREIRE, 2001, p. 58).

Essa visão “bancária” de que fala Freire pode-se analogamente constatar nas palavras de Vygotsky, quando afirma que:

[...] até hoje o aluno tem permanecido nos ombros do professor. Tem visto tudo com os olhos dele e julgado com a mente dele. Já é hora de colocar o aluno sobre as suas próprias pernas, de fazê-lo andar e cair, sofrer dor e contusões e escolher a direção. E o que é verdadeiro para a marcha – que só se pode aprendê-la com as próprias pernas e com as próprias quedas – se aplica igualmente a todos os aspectos da educação (VYGOTSKY, 2004, p. 452).

Assim, considera-se o aluno o protagonista de sua aprendizagem e não mero receptor de conhecimento. Ainda citando Vygotsky:

No fim das contas, só a vida educa, e quando mais amplamente ela irromper na escola, mais dinâmico e rico será o processo educativo. O maior erro da escola foi ter se fechado e se isolado da vida com uma cerca alta. A educação é tão inadmissível fora da vida quanto a combustão sem oxigênio ou a respiração no vácuo. Por isto o trabalho educativo do pedagogo deve estar necessariamente vinculado ao seu trabalho criador, social e vital (VYGOTSKY, 2004, p. 456).

Construir conhecimento implica uma ação partilhada, ocorrendo a mediação entre sujeitos, na qual a interação social é condição indispensável para que aconteça a aprendizagem.

Neste contexto, trabalhar com Educação Financeira na escola possibilita estabelecer relações dos conteúdos curriculares com a vivência do aluno. De acordo com os PCNs (BRASIL, 2000), qualquer que seja a linha pedagógica, o que diferencia as propostas é a função que se atribui aos conteúdos no contexto escolar. Em decorrência disso, o importante é a maneira como devem ser selecionados e tratados.

Ainda citando os PCNs (BRASIL, 2000, p. 93), no que se refere a orientações didáticas, “uma prática educativa que tenha como eixo a formação de um cidadão autônomo e participativo”, o ensino deve ser pautado em criar condições para que os alunos possam construir significados a partir de múltiplas e complexas interações, pois “cada aluno é sujeito de seu processo de aprendizagem, enquanto o professor é o mediador na interação dos alunos com os objetos de conhecimento”. Neste sentido, acredito que trabalhar assuntos que dizem respeito à Educação Financeira é uma forma de contribuir na formação do cidadão para a vida, considerando-se o seu cotidiano.

2.1 Educação Financeira

O que é Educação Financeira?

De acordo com a OCDE (Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico), a Educação Financeira pode ser definida como:

O processo em que os indivíduos melhoram a sua compreensão sobre os produtos financeiros, seus conceitos e riscos, de maneira que, com informação e recomendação claras, possam desenvolver as habilidades e a confiança necessárias para tomarem decisões fundamentadas e com segurança, melhorando o seu bem-estar financeiro (OCDE, 2005).

A OCDE é uma organização criada em 1961 na Europa. É, atualmente, formada por 30 países, sucessora da *Organisation for European Economic Cooperation*, que tinha como objetivo a reconstrução da Europa. A OCDE preocupa-se com o aperfeiçoamento de práticas no setor público e privado, produzindo estudos, publicações e recomendações para esses países. Embora o Brasil não seja membro da OCDE, participa de comitês e grupos de trabalho, sob a coordenação do Itamaraty (Ministério das Relações Exteriores, 1999). A OCDE criou o *Financial Education Project* (OCDE, 2004) para estudar a Educação Financeira e propor programas de Educação Financeira nos países-membros e alguns não-membros. Dessa pesquisa se originaram recomendações e princípios, enumerados abaixo.

Princípios e recomendações de Educação Financeira

1. A educação financeira deve ser promovida de uma forma justa e sem vieses, ou seja, o desenvolvimento das competências financeiras dos indivíduos precisa ser embasado em informações apropriadas, livres de interesses particulares.
2. Os programas de educação financeira devem focar as prioridades de cada país, isto é, se adequarem [sic], à realidade nacional, podendo incluir, em seu conteúdo, aspectos básicos de um planejamento financeiro, como as decisões de poupança, de endividamento, de contratação de seguros, bem como conceitos elementares de matemática e economia. Os indivíduos que estão para se aposentar devem estar cientes da necessidade de avaliar a situação de seus planos de pensão, necessitando agir apropriadamente para defender seus interesses.
3. O processo de educação financeira deve ser considerado, pelos órgãos administrativos e legais de um país, como um instrumento para o crescimento e a estabilidade econômica, sendo necessário que se busque complementar o papel exercido pela regulamentação do sistema financeiro e pelas leis de proteção ao consumidor.
4. O envolvimento das instituições financeiras no processo de educação financeira deve ser estimulado, de tal forma que adotem como parte integrante de suas decisões, principalmente nos negócios de longo prazo e naqueles que comprometam expressivamente a renda atual e futura de seus consumidores.

5. A educação financeira deve ser um processo contínuo, acompanhando a evolução dos mercados e a crescente complexidade das informações que os caracterizam.
6. Por meio da mídia, devem ser veiculadas campanhas de estímulo à compreensão dos indivíduos quanto à necessidade de buscarem a capacitação financeira, bem como o conhecimento dos riscos envolvidos nas suas decisões. Além disso, precisam ser criados sites específicos, oferecendo informações gratuitas e de utilidade pública.
7. A educação financeira deve começar na escola. É recomendável que as pessoas se insiram no processo precocemente.
8. As instituições financeiras devem ser incentivadas a certificar que os clientes leiam e compreendam todas as informações disponibilizadas, especificamente, quando forem relacionadas aos negócios de longo prazo, ou aos serviços financeiros, com consequências relevantes.
9. Os programas de educação financeira devem focar, particularmente, aspectos importantes do planejamento financeiro pessoal, como a poupança e a aposentadoria, o endividamento e a contratação de seguros.
10. Os programas devem ser orientados para a construção da competência financeira, adequando-se a grupos específicos, e elaborados da forma mais personalizada possível (OCDE, 2004).

No princípio 2 fala que o programa de Educação Financeira deve focar as prioridades de cada país. Pensando em um ensino que procura relacionar os conteúdos curriculares com o contexto em que está inserido o aluno e pensando o Brasil com as suas diferentes culturas e contextos sociais, seria oportuno trabalhar prioridades que dizem respeito à realidade de cada comunidade escolar.

Concordo com as recomendações do princípio 7, em que diz que a Educação Financeira deve começar na escola, uma vez que, mesmo antes de entrar para o ensino básico, qualquer criança já teve contato com situações que envolvem o “mundo financeiro”. Desta forma, é importante que, ao ingressar na escola, ela possa ser orientada para o consumo responsável, evitando desperdícios e procurando participar deste “mundo” financeiro agindo de forma adequada e saudável, para que tenha condições de planejar um futuro com qualidade de vida.

Esses princípios e recomendações são para os países que fazem parte da OCDE, mas servem para o Brasil. Tanto que já existem algumas iniciativas por parte do Governo, através do Ministério de Educação e Cultura (MEC), para incluir a Educação Financeira nos currículos escolares.

O desenvolvimento de um projeto nacional de Educação Financeira, iniciativa das entidades e dos órgãos integrantes do Comitê de Regulação e Fiscalização dos Mercados

Financeiros, de Capitais, de Seguros, de Previdência e Capitalização (COREMEC), responde a uma necessidade atual da sociedade.

Em maio de 2007, o COREMEC aprovou a criação de um grupo de trabalho para desenvolver e propor uma “Estratégia Nacional de Educação Financeira”, sob a coordenação da Comissão de Valores Mobiliários (CVM).

A Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF) representa um esforço do Governo brasileiro, que reconhece a Educação Financeira como ferramenta de inclusão social, de melhoria da vida do cidadão e de promoção da estabilidade, concorrência e eficiência do sistema financeiro do país (ENEF, 2008). A Estratégia tem como principais objetivos:

- Promover e fomentar a cultura de Educação Financeira no país;
 - Ampliar o nível de compreensão do cidadão para efetuar escolhas conscientes relativas à administração de seus recursos;
 - Contribuir para a eficiência e solidez dos mercados financeiros, de capitais, de seguros, de previdência e de capitalização.
- As diretrizes que norteiam as ações da Estratégia são:
- Programa de Estado, de caráter permanente;
 - Ações de interesse público;
 - Âmbito nacional;
 - Gestão centralizada e execução descentralizada;
 - Três níveis de atuação (informação, educação e aconselhamento);
 - Avaliação e revisão permanentes e periódicas (ENEF, 2008).

O grupo de trabalho tem participado de eventos internacionais patrocinados pela OCDE e pelo Departamento do Tesouro norte-americano. Em maio de 2008, a Organização dos Estados Americanos sediou a Conferência Internacional sobre Educação Financeira, onde foram apresentados temas relevantes para o desenvolvimento da Estratégia de Educação Financeira do Brasil, como trabalhos nas áreas de previdência, crédito, educação para jovens, experiências de estratégias já em desenvolvimento, ferramentas eletrônicas para a implementação das ações de Educação Financeira, dentre outros. Já foi criado o site www.vidaedinheiro.gov.br e, no dia 23 de setembro de 2008, realizou-se, em Brasília, um Seminário de Educação Financeira na Escola.

A contextualização e a importância da Educação Financeira, a partir dessa iniciativa, contribuirão para que logo ela seja incluída no currículo. Iniciativa, também, como a minha em realizar esta dissertação.

Conforme Tiba (2005, p. 217), “ainda não se ensina administração financeira nas escolas, e as famílias, mesmo necessitadas, não possuem essa competência”. Sabe-se que são poucas as iniciativas no Brasil em se trabalhar com esse assunto. A grande maioria das ações diz respeito a programas desenvolvidos por instituições financeiras e escolas da rede privada.

Em 2005, o jornal Zero Hora lançou uma promoção buscando divulgar projetos na área das finanças, cujo objetivo era:

Estimular a leitura de temas econômicos entre professores e alunos, além da comunidade escolar, e por meio disso, incentivar a troca de informações, idéias e a criação de novos processos de poupança e investimento, bem como proporcionar a máxima de que cuidar bem dos próprios recursos estimula a economia do país (www.zh.clicrbs.com.br, 2005).

Tenho conhecimento de que duas escolas da rede pública participaram dessa promoção. A Escola Estadual Plácido de Castro, de Porto Alegre (ZERO HORA, 24/11/05, p. 20), trabalhando com uma turma da 1ª série do ensino fundamental, realizou o projeto de Educação Financeira: “Quero Ser Rico”, desenvolvido num período de seis meses, teve como objetivo fazer com que os alunos economizassem para comprar os seus presentes de Natal. A Escola Municipal Flores da Cunha, de Esteio (ZERO HORA, 22/12/05, p. 32) desenvolveu, com alunos de uma turma de 6ª série, nas aulas de Matemática, um projeto que teve como objetivo fazer o caminho inverso: trabalhar primeiro a realidade e depois no livro didático. Assim, fizeram um levantamento nas famílias dos gastos médios com alimentação, lazer, energia, água, entre outros, para depois trabalhar conceitos de média aritmética. Na época das reportagens, os professores responsáveis por essas iniciativas disseram que, no ano seguinte, dariam continuidade aos projetos.

Talvez tenham sido desenvolvidos projetos com o tema em outras escolas da rede pública, mas não é do conhecimento de todos. Provavelmente, na rede pública podem ser encontradas famílias necessitadas e que não têm condições para ensinar a seus filhos assuntos do “mundo financeiro”, como fala Tiba.

Assim, acredito que, através desta pesquisa, estaria em contato com esses alunos de uma classe social menos privilegiada, em que investigaria a importância de se incluir

Educação Financeira na rede pública, refletindo com eles suas necessidades em relação a esse assunto.

Freire (2001, p. 87) fala que: “Nosso papel não é falar ao povo sobre a nossa visão do mundo, ou tentar impô-la a ele, mas dialogar com ele sobre a sua e a nossa”.

A visão que tenho de Educação Financeira é algo que poderá ampliar a concepção e leitura do mundo em que se está inserido. Quando se discute sobre os problemas financeiros, os planejamentos orçamentários, os objetivos para o futuro, as escolhas que se tem feito, a qualidade de vida que se deseja e tantas outras questões a que esse tema remete, penso que essa reflexão precisa ser compartilhada. E é compartilhando que se conhecem as próprias necessidades e se pode ajudar outros a visualizar as deles.

A tarefa de trabalhar com pessoas reais, como diz Brandão (1990, p. 11), “que parecem descobrir, com a sua própria prática, que devem conquistar o poder de serem [sic], afinal, o sujeito, tanto do ato de conhecer de que têm sido o objeto, quanto do trabalho de transformar o conhecimento e o mundo que os transforma em objetos”, é algo muito gratificante, na medida em que posso contribuir nessa reflexão participando dela e, da mesma forma, sendo também transformada por ela.

A Educação Financeira possibilita discutir assuntos que normalmente só faziam parte do “mundo adulto”, mas que, na realidade, é uma necessidade mesmo dos que ainda não são alfabetizados. E muitos passam para esse “mundo adulto” e, mesmo analfabetos da língua, precisarão de algum conhecimento financeiro para poder lidar com as situações que se apresentam no seu cotidiano.

Em nossa cultura, não é comum que se discuta no grupo familiar sobre assuntos relacionados com dinheiro. Porém, esse é um tabu que precisa ser, aos poucos, quebrado, em face da velocidade das mudanças que ocorrem no mundo financeiro.

Segundo Tiba (2005, p. 217), “Na ancestral família, o pai era o responsável por trazer o dinheiro para casa e a mãe o administrava, respondendo inclusive pela criação dos filhos. O novo paradigma é que pai e mãe tragam o dinheiro para a casa [...]”. Desta forma, é necessário repensar os tabus que envolvem falar sobre dinheiro, uma vez que o grupo

familiar, para viver com equilíbrio financeiro, precisará compartilhar e discutir os assuntos que dizem respeito ao dinheiro, pois dele necessitam para suprir suas necessidades básicas.

Outro aspecto do qual se deve estar ciente é envolver todo o grupo familiar nessa tarefa. Criar filhos nos dias atuais, quando o apelo para o consumo é muito grande, nem sempre é tarefa fácil. Assim, é importante essa abertura de se começar a conversar sobre dinheiro na família, incluindo os filhos e outras pessoas que convivam nesse grupo.

Cerbasi (2006, p. 42) fala sobre quem já escutou frases como: “Não tem dinheiro? Então dá cheque!” Certamente, muitos. O autor explica que se a criança ou o adolescente age assim, é porque reflete o comportamento falho dos adultos. Para ele, este seria um ótimo momento para se explicar como funciona o cheque ou o cartão:

Você sabe por que estamos pagando com cartão? É porque o dinheiro que eu recebi pelo meu trabalho do mês está guardado no banco e não aqui na carteira. No momento em que o vendedor passa o cartão na máquina, o dinheiro sai de nossa conta para a conta do dono da loja. Não podemos abusar, pois já planejamos usar o dinheiro para pagar as outras contas, como sua escola, o supermercado, nossa viagem [...] (CERBASI, 2006, p. 43).

Concordo com Cerbasi, é preciso aproveitar esses momentos para, através de um diálogo aberto e franco, explicar como essas situações do mundo financeiro acontecem.

Tiba (2005, p. 222 a 229) aponta “dez grandes lições aprendidas com mesadas (receitas) curtas”. Salientando que essas lições podem ser “adaptadas para quem tem dinheiro contado para os gastos mensais”. O autor descreve que as dez lições são as seguintes:

Primeira lição: É muito mais fácil gastar do que receber dinheiro.
Segunda lição: O dinheiro impõe limites às vontades.
Terceira lição: Dinheiro pode causar mais frustração que felicidade.
Quarta lição: A mesada estabelece prioridades entre o essencial e o supérfluo.
Quinta lição: Nem sempre o essencial é tão caro quanto o supérfluo.
Sexta lição: A frustração e o sofrimento ensinam a ter limites.
Oitava lição: Criar um meio de aumentar os recebimentos.
Noná lição: Tudo se transforma em dinheiro que se transforma em tudo, menos valores não materiais.
Décima lição: Para o êxito ser alcançado, o planejamento é essencial.
(TIBA, 2005, p. 222 a 229)

Nessas lições de Tiba, pode-se perceber uma orientação preocupada com valores no trato com o dinheiro. É o olhar de um psiquiatra que consegue mostrar a importância de manter os “pés no chão” para não sofrer frustrações.

Refletindo sobre os conselhos de Cerbasi e as lições de Tiba, questiono-me: *Se as famílias ainda falham nas questões que envolvem dinheiro, onde elas poderão encontrar ajuda para educar financeiramente, de forma saudável e responsável, seus filhos?*

As questões do “mundo financeiro” são uma constante na vida de todas as pessoas. Todos os dias, ao abrir o jornal, ligar a televisão ou sair na rua, somos confrontados com os mais variados tipos de apelos, sejam eles de vendas de produtos, de planos que vão desde a casa própria até uma assinatura de TV a cabo. Os critérios para se assumir um plano desses são muito fáceis. Alguns chegam a anunciar que não é preciso comprovante de renda. O dinheiro fácil, mas caro de se pagar, é encontrado em cada esquina. *Como resistir/conviver com esses apelos? Como aprender a dizer não quando aquele não é o momento certo para assumir uma dívida?*

Da mesma forma, está crescendo o número de consultores financeiros que prestam esclarecimentos à população sobre esses assuntos através de palestras, feiras, cursos e até consultas particulares para ajudar a organizar as finanças pessoais. O jornal Zero Hora, em junho de 2008, criou um caderno “Dinheiro”, com edição especial aos domingos, cujo objetivo é discutir questões de economia no seu sentido amplo, pois trata inclusive de assuntos mundiais. Mas o acesso a uma palestra ou uma consulta de um consultor financeiro restringe-se a uma minoria. O jornal Zero Hora tem uma grande tiragem, de forma que é lido por um grande número de pessoas, porém não se tem garantias de que os mais necessitados estão lendo esse tipo de reportagem.

De acordo com os PCNs (BRASIL, 2000, p. 64): “Se a escola pretende estar em consonância com as demandas atuais da sociedade, é necessário que trate de questões que interferem na vida dos alunos e com as quais se vêem confrontados no seu dia-a-dia”.

Desta forma, *que outro lugar, se não na escola, os alunos poderão aprender a lidar com essas questões?* Bastando, para isso, aproveitar os conteúdos presentes em seu currículo, de forma que os relacione com questões do “mundo financeiro” do aluno.

2.2 Mundo Financeiro: Prática Interdisciplinar

Nos dias atuais, as pessoas deparam-se com muitas contradições e conflitos no seu cotidiano. Conforme Lück (1997), no simples ato de assistir a TV as pessoas recebem informações de uma propaganda que as estimula a comprar determinado produto e, no minuto seguinte, recebem o apelo para economizar. A autora ainda discorre sobre outras ambiguidades das propagandas. São desafios que se enfrentam diariamente, e exigem fazer escolhas. Assim nos diz a autora:

Entender a complexidade e as inúmeras interações dos múltiplos componentes da realidade torna-se, portanto, uma necessidade inadiável. É mediante e na medida dessa compreensão que o homem se eleva da dimensão de objeto e engrenagem, numa máquina social, e supera o senso comum que domina o seu cotidiano (LÜCK, 1997, p. 28).

O ensino pautado em uma prática interdisciplinar exige dos professores muito estudo e dedicação para poderem dar suporte aos alunos, para que eles entendam toda essa complexidade de que fala a autora.

Conforme Fazenda (2002, p. 14), “a crise das ciências tem sido proclamada por muitos, em diversas escolas de pensamento em diferentes países”. Diante dessa crise de teorias e modelos, a autora indica que é necessário para os educadores “estudar-se a problemática e a origem dessas incertezas e dúvidas para se conceber uma educação que as enfrente”.

Na busca de conceber uma educação que possa enfrentar a problemática dessas incertezas e dúvidas, apoiei-me em uma prática interdisciplinar, como uma tentativa de contextualização do meu fazer pedagógico e, com isso, “dar conta” dos conteúdos programados pelos currículos de maneira que se obtenha uma aprendizagem significativa.

Oliveira adverte quanto a esse momento de “crise teórica”, dizendo que:

Provavelmente a conduta mais fecunda seria o estudo de muitas perspectivas diferentes, no sentido do aprimoramento teórico do profissional e, portanto, de uma elaboração mais refinada de sua prática à luz das diversas abordagens estudadas. Diferentes teorias podem, certamente, trazer contribuições relevantes à compreensão do fenômeno educativo (OLIVEIRA, 1997, p. 103).

Conforme a autora, com razão, o mais fecundo é o estudo de diversas abordagens para que se tenha um “sucesso” educativo.

De acordo com Tomaz e David (2008, p. 13), as demandas do mundo contemporâneo têm exigido que a sociedade assimile “novos conhecimentos para lidar com fatos e fenômenos do dia-a-dia”. Porém as autoras advertem que:

Contraditoriamente, embora a multiplicidade de fatores sociais, econômicos e culturais acene para a interdisciplinaridade como uma solução para os limites e as incapacidades das disciplinas isoladas de compreender a realidade e responder às demandas do mercado de trabalho, na prática, difunde-se ainda na maioria das escolas um conhecimento fragmentado, deixando para o aluno estabelecer sozinho as relações entre os conteúdos (TOMAZ E DAVID, 2008, p. 13).

Corre-se o risco de deixar para que o aluno estabeleça as relações entre os conteúdos. Porém, se ele for capaz de fazê-lo, a prática, mesmo fragmentada, é válida. O ideal seria um trabalho coletivo com um tema ou eixo temático, que envolvesse as disciplinas não de forma fragmentada, como falam as autoras.

Tomaz e David (2008, p. 14) ainda falam que muitas escolas, principalmente na área de Matemática, têm utilizado propostas interdisciplinares numa tentativa de mudar o isolamento e a fragmentação dos conteúdos, argumentando “que o conhecimento disciplinar por si só não favorece a compreensão de forma globalizada e abrangente de situações da realidade vividas pelo aluno”. As autoras apontam que, para isso, nas escolas, utilizam-se dois princípios básicos: o da contextualização e o da interdisciplinaridade.

De acordo com o primeiro, o ensino da Matemática deve estar articulado com várias práticas e necessidades sociais, mas de forma alguma se propõe que todo conhecimento deva sempre ser aprendido a partir das situações da realidade dos alunos. Outra forma de contextualização pode ocorrer via inter-relações com outras áreas do conhecimento, que, por sua vez, pode ser entendida como uma forma de interdisciplinaridade. O segundo princípio, a interdisciplinaridade, pode ser esboçado por meio de diferentes propostas, com diferentes concepções, entre elas, aquelas que defendem um ensino aberto para inter-relações entre a Matemática e outras áreas do saber científico ou tecnológico, bem como com as outras disciplinas (TOMAZ E DAVID, 2008, p. 14).

Concordo com as autoras que não é possível contextualizar todo e qualquer conteúdo da Matemática. Apoiei-me na proposta de trabalhar com Educação Financeira, como bem

falam as autoras, de forma que a contextualização proporcionasse uma via de inter-relações com outras áreas do conhecimento, entendida como interdisciplinaridade.

Assim, defendo uma prática interdisciplinar por acreditar que as ideias de Vygotsky sejam relevantes para a área de educação e, segundo Oliveira:

Em primeiro lugar, sua postulação de que o desenvolvimento do indivíduo deve ser olhado de maneira prospectiva, isto é, para além do momento atual, com referência ao que está por acontecer em sua trajetória. [...] Em segundo lugar, é fundamental para a educação a idéia de que os processos de aprendizagem movimentam os processos de desenvolvimento (OLIVEIRA, 1997, p. 104-105).

Desta forma, acredito que uma prática capaz de ir além dos muros da escola poderá proporcionar um bom caminho a ser seguido. O que não significa afirmar que só uma prática interdisciplinar levará ao sucesso educativo. Na verdade, por conhecer outras práticas e, muitas vezes, fazer uso delas, em casos de dificuldades de aprendizagem, como, por exemplo, utilizando o “treino” de Skinner, é que consigo obter algum sucesso. Em algumas situações, é necessário esse “treino” para o aprendizado; no caso, seria muito difícil um indivíduo dirigir um carro na rua ou pegar um violino e tocar a quinta sinfonia de Beethoven sem antes ter treinado bastante.

O que é uma prática interdisciplinar?

Para muitos autores estudiosos do assunto, como Fazenda (2002, p. 34), que se dedica desde a década de 1970 à pesquisa sobre interdisciplinaridade, deve-se estar ciente de que “A partir da constatação de que a condição da ciência não está no acerto, mas no erro, passou-se a exercer e a viver a interdisciplinaridade das mais inusitadas formas”. Ou seja, virou “moda” a prática interdisciplinar, mas, segundo a autora, é importante que não se esteja apoiado numa literatura provisoriamente difundida. A autora fala de um documento, surgido na década de 1980 e elaborado por Gusdorf, Apostel, Bottomore, Dufrenne, Mommsen, Morin, Polmarini, Smirnov e Ui, que aponta pontos de encontro e cooperação das disciplinas e a influência de umas sobre as outras. Segundo a autora:

Os mais significativos avanços desse grupo em relação à interdisciplinaridade poderiam ser assim sintetizados:

- a atitude interdisciplinar não seria apenas resultado de uma simples síntese, mas de sínteses imaginativas e audazes.
- a interdisciplinaridade não é categoria de conhecimento, mas de ação.
- a interdisciplinaridade nos conduz a um exercício de conhecimento: o perguntar e o duvidar.
- entre as disciplinas e a interdisciplinaridade existe uma diferença de categoria.
- interdisciplinaridade é a arte que nunca deixa ocorrer o divórcio entre seus elementos, entretanto, de um tecido bem trançado e flexível.
- a interdisciplinaridade se desenvolve a partir do desenvolvimento das próprias disciplinas (FAZENDA, 2002, p. 28-29).

De outra forma, os PCNs (BRASIL, 1999), nas diretrizes para uma pedagogia da qualidade, orientam que, na organização curricular e na prática pedagógica, seguindo os princípios éticos da LDB (Lei de Diretrizes e Bases Nacional), deverão ser observados, conforme o item 4.3, a interdisciplinaridade, enfatizando que:

A interdisciplinaridade supõe um eixo integrador, que pode ser o objeto de conhecimento, um projeto de investigação, um plano de intervenção. Neste sentido, ela deve partir da necessidade sentida pelas escolas, professores e alunos de explicar, compreender, intervir, mudar, prever, algo que desafia uma disciplina isolada e atrai a atenção de mais de um olhar, talvez vários (BRASIL, 1999, p. 88-89).

Desta forma, trabalhar com Educação Financeira através de uma prática interdisciplinar seria uma alternativa, uma vez que o assunto necessita de um olhar com atenção de mais de uma disciplina e não só o olhar matemático. Mas, se pelo menos o olhar matemático não for isolado, e sim contextualizado, de forma que o aluno possa relacionar os conteúdos com outras disciplinas, então a prática realizada na disciplina de Matemática é um fazer interdisciplinar. Ou seja, pode-se apenas fazer cálculos de juros simples e compostos através de fórmulas, mas se, para trabalhar esse conteúdo, utilizar, por exemplo, um plano de previdência privada e o plano do Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS), analisando os valores de contribuição dos dois planos, projetando o período que deverá ser pago, observando as regras dos mesmos, então se estará, além de ensinar o cálculo de juros, proporcionando ao aluno refletir sobre questões de sua vida, de seu futuro e das questões sociais que envolvem os dois planos. E se nesse trabalho for possível ter a parceria da disciplina de Sociologia, Filosofia, História e Informática, o que poderia ser somente decorar uma fórmula e fazer cálculos de juros passa a ter significado para esse aluno, pois estará vendo a aplicação e conseguindo estabelecer relações entre as disciplinas.

Na concepção de Fazenda, uma metodologia interdisciplinar é:

A metodologia interdisciplinar parte de uma liberdade científica, alicerça-se no diálogo e na colaboração, funda-se no desejo de inovar, de criar, de ir além e exercita-se na arte de pesquisar – não objetivando apenas uma valorização técnico-produtiva ou material, mas, sobretudo, possibilitando uma ascese humana, na qual se desenvolva a capacidade criativa de transformar a concreta realidade mundana e histórica numa aquisição maior de educação em seu sentido lato, humanizante e libertador do próprio sentido de ser-no-mundo (FAZENDA, 2002, p. 69-70).

Na concepção de Tomaz e David, uma metodologia interdisciplinar é:

Nossa concepção se aproxima mais das idéias de interdisciplinaridade como uma possibilidade de, a partir da investigação de um objeto, conteúdo, tema de estudo ou projeto, promover atividades escolares que mobilizam aprendizagens vistas como relacionadas, entre as práticas das quais alunos e professores estão participando, incluindo as práticas disciplinares (TOMAZ E DAVID, 2008, p. 26).

Desta forma, uma metodologia interdisciplinar não significa relacionar conteúdos de uma disciplina com outra, mas compartilhar interligando os mais variados significados desses conteúdos aprendidos. Através da contextualização, que busca no saber inicial do aluno criar condições para que ele possa ampliar o seu conhecimento, num sentido libertador de ser-no-mundo, como fala Fazenda.

Para D’Ambrósio (2007, p. 80): “O grande desafio para a educação é pôr em prática hoje o que vai servir para o amanhã. Pôr em prática significa levar pressupostos teóricos, isto é, um saber/fazer acumulado ao longo dos tempos passados, ao presente”. Se estou no caminho certo ou equivocado, isso só poderei avaliar após o processo. Assim, argumenta o autor que o acerto ou o erro servirá para que se reflita sobre a prática de maneira que se possa “rever, reformular, aprimorar o saber/fazer”. Meu desejo é estar no caminho certo. Espero que a prática interdisciplinar que procuro desenvolver hoje possa servir para meus alunos no futuro, de forma que os ajude a visualizar possibilidades de caminhos a seguir e não apenas uma forma estreita e bitolada de ver e estar no mundo.

3 METODOLOGIA

A realização desta pesquisa consistiu em uma investigação através de:

- i) leitura do Plano de Estudos de uma escola da rede pública, na qual se pretendeu verificar se ele contemplava conteúdos relacionados com uma Educação Financeira;
- ii) aplicação de um questionário de múltipla escolha, com o qual se procurou traçar o perfil dos alunos de uma turma do 3º ano do ensino médio a respeito de conhecimentos relativos ao tema;
- iii) intervenção pedagógica desses assuntos e,
- iv) avaliação da importância de se incluir assuntos relacionados com Educação Financeira na escola. Essa avaliação se deu a partir da análise de entrevistas, gravadas, com um grupo de oito alunos da turma investigada.

Neste capítulo, abordarei a forma como foi estruturada e desenvolvida a pesquisa, deixando para o Capítulo 4 a análise e discussão dos dados coletados.

3.1 Contexto da Pesquisa

3.1.1 Sujeitos Envolvidos

A investigação sobre o tema foi realizada com a turma 302, do 3º ano do ensino médio da Escola Estadual Professor Mathias Schütz, localizada no município de Ivoti – RS.

Esta pesquisa poderia ter sido realizada com alunos do ensino fundamental ou mesmo com alunos do 1º e 2º anos do ensino médio, porém a escolha de uma turma do 3º ano do ensino médio de uma escola da rede estadual foi uma decisão tomada em função desses alunos estarem concluindo sua educação básica e que ainda poderiam ter a oportunidade de trabalhar com questões acerca de Educação Financeira.

A Escola Mathias Schütz é a única da rede pública na cidade que possui ensino médio, sendo oito turmas de 1º ano, seis turmas de 2º ano e seis turmas de 3º ano. As seis turmas de 3º ano do ensino médio estão divididas em dois turnos, sendo três no turno da manhã e três no turno da noite. Optei por realizar a pesquisa com uma turma do turno da manhã, deixando a escolha da turma para o grupo de professores das três turmas.

O critério da escolha da turma 302 foi que os professores acreditavam que essa era a turma que mais estaria precisando conhecer esses assuntos, agregando-se a isso o fato de que mais da metade dos alunos da turma já estava no mercado de trabalho e, provavelmente, necessitava desse tipo de orientação.

A turma 302 era composta por 33 alunos, sendo que, no decorrer das aulas, houve uma transferência de um aluno para o turno da noite, pois o aluno havia conseguido um emprego de turno integral.

O perfil da turma investigada foi traçado no Capítulo 4, na primeira aula, na qual foi aplicado um questionário de múltipla escolha.

3.1.2 História e Caracterização da Escola

O nome dado à escola foi uma homenagem ao professor Mathias Schütz, fundador da primeira escola paroquial, em 1º de janeiro de 1847, na paróquia da comunidade católica de Bom Jardim, hoje Ivoti.

O professor Mathias Schütz nasceu em Theley, na Alemanha, em 21 de agosto de 1821, veio para o Brasil em 20 de setembro de 1846, aos 25 anos, desembarcando em Porto Alegre. Mais tarde, soube que a comunidade de Bom Jardim (antigo nome de Ivoti) solicitava

o envio de um professor para que pudesse ser aberta uma escola primária. Assim, em 1º de janeiro de 1847, Mathias Schütz assumia a recém fundada escola paroquial da comunidade católica de Bom Jardim, à frente da qual permaneceu por cinquenta anos. Poucas pessoas tiveram tanta importância na história de Ivoti como o professor Mathias Schütz.

Em 1º de agosto de 1962, foi criada a Escola Normal Professor Mathias Schütz, a primeira escola de grau secundário de Ivoti. A Escola Estadual de Educação Básica Prof. Mathias Schütz iniciou com 42 alunos. Hoje, tem aproximadamente 900 alunos, distribuídos em três turnos, tendo educação pré-escolar, ensino fundamental e ensino médio. Localiza-se na Rua Moinho, número 355, Bairro Farroupilha, no município de Ivoti.

A Escola Mathias (nome abreviado carinhosamente) recebe alunos de todo o município de Ivoti, bem como de Lindolfo Collor, Presidente Lucena, Estância Velha, Novo Hamburgo e São Leopoldo.

Ivoti é uma cidade integrante da região metropolitana de Porto Alegre. Possui aproximadamente 18,5 mil habitantes e apresenta fortes traços culturais da colonização alemã.

3.2 Instrumentos da Pesquisa

3.2.1 Plano de Estudos

O Plano de Estudos da escola está estruturado obedecendo às seguintes divisões:

- I – Dados de Identificação
- II – Introdução
- IV – Componentes Curriculares – Programas
- V – Metodologia do Ensino
- VI – Avaliação
- VII – Estrutura Curricular

O Plano de Estudos que está hoje em vigor na escola teve seu processo de elaboração a partir da aprovação da Lei de Diretrizes e Bases Nacional (Lei nº 9394/96). O trabalho de elaboração iniciou-se em 1998, com intensificação em 2001 e teve sua vigência em 2002, e

está sendo rediscutido anualmente. A construção desse plano contou com a participação de todos os segmentos da comunidade escolar.

Os objetivos e fins da escola prezam por um ensino pautado no respeito aos princípios filosóficos que emanam da legislação em vigor, bem como das diretrizes e dos princípios da Constituinte Escolar. Assim, o processo de construção do conhecimento destaca que a escola deve ter presente em suas ações a dimensão coletiva, social e participativa desse processo.

O currículo é desenvolvido por série, cujos programas e cargas horárias estão estabelecidos no Plano de Estudos.

Na análise dos dados, citarei alguns conteúdos que aparecem nos programas do Plano de Estudos e que poderiam ser relacionados com Educação Financeira.

3.2.2 Investigação Prévia

O instrumento de investigação prévia foi um questionário (ANEXO 1) de múltipla escolha, cujas questões versaram sobre aspectos que dizem respeito a temas relacionados com uma Educação Financeira e abordaram assuntos como o conhecimento de planejamento orçamentário, impostos, formas de compras de bens ou produtos, consumo responsável e se esses assuntos já foram tratados no decorrer da trajetória estudantil dos alunos da turma 302.

O questionário foi aplicado no primeiro encontro e teve como objetivo traçar um perfil da turma, da mesma forma que auxiliou na organização das atividades práticas que foram desenvolvidas.

3.2.3 Intervenção Pedagógica

Busquei trabalhar alguns assuntos que envolvem Educação Financeira e que foram citados no questionário de investigação prévia.

Dentro do universo do mundo financeiro, poderia ter trabalhado muitos temas, mas selecionei alguns assuntos que acredito importantes e que poderiam facilmente ser incluídos nos currículos escolares, uma vez que é possível estabelecer relações com conteúdos básicos e situações do cotidiano dos alunos. Conforme Cerbasi:

Ao menos indiretamente, o currículo escolar tem como objetivo preparar cidadãos para a vida. Ou ao menos deveria ter. Mas nosso currículo esqueceu-se de levar em consideração que o pobre trabalhador que cresceu numa economia também pobre precisa saber tanto sobre as armadilhas dos juros dos crediários quanto sobre os métodos para extrair as raízes de uma equação de terceiro grau (CERBASI, 2006, p. 34).

Da mesma forma, acredito que é muito importante aprender na escola noções de Geografia, Química, Literatura, Física, Gramática e Álgebra, entre outras. Cerbasi (2006, p. 34) ainda conclui que: “Mas seria muito importante também adquirir noções sobre o funcionamento de bancos, economia doméstica, orçamento e juros compostos. Afinal, todos os que concluírem a escola vão lidar, um dia, com esses elementos”.

Para a realização das atividades que foram desenvolvidas com a turma, escolhi os assuntos que dizem respeito à história da moeda, impostos, economia doméstica, orçamento familiar, produtos bancários, consumo, aproveitamento total de alimentos, reciclagem como forma de trabalho e preservação do meio ambiente.

Realizei uma intervenção prática de 24 horas-aula, que se iniciou em junho e terminou em outubro de 2008. Como acredito que Educação Financeira deva ser trabalhada de forma interdisciplinar, utilizei períodos de aulas de várias disciplinas. Assim, a direção organizou um cronograma que envolvesse o maior número possível de disciplinas diferentes. Os professores foram convidados a participar das aulas se desejassem.

3.2.3.1 Planejamento das Aulas

Uma semana antes do início das aulas, fui conhecer a turma. Na oportunidade, fui apresentada à turma pela direção da escola e explanei sobre a pesquisa que seria trabalhada com o grupo.

Para descrever as aulas, usarei um roteiro como orientação, no qual nomearei as aulas de 01 a 12. Cada aula foi de dois períodos, num tempo total de 90 minutos. Nesse roteiro, apenas será relatado como aconteceram as aulas; que serão analisadas e discutidas no Capítulo 4.

Em todas as aulas, houve uma conversa inicial, retomando-se o assunto da aula anterior e esclarecimento de dúvidas, pois conforme Tiba (2005, p. 215): “O fato de os alunos já estarem sentados em suas carteiras não significa que seus cérebros estejam prontos para receber a aula”.

De forma que, iniciar as aulas fazendo questionamentos sobre a aula anterior é uma maneira de possibilitar ao aluno que ele se situe sobre onde se parou e o ponto de partida para a realização da nova aula, uma vez que ele recebe por dia até cinco tipos de informações das diferentes disciplinas curriculares. Ainda citando Tiba (2005, p. 215), “se o professor perguntasse aos alunos: Quem se lembra da última aula? os alunos reagiriam: Aula? Que Aula?”

Assim, em todas as aulas, foram feitas essa conversa inicial e questionamentos sobre a aula anterior. Nesses momentos, através dos depoimentos levantados pelos alunos ou manifestação de maior interesse sobre determinados assuntos, aproveitei para esclarecer e, quando possível, indicar subsídios para pesquisa adicional sobre os mesmos.

Aqui, preciso registrar que minha linha de pesquisa trata de novas tecnologias, recursos e materiais didáticos para o ensino de Ciências Exatas. Desafiei-me a realizar diferentes formas de atividades que, no meu entender, contribuíram na busca de metodologias atuais, onde pude contar com situações que envolvem o cotidiano dos alunos.

No livro “Fomos maus alunos” (2003), no diálogo entre Dimenstein e Alves, onde eles discorrem sobre suas experiências enquanto alunos e descobrem que, mesmo sendo de épocas distintas, apresentam muitas semelhanças, eu me incluo e, muitas vezes, me questiono se os alunos hoje não estão pensando o mesmo.

Dimenstein e Alves (2003, p. 9) questionam se “não seria possível pensar que o nosso dever primeiro seria satisfazer essa curiosidade original, curiosidade que faz com que a

aprendizagem do mundo seja um prazer?” Refletindo sobre as experiências de que falam Dimenstein e Alves, “ficamos então, a partir das nossas próprias experiências de aprendizagem, a pensar que deve ser possível uma experiência de aprendizagem baseada na curiosidade e não imposta pelos programas”. Acredito que apostar em uma metodologia que valoriza as vivências dos alunos possa saciar essa curiosidade original de forma prazerosa.

Dimenstein e Alves ainda falam que os alunos não têm fome dos programas que lhes são oferecidos e questionam se uma aprendizagem baseada na fome seria possível, apontando que a comida, os programas oferecidos aos alunos, eles não querem comer.

Assim, conduzi as atividades procurando relacionar diferentes áreas de conhecimento, priorizando ouvir as curiosidades dos alunos e buscando juntos saciar a “fome”, as necessidades para aquele momento.

Na sequência, relato como ocorreram as aulas. Indicando a data, o dia da semana e os períodos, pois acredito que são dados que podem interferir na realização das atividades.

Aula 01 – 19/06/08 – quinta-feira – 1º e 2º períodos

Na primeira aula, a vice-diretora e a professora titular da turma deram-me as boas-vindas e posteriormente introduziram-me à turma. Nesse momento, expuseram aos alunos que realizaríamos aulas todas as semanas e que essas faziam parte de minha pesquisa de Mestrado. Em seguida, falei que antes de iniciarmos as aulas propriamente ditas, gostaria que respondessem a um questionário (ANEXO 1) que continha questões de investigações sobre alguns conhecimentos a respeito dos assuntos que iríamos trabalhar. Optei por aplicar o questionário na primeira aula para que fosse o mais espontâneo/verdadeiro possível e para meu acompanhamento no esclarecimento de dúvidas que pudessem surgir.

O objetivo desse questionário foi traçar um perfil da turma em relação aos aspectos que dizem respeito a temas relacionados com Educação Financeira, bem como iniciar a investigação sobre o que eles já conheciam do tema.

Em todas as informações coletadas, foram preservados os nomes dos alunos, de forma que eles pudessem se sentir à vontade e participassem das aulas. Para análise das respostas, o questionário prévio foi numerado de acordo com o número total de alunos da turma. Assim, na análise, foram usadas as informações citando-se aluno 1, aluno 2 até número total, ou seja, 33 alunos.

As cinco primeiras questões do questionário tiveram como objetivo caracterizar a turma por faixa etária, sexo e a que nível de renda mensal vive o seu grupo familiar.

Nas demais questões, busquei fazer um levantamento sobre o conhecimento dos alunos a respeito de assuntos relacionados à Educação Financeira, tais como: planos de assistência de saúde, controle/planejamento de orçamento familiar, impostos, critérios para realização de compras (formas de pagamento), consumo/economia de produtos e serviços, de que forma esses assuntos apareceram no decorrer de sua vida estudantil e se eles achavam necessário aprender esses assuntos na escola.

Nesta mesma aula, após responder às questões, iniciei com a história da origem do dinheiro. Essa atividade foi realizada com a projeção de *slides* no *data show*, com um breve relato sobre o que trataríamos nas aulas e contando, resumidamente, a origem do dinheiro, sem a pretensão de realizar uma aula de História. Para a construção dos *slides*, busquei dados no site www.casadamoeda.gov.br.

Com a projeção dos *slides*, utilizando figuras e textos, abordei assuntos pontuais, como o que é escambo; as primeiras manifestações de moedas; a cunhagem das primeiras moedas até chegar às formas abstratas de moedas que existem hoje, como o cheque e o cartão de crédito. Durante a atividade, questionei os alunos sobre o que conheciam a respeito da origem do dinheiro e tentei dar uma ideia de como surgiu a necessidade de se criar uma moeda, procurando responder a questões que constantemente se escutam, como:

- *Quem inventou o dinheiro?*
- *Por que existe o dinheiro?*
- *Quem tem dinheiro tem tudo?*

Os alunos foram orientados de que, em todas as aulas, seriam trabalhados assuntos que apareceram no questionário prévio, que eles responderam no início da aula.

Nesta aula também procurei informar a forma como seria avaliado o trabalho realizado. Assim, na realização das atividades, não se fariam provas ou trabalhos como os utilizados nas avaliações feitas na escola. O que se pretendia era trabalhar assuntos que dizem respeito à Educação Financeira, buscando validar a importância de se incluir esses assuntos na escola. Desta forma, a avaliação do trabalho dar-se-ia durante as aulas, nas discussões e no recolhimento aleatório de algumas atividades e pelas entrevistas gravadas que seriam realizadas após o término das aulas.

Aula 02 – 26/06/08 – quinta-feira – 4º e 5º períodos

Nesta aula, abordei questões a respeito dos gastos realizados pelos alunos, ou que ainda realizariam naquele dia. O objetivo desta atividade foi fazer com que os alunos refletissem a respeito de seus pequenos gastos, fazendo-os pensar sobre alguns gastos que realizaram e pelos quais não necessariamente tiveram que pagar no ato.

Foram selecionados alguns produtos que são utilizados no dia-a-dia e esses, juntamente com seus respectivos preços médios no mercado, foram apresentados em *slides* no *data show*. Após, fizemos algumas previsões de gastos para aquele dia.

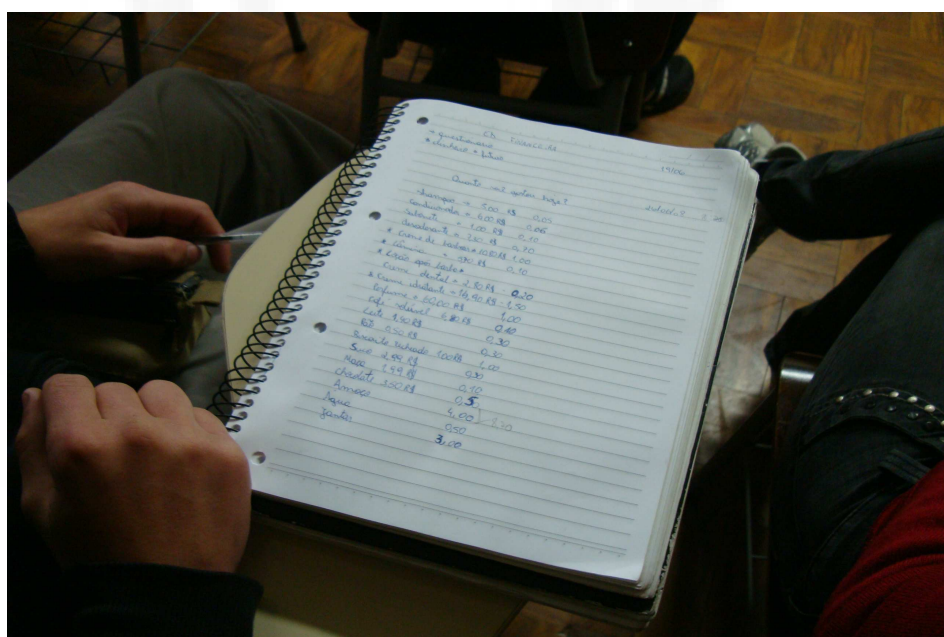
Os produtos selecionados eram coisas comuns, utilizadas por todos, como sabonete, creme dental, xampu, café, pão, leite, passagens de ônibus, lanches, e outros que pudessem fazer parte da realidade dos alunos. Os valores sugeridos (projetados) eram preços médios praticados no comércio local. Para cada produto procurou-se discutir um percentual de gasto que eles acreditavam ser o adequado. Por exemplo: Um xampu custava em média R\$ 4,80, porém eles não gastaram tudo de uma vez, então foi combinada uma porcentagem de 1% do valor. Logo, o gasto nesse caso foi de aproximadamente R\$ 0,05. Assim também com o leite, por exemplo: se um aluno tomou um copo ou um litro, os valores tiveram variações.

Como foi feita uma projeção de valores de gastos somente de um dia, não foram computados serviços como consumo com água, luz, telefone, pois ficava bastante difícil

estimar um valor aproximado desses consumos individuais para um dia. Valores pagos por contas de luz, água, telefone e outros gastos maiores seriam tratados em outra aula posteriormente.

Pretendia-se, nesta aula, fazer com que os alunos refletissem sobre esses gastos, discutissem a necessidade dos gastos realizados, avaliassem se algum produto poderia ser cortado e se poderiam representar esse valor em forma de percentual. Também questionei-os a respeito de *quem pagou por esses gastos? Foi o pai? A mãe? Ou o próprio aluno?*

Com os valores totais, os alunos realizaram projeções de gastos para um mês, estabelecendo a relação desses valores com o valor do salário mínimo vigente. Solicitei que fizessem projeções para todo o grupo familiar, supondo que todos gastassem o mesmo valor gasto pelo aluno.



Fonte: Autora

FIGURA 1 – Lista dos gastos do dia

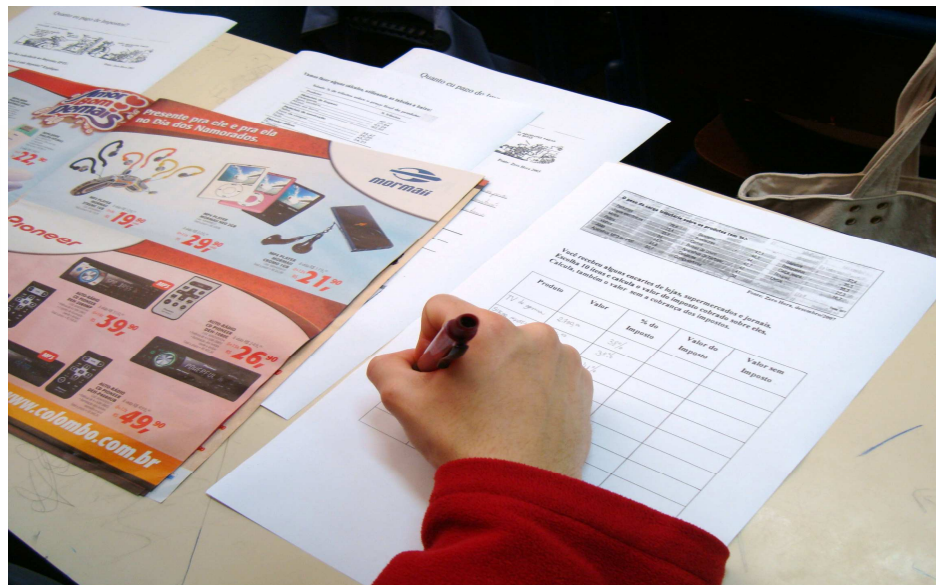
Propus também que os alunos fizessem um controle dos seus gastos. Orientei que deveriam anotar, agora, os gastos pagos com suas mesadas, dinheiro que recebiam de seus pais ou de seus salários, para os que já trabalhavam. Essas anotações foram utilizadas para a Aula 07, em 02/09/08.

Aula 03 – 01/07/08 – terça-feira – 1º e 2º períodos

O assunto pautado para esta aula foram os impostos. Para a realização desta atividade, foi utilizada uma folha (ANEXO 2A) onde constava uma charge do jornal Zero Hora, 2005, referindo-se ao imposto IPTU (Imposto sobre Propriedade Territorial Urbana).

No primeiro momento, os alunos foram questionados sobre o que sabiam sobre impostos e que impostos conheciam. Na sequência, foram distribuídas reportagens de jornais que tratavam do tema para os alunos, distribuídos em grupos de três. Eles realizaram a leitura no grupo, e, em seguida, ouvimos alguns depoimentos sobre o que cada grupo leu. Foi solicitada a leitura para o grande grupo de duas reportagens, que se encontram no ANEXO 2B, e as demais foram apenas comentadas.

Posteriormente, distribuí encartes de lojas, jornais e tabelas de porcentagens de impostos sobre alguns produtos (ANEXO 2C). Os alunos escolheram pelo menos dez produtos para realizar o cálculo de quantos por cento são cobrados de imposto sobre o produto.



Fonte: Autora

FIGURA 2 – Cálculos de impostos

Eles puderam escolher eletrodomésticos, alimentos, bebidas, roupas, brinquedos, livros, carros (valor do automóvel), gasolina, entre outros.

Nesta aula, não foram calculados impostos sobre bens e serviços, como casa, carro, luz, água, trabalho, entre outros. Esses assuntos foram trabalhados na Aula 04, que foi continuação do tema impostos.

A turma foi dividida em grupos para a realização da pesquisa sobre alguns impostos. Os impostos pesquisados foram aqueles citados pelos alunos quando questionados sobre que impostos conheciam e mais alguns selecionados por mim. Os impostos pesquisados foram:

- Imposto sobre Propriedade Territorial Urbana – IPTU,
- Imposto sobre Propriedade de Veículos Automotores – IPVA,
- Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços – ICMS,
- Instituto Nacional do Seguro Social – INSS,
- Imposto de Renda Pessoa Física – IRPF,
- Imposto sobre Operações Financeiras – IOF,
- Imposto sobre Transmissão de Bens Imóveis – ITBI,
- Imposto sobre Produtos Industrializados – IPI,
- Imposto sobre Serviços de Qualquer Natureza – ISSQN e
- Imposto Territorial Rural – ITR.

Solicitei aos alunos que procurassem se informar sobre os percentuais de impostos cobrados nas contas de luz, telefone, água e outros serviços utilizados por seus familiares.

Para a realização dessa pesquisa, cada grupo deveria responder a três questões a respeito do imposto:

- 1 – O que é o imposto.....? (preenchido com o imposto indicado para o grupo)
- 2 – Qual o percentual cobrado por este imposto?
- 3 – Qual o destino do valor arrecadado pelo imposto?

Informei alguns *sites* para a pesquisa, além de salientar que poderiam conseguir dados junto aos órgãos competentes do determinado imposto. Por exemplo, sobre o imposto IPTU poderiam conseguir informações na Prefeitura da cidade.

Observação: Aconteceu um intervalo de 44 dias entre as Aulas 03 e 04. Os motivos foram: participei do Quinto Encuentro Iberoamericano de Coletivos y Redes de Maestros que hacen investigación e innovación desde su escuela y comunidad, na Venezuela de 13/07 a 20/07/08, recesso escolar entre 21/07 a 04/08/08 e retorno da direção em 12/08, que estava em viagem pela Europa.

Aula 04 – 14/08/08 – quinta-feira – 1º e 2º períodos

Conforme havia combinado com os alunos, eles seriam avisados com uma semana de antecedência do reinício das aulas. Então, no dia 08/08/08, estive na escola conversando com os alunos e lembrando que, na aula do dia 14/08, eles deveriam trazer as pesquisas realizadas sobre impostos.

Dando continuidade à aula anterior em uma conversa inicial, retomei com os alunos sobre suas impressões dos impostos trabalhados. Na sequência, os alunos reuniram-se nos grupos para discutir as questões de acordo com a pesquisa realizada.

Além dessa pesquisa, foram fornecidos materiais, como cartilhas da Receita Federal, reportagens de jornais, folha de papel pardo, canetas coloridas, para que os grupos realizassem um resumo do imposto pesquisado, para posterior apresentação. Nesse momento, orientei e esclareci dúvidas sobre o que foi pesquisado.

Após redigir os resumos, os grupos apresentaram para o grande grupo, com contribuições da professora e dos alunos. Os cartazes ficaram expostos na sala de aula e no auditório da escola quando da palestra dos auditores da Receita Federal em 22/08/08.

Aula 05 – 22/08/08 – sexta-feira – 4º e 5º períodos

Os alunos assistiram a uma palestra de funcionários auditores da Receita Federal de Novo Hamburgo – RS. Essa palestra teve como objetivo esclarecer dúvidas que tivessem ficado sobre as aulas 03 e 04 sobre impostos, uma vez que os funcionários da Receita Federal fazem parte do Programa Nacional de Educação Fiscal (PNEF), desenvolvido sob a coordenação geral da Escola de Administração Fazendária (Esaf). Essa palestra também teve como objetivo proporcionar aos alunos o conhecimento a respeito do papel de um órgão do Governo que fiscaliza e faz cumprir leis sobre impostos.

O PNEF é uma iniciativa com parceria do Ministério da Fazenda e Ministério da Educação. Esse programa foi instituído em 1996 e implantado em 2002. Conforme Fernandes, Coordenador Nacional do PNEF, a Educação Fiscal tem como objetivo:

O desenvolvimento de valores e atitudes, competências e habilidades necessárias ao exercício de direitos e deveres na relação recíproca entre cidadão e o Estado, a partir de melhor entendimento da vida em sociedade; da estrutura e do funcionamento da Administração Pública; da função socioeconômica dos tributos; da aplicação dos recursos públicos; das estratégias e dos meios para o exercício do controle social (PNEF, 2004, p. 5).

Esse programa tem capacitado professores voluntários, através de um Curso de Disseminadores de Educação Fiscal, que aplicam depois os conhecimentos em sala de aula.

Participaram, também, dessa palestra, a pedido dos professores, os alunos das outras duas turmas de 3º ano da escola. Contou-se também com a presença das professoras de Geografia, Física, Filosofia e Sociologia, Educação Física e da coordenadora pedagógica.

Através de contato com a repórter do jornal local “O Diário”, de Ivoti, falei a respeito da palestra. A repórter entrou em contato com os auditores, realizou a entrevista e publicou uma reportagem em 26/08/08, a qual se encontra no ANEXO 2D.

Aula 06 – 28/08/08 – quinta-feira – 4º e 5º períodos

Na Escola Mathias, a sala de informática é muito pequena e possui 14 computadores, sendo que apenas oito estão funcionando. Com a autorização das escolas, foi utilizado o laboratório de informática do Instituto de Educação Ivti, escola onde leciono. Assim, os alunos puderam trabalhar em duplas ou individuais, pois o laboratório de informática do Instituto possui 26 computadores com Sistema Operacional Windows XP, Programa do tipo Excel da Microsoft® e Internet com provedor próprio, facilitando e agilizando a realização da aula.

No final da palestra da aula anterior, foi solicitado que os alunos trouxessem as anotações dos gastos anotados a partir de 26/06 até o dia da aula. Também foi solicitado que pesquisassem preços de um produto no mercado local. Deveriam anotar o preço do produto em duas condições: o preço à vista e o preço a prazo. Os alunos que pretendiam adquirir esse produto poderiam trazer mais de um orçamento de lojas diferentes.

Para os alunos que não realizaram os orçamentos, foram fornecidos alguns *folders* de lojas com produtos elétricos e eletrônicos, entre outros, para que selecionassem um item para que realizassem a atividade proposta. Também foram orientados a pesquisar em *sites* de busca de lojas para comparar mais alguns valores.

Pretendia-se dividir essa aula em dois momentos: primeiro, a discussão de qual a melhor forma de compra dos produtos pesquisados, se à vista ou a prazo; segundo, a discussão de como foram os gastos realizados no período. Porém houve um contratempo no deslocamento da turma de uma escola para outra e assim realizamos somente o planejado para o primeiro momento e uma pequena demonstração da utilização do programa do tipo Excel da Microsoft® para produzir planilhas de orçamento.

Nesta aula, discutimos como eles faziam o planejamento para as compras que realizavam. Se o que normalmente compravam era necessário e quais seus critérios para realizar essas despesas.

Com um roteiro, conforme o ANEXO 3, foram realizados cálculos simples do valor à vista e valor a prazo. Foi ensinado como calcular nas planilhas do tipo Excel da Microsoft® o

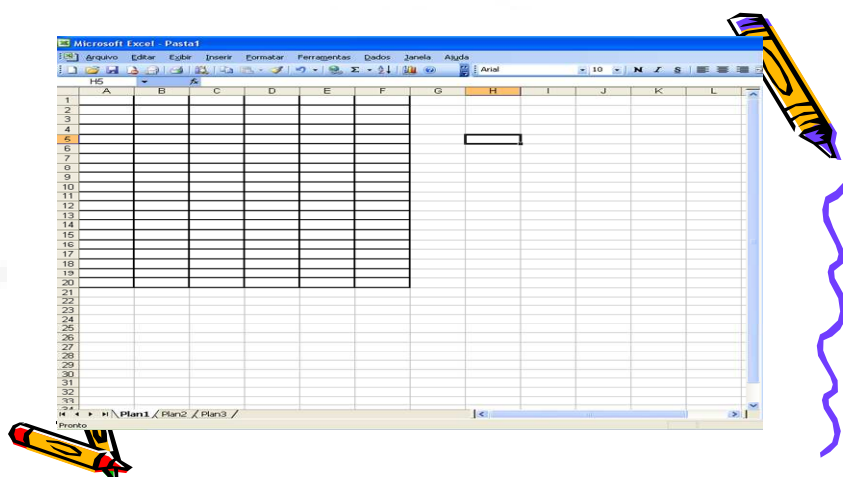
valor de correção da caderneta de poupança, para que eles pudessem fazer uma projeção em quanto tempo poderiam obter o valor do produto para comprá-lo à vista. Aproveitei a pesquisa realizada para questioná-los sobre a forma como pagariam o produto pesquisado, justificando suas opções.

No final da aula, expliquei como poderiam utilizar o programa do tipo Excel da Microsoft® para construir planilhas e tabelas, salientando que trabalharíamos com elas em nosso próximo encontro.

Aula 07 – 02/09/08 – terça-feira – 1º e 2º períodos

Dando continuidade à proposta da aula anterior, foram trabalhados os dados dos gastos realizados e anotados pelos alunos, com algumas contas fixas de suas famílias ou particulares, tais como: luz, água, telefone, carnês de lojas, faturas de cartão de crédito, entre outros.

Retomei as planilhas de orçamento explicadas na aula anterior através de *slides* no *data show* (Figura 3).



Fonte: Autora

FIGURA 3 – Planilha de orçamento do programa do tipo Excel da Microsoft®

Além do modelo fornecido (ANEXO 4A), exemplifiquei com outro modelo retirado do jornal Zero Hora do caderno Empregos & Oportunidades (Figura 4), projetado no *data show*.

MODELOS DE CONTROLE

Veja abaixo um modelo de planilha elaborado para o Projeto Educar, desenvolvido pela Bolsa de São Paulo.

Adapte-o as suas necessidades e comece a fazer o controle do orçamento financeiro.

Controle de Gastos/Mês

Receitas			
Salário	R\$		
Aluguel	R\$		
Pensão	R\$		
Horas extras	R\$		
Outros	R\$		
Total de Receitas	R\$	✓	
Despesas			
Gastos Fixos			
Aluguel	R\$		
Luz	R\$		
Água	R\$		
Telefone	R\$		
Gás	R\$		
Condomínio	R\$		
Prestação da casa	R\$		
Diarista	R\$		
Mensalista	R\$		
Prestação do carro	R\$		
Seguro do carro	R\$		
IPTU	R\$		
IPVA	R\$		
Seguro-saúde	R\$		
Colégio	R\$		
Faculdade	R\$		
Providência	R\$		
Outros	R\$		
Subtotal	R\$	✓	
Gastos Variáveis			
Alimentação	R\$		
Clube	R\$		
Academia	R\$		
Telefone Celular	R\$		
Taxas de serviços financeiros	R\$		
Transporte	R\$		
Outros	R\$		
Subtotal	R\$	✓	
Gastos Adicionais			
Viagens	R\$		
Cinema/teatro	R\$		
Restaurantes	R\$		
Presentes	R\$		
Outros	R\$		
Subtotal	R\$	✓	
Gastos Extraordinários			
Médico	R\$		
Dentista	R\$		
Manutenção da casa	R\$		
Manutenção do carro	R\$		
Carros	R\$		
Subtotal	R\$	✓	
Total de Despesas	R\$	✓	
Saldo total	R\$	✓	

Fonte: Zero Hora, 26/11/06

Fonte: Zero Hora, 26/11/06, p. 6

FIGURA 4 – Modelo de controle orçamentário

Alguns alunos fizeram o relato de suas anotações de gastos no período. Anotei, pelo menos, cinco valores de gastos totais no quadro. Foram realizadas projeções de gastos considerando o grupo familiar e supondo que cada um realizasse o mesmo valor gasto pelo aluno.

Na sequência, foi realizada uma atividade (ANEXO 4B) em que cada aluno fez cálculos com algumas despesas fixas de sua família.

Como fechamento desta atividade, orientei sobre normas/combinções comuns que cada grupo familiar deve ter na realização de seus planejamentos, distribuindo cópia da planilha projetada no início da aula, bem como cópia de dicas (ANEXO 4C) para manter o orçamento sob controle, retiradas de Zero Hora (Zero Hora de 26/09/06, p. 6).

Aula 08 – 12/09/08 – sexta-feira – 1º e 2º períodos

Iniciei esta aula lembrando que uma das formas de realizar o pagamento das compras é através do uso do cartão de crédito. Então questionei os alunos sobre o que é cartão de crédito, para que serve e como utilizá-lo, solicitando que anotassem suas respostas em uma folha do caderno, que depois seria recolhida.

Contei nesta aula com a participação da professora de Geografia, que realizou a atividade juntamente com os alunos e contribuiu nas discussões.

Respondidas as questões, foram ouvidos alguns depoimentos de alunos, e propus uma atividade para a utilização do cartão de crédito.

Confeccionei cartões de crédito e faturas fictícias, utilizando o símbolo da escola como sendo a empresa dona do cartão. O cartão e a fatura encontram-se no ANEXO 5.

Os alunos foram convidados a realizar uma atividade fictícia de saída para um encontro de estudantes, onde permaneceriam por dois dias e teriam que contar apenas com um cartão de crédito para compras que se fizessem necessárias. Orientei que, na vida real, após realizarem os gastos, as faturas são encaminhadas para suas residências e que constam os nomes dos estabelecimentos onde foram adquiridas as mercadorias, mas que, para a realização da atividade, eles mesmos preencheriam os valores gastos, e com o quê e onde gastaram.

Os cartões possuíam limites diferentes, sendo que o valor mínimo era de R\$ 60,00 e o máximo de R\$ 120,00, possuindo ainda um limite de retirada “saque *cash*” de valores entre R\$ 10,00 e R\$ 30,00.

A entrega desses cartões foi de forma que o aluno não pudesse escolher os seus limites, tendo que retirar um cartão dentre vários que compunham um “leque”.



Fonte: Autora

FIGURA 5 – “Leque” de cartões de crédito fictícios

As sugestões de algumas mercadorias para compra foram projetadas em *slides* no *data show*. O aluno foi orientado a comprar o que precisasse para aqueles dois dias. Foi combinado que eles não precisavam gastar com hotel e café da manhã, pois já estaria no “pacote fictício”.

Da mesma forma que em atividades anteriores, nas discussões, questionei-os sobre a necessidade de realização dos gastos, o corte de alguns itens, sobre quem se preocupou em controlar as despesas para não ultrapassar o limite do cartão, sobre quem fez um planejamento do que era necessário para o período de dois dias, se haviam comprado muitos supérfluos, sobre quem exerceu o autocontrole na hora de comprar, evitando gastos sem pensar. Na discussão de dados, abordarei com detalhes essas questões.

Para finalizar a atividade, os alunos escreveram suas impressões sobre o uso do cartão de crédito na mesma folha em que, no início da aula, responderam às três questões iniciais.

Aula 09 – 16/09/08 – terça-feira – 4º e 5º períodos

Com o objetivo de conhecer alguns produtos oferecidos pelos bancos, neste encontro, os alunos aprenderam a preencher cheques, bem como a realizar controles no canhoto dos

mesmos. Pretendeu-se, também, trabalhar questões como “estar negativo”, empréstimos, entre outros assuntos.

Nesta aula, contou-se com a presença de minha professora orientadora do Mestrado, Miriam Ines Marchi. Foi combinado que ela realizaria a atividade junto com os alunos, participando das discussões, contribuindo na realização da mesma.

Para essa atividade, os alunos receberam cópias de cinco folhas de cheques e um extrato de conta corrente fictício (ANEXO 6).

No primeiro momento, foram explorados os termos que aparecem no cheque, lendo os campos e explicando, com ajuda dos que já conheciam um pouco a respeito. Na sequência, solicitei que preenchessem os cheques, anotando a data, o valor do cheque e para quem ou a que se destinava o cheque. Alguns alunos questionaram sobre o saldo, então informei que seria fornecido depois.

Para esse momento, trabalhei no quadro negro com um modelo de cheque e foram discutidas dificuldades que iam aparecendo.

Em seguida, cada aluno retirou, de forma aleatória, de uma caixa, três valores, sendo um deles o saldo inicial de suas contas, um crédito e um débito para serem anotados em seus canhotos de cheques. Orientei que realizassem os cálculos considerando esses valores. Exemplifiquei com um modelo no quadro e orientei as duplas ou grupos.

Os alunos fizeram os cálculos e obtiveram os saldos de suas contas. Posteriormente, foi distribuída uma cópia de um extrato de conta corrente, onde eles deveriam transcrever as operações realizadas no canhoto de seus talões de cheques. Novamente fui passando e orientando como proceder.

Quanto aos juros cobrados pelos bancos, bem como outras dúvidas que surgiram durante as discussões, solicitei que anotassem para que, em visita ao banco na próxima aula, pudessem esclarecer com o gerente.

Tanto nesta atividade como na anterior, sobre o cartão de crédito, durante as discussões, salientei a necessidade de se incluir o uso dessa forma de pagamento de suas compras no planejamento orçamentário, lembrando que, para se pagar com cartão ou com cheque, é preciso que se disponha do recurso em dinheiro para saldar a dívida contraída.

No final da aula, a professora Miriam pediu a palavra, comentou a respeito de meu trabalho e agradeceu à escola e aos alunos por se prontificarem a colaborar em minha pesquisa.

Aula 10 – 23/09/08 – terça-feira – 2º e 3º períodos

Procurando fundamentar os conhecimentos adquiridos em aula, foi realizada uma visita a uma instituição bancária. Na escola, antes de sair para a visita, o grupo fez um levantamento das questões que os alunos desejavam colocar para a gerente.

Agendei com a gerente para que a visita acontecesse antes da abertura do banco, para facilitar os questionamentos e as respostas dos mesmos.

Na oportunidade, fomos acompanhados pela professora de Matemática da turma, que participou tirando suas dúvidas.

Quando da combinação para a realização da visita, conversei com a gerente sobre a minha pesquisa de Mestrado que estava sendo desenvolvida com a turma, bem como sobre os objetivos que tinha com essa visita. Assim, a gerente geral da agência da Caixa Econômica Federal de Ivoti iniciou sua fala discorrendo sobre o que é e como funciona um banco. Durante sua apresentação, os alunos foram convidados a participar com perguntas, as quais foram sendo respondidas.

No término da visita, fui com um grupo de aproximadamente 10 alunos (os que tinham interesse) até a sala de autoatendimento, onde realizei uma retirada de extrato de minha conta, aproveitando para explicar o procedimento.

Aula 11 – 01/10/08 – quarta-feira – 1º e 2º períodos

Com o objetivo de refletir sobre o fato de que pensar Educação Financeira não é possível sem se levar em conta o meio em que se vive, foi assistido, nesta aula, um documentário sobre aproveitamento de alimentos e reciclagem, discutindo-se o ganho e uso do dinheiro, a preservação do meio ambiente, as formas de desperdícios de alimentos, entre outras questões que surgiram. Esse documentário foi exibido pela Rede Globo em setembro de 2004 no Globo Repórter (www.globo.com/globoreporter).

O documentário tratava de como se pode aproveitar melhor os alimentos, ensinando receitas que poderiam ser feitas inclusive com partes de frutas, legumes e verduras que normalmente jogamos fora. Outra parte do documentário exibia exemplos de reciclagem, mostrando como acontece todo o processo desde que nós depositamos o lixo nas lixeiras até a transformação em algumas usinas. Também foi oportuno conhecer os trabalhadores que lidam e vivem do processo de reciclagem.

Solicitei aos alunos que respondessem, após assistir ao documentário, a três questões. São elas:

- 1 – Que mensagem significativa você pode tirar do filme?*
- 2 – De que forma você pode contribuir na sua casa, escola, cidade, exercendo o seu papel de cidadão?*
- 3 – Que relação o assunto do filme tem com Educação Financeira?*

Aula 12 – 10/10/08 – sexta-feira – 4º e 5º períodos

Como fechamento das aulas, os alunos assistiram a um documentário sobre economia exibido pela Rede Globo em agosto de 2004 no Globo Repórter (www.globo.com/globoreporter).

Escolhi esse documentário para finalizar nossas aulas, pois ele representava, de certa forma, um resumo das atividades desenvolvidas. Mostrava situações de pessoas que fazem um planejamento e um controle do orçamento, as dificuldades que enfrentam as pessoas que

utilizam cartões de crédito sem conhecer o seu funcionamento, pessoas que conseguiram adquirir bens e manter poupanças fazendo um controle de seus gastos e guardando para desfrutar em momentos futuros, pensando em qualidade de vida.

Nesta aula, contamos com a participação do diretor da escola, que é também professor de Português da turma.

Após o filme, entreguei aos alunos um resumo (ANEXO 7) ilustrado com charges de jornais. Realizei a leitura e fui comentando, fazendo alusão às atividades desenvolvidas ou a passagens da palestra, da visita ao banco, dos documentários assistidos. Contei, neste momento, com a colaboração do professor de Português, que também se pronunciou a respeito dos assuntos.

Como despedida, projetei um vídeo com o título “A jornada”, produzido por Mainyak Productions & Kojo Pictures, 2002, disponível no site www.siamar.com.br, que cita frases de pensadores e, ao mesmo tempo, mostra um trem partindo de uma estação e seguindo seu curso. O objetivo de fazer o fechamento das aulas com esse vídeo era lembrar aos alunos que eles estavam terminando uma jornada, que é a conclusão do ensino médio, e que logo iniciariam outra, que alguns já haviam iniciado, que é o ingresso no mercado de trabalho.

Na maioria das aulas, fui registrando com fotos alguns momentos. Também nesta aula fotografei o grupo como despedida.

3.2.3 Entrevistas

Segundo Marconi e Lakatos, “há diferentes tipos de entrevistas de acordo com o propósito do entrevistador”:

- b) Despadronizada ou não estruturada. O entrevistado tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada. É uma forma de poder explorar mais amplamente uma questão. Em geral, as perguntas são abertas e podem ser respondidas dentro de uma conversação informal (MARCONI E LAKATOS 1990, p. 85).

No primeiro dia de aula, já havia conversado a respeito das entrevistas finais para avaliar o trabalho realizado. Durante as aulas, lembrava aos alunos que fossem pensando sobre quem gostaria de se prontificar na participação dessas entrevistas, explicando como elas aconteceriam.

No último dia de aula, solicitei os nomes dos alunos voluntários para as entrevistas. Sete alunos se candidataram. Pelo menos mais cinco alunos me procuraram justificando que gostariam de participar, mas que não gostavam de se manifestar ou tinham muitos compromissos que os impossibilitavam de comparecer à escola em outro horário.

Como meu objetivo é de natureza qualitativa, propus-me a entrevistar um pequeno grupo da turma que se prontificasse em colaborar. Assim, não estabeleci critérios para a seleção desse grupo, deixando que a disponibilidade dos alunos em participar fosse o critério norteador. Porém, ao realizar a pesquisa junto à escola a respeito da constituição da turma, verifiquei que nenhum dos alunos fazia parte do grupo que teve sua trajetória toda na escola, sendo que, dos voluntários, dois ingressaram na escola na 6ª série e cinco no 1º ano do ensino médio. Como a turma possuía sete alunos que tiveram toda a sua trajetória estudantil nesta escola, achei importante incluir, pelo menos, um deles nas entrevistas.

Realizei as entrevistas com os oito alunos, no mês de novembro, agendando horários nos turnos da tarde e noite, uma vez que alguns trabalhavam e só puderam comparecer à noite.

Elaborei cinco questões que foram apresentadas aos alunos como forma de encaminhar as entrevistas. As questões foram:

1 – Durante sua trajetória de estudante, você realizou alguma atividade semelhante às que foram desenvolvidas nas aulas?

2 – No seu entender, é importante incluir assuntos relacionados à Educação Financeira na escola?

3 – Fale a respeito de como era o seu conhecimento dos assuntos trabalhados.

4 – Conhecer sobre esses assuntos o/a ajudou de alguma forma?

5 – Você gostaria de dizer mais alguma coisa?

Antes de iniciar a gravação das entrevistas, foi conversado com os alunos sobre como aconteceria, explicando os objetivos da realização da pesquisa. Solicitei que eles procurassem responder analisando as atividades desenvolvidas na intervenção prática.

As questões foram elaboradas de maneira aberta, buscando estabelecer um diálogo no qual o aluno pudesse falar de suas experiências com assuntos relacionados com Educação Financeira durante sua trajetória de estudante. Da mesma forma, busquei verificar se os conhecimentos trabalhados durante a intervenção contribuíram na melhoria de como lidavam com esses assuntos. Assim, com base nessas entrevistas, procurei responder às questões objeto de estudo desta pesquisa: *Os alunos do 3º ano do ensino médio de uma escola pública, no decorrer de sua trajetória de estudantes, tiveram algum contato com assuntos relacionados com uma Educação Financeira? Trabalhar na escola de forma que se possam relacionar os conteúdos curriculares com aspectos que dizem respeito ao “mundo financeiro” é possível?*

3.3 Avaliação do Trabalho

O processo de avaliação da pesquisa foi realizado de forma contínua, ou seja, durante o desenvolvimento das atividades e das discussões. Como apoios, foram recolhidas aleatoriamente algumas atividades realizadas.

Os professores titulares da turma foram convidados a assistir e participar das atividades. Aos professores que participaram das aulas solicitei depoimentos quanto à relevância e à forma de abordagem do assunto desenvolvido naquela aula.

Um grupo de oito alunos, no final das atividades práticas, participou da avaliação através de uma entrevista gravada a respeito do trabalho.

Na avaliação final da pesquisa, que aconteceu de forma qualitativa, analisei os dados obtidos com a realização da prática e das entrevistas gravadas. Desta forma, busquei encontrar uma possível resposta para meu objetivo inicial: *É importante incluir Educação Financeira na escola pública? A Educação Financeira poderá desenvolver uma postura adequada, saudável e responsável de forma a preparar cidadãos para a vida?*

4 ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, analisei o trabalho, organizando e dividindo os dados em três partes distintas, sendo:

4.1 Dados referentes ao Plano de Estudos da escola.

4.2 Análises das aulas desenvolvidas com a turma.

4.3 Apreciações das entrevistas, gravadas e transcritas, realizadas com oito alunos que se prontificaram a colaborar.

Após descrever as aulas, conforme falam Lüdke e André, parti para “trabalhar” o material acumulado durante a pesquisa.

Nesse momento, o pesquisador já deve ter uma idéia mais ou menos clara das possíveis direções teóricas do estudo e parte então para “trabalhar” o material acumulado, buscando destacar os principais achados da pesquisa (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 48).

Destaco que a estruturação do texto para análise deste capítulo foi apenas uma forma de organização e que, em alguns momentos, usarei falas ou citações para justificar ou complementar a discussão da aula, do tema, da atividade ou da entrevista realizada com os alunos.

4.1 Análise do Plano de Estudos

Através da leitura do Plano de Estudos da escola, procurei verificar conteúdos que pudessem estar relacionados com Educação Financeira e se fizeram presentes durante a trajetória estudantil dos alunos da turma 302 do terceiro ano do ensino médio.

Para a realização dessa análise, detive-me nos Componentes Curriculares – Programas, item IV do Plano de Estudos e em sua estruturação relatada anteriormente no Capítulo 3, Seção 3.2.1.

A escola considera que o processo educativo deve estar fundamentado no estudo da realidade vivida pelo grupo e, por conseguinte, na percepção crítica da realidade. Fundamentam (Projeto Político-Pedagógico, 2002) seus posicionamentos em Freire (2007, p. 24), concordando que ensinar/aprender deve ser “uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade”. No currículo, procuram ter presente a interdisciplinaridade e a transversalidade na construção da prática pedagógica. Destacando que a ética, a pluralidade cultural, o meio ambiente, a saúde, a educação sexual, o trabalho e o consumo devem perpassar todos os conteúdos das diferentes disciplinas, enquanto temas transversais.

Constatei que, a partir da educação infantil dos componentes listados nas 21 páginas que compõem o programa da escola, alguns sugerem a presença de conteúdos que foram trabalhados e que poderiam estar sendo relacionados ao tema objeto da pesquisa. Como, por exemplo, a “participação na realização de tarefas do cotidiano que envolva ações de cooperação, solidariedade e ajuda na relação com os outros (educação infantil) ou “todo estudo de Matemática é feito a partir de situações concretas”, e ainda “o sistema monetário será abordado a partir de vivências (compras no mercado)” (3ª série).

Na sequência, poderia citar “trabalho com programas de TV” (4ª série), “enriquecimento do vocabulário, com uso do dicionário e aplicação das palavras” (6ª série), “leitura, compreensão e análise global de textos diversos (literários, jornalísticos, publicitários), incluindo músicas e filmes” (8ª série), “linha de tempo da humanidade” e “matemática financeira – regra de três, juros, percentagem” (1ª série do ensino médio).

Esses são apenas alguns exemplos “recortes” que retirei desse programa para me ajudar na confirmação da viabilidade de se trabalhar com Educação Financeira de forma que se possa desenvolver uma proposta curricular interdisciplinar, pois foram citados conteúdos que fazem parte não só da disciplina de Matemática, mas de outras disciplinas como Português, História e Geografia. Ainda poderia incluir as demais disciplinas, visto que é possível dentro de uma prática interdisciplinar.

Fazenda diz que:

A polêmica sobre as comparações entre disciplina e interdisciplinaridade nos conduz a uma nova forma de acesso ao real, de inteligibilidade, em que as noções de parte e todo adquirem distinta abordagem. Essa nova abordagem é possibilitada ao submetê-la a um tratamento eminentemente pragmático, em que a ação passa a ser o ponto de convergência e partida entre o fazer e o pensar da interdisciplinaridade (FAZENDA, 2002, p. 67).

No Plano de Estudos, os conteúdos estão listados por série de ensino e por disciplinas pertinentes a cada série a partir da 5ª série.

Os PCNs orientam no sentido de que:

O tratamento da área e de seus conteúdos integra uma série de conhecimentos de diferentes disciplinas, que contribuem para a construção de instrumentos de compreensão e invenção na realidade em que vivem os alunos (Brasil, 2000, p. 62). Se é importante definir os contornos das áreas, é também essencial que estes se fundamentem em uma concepção que os integre conceitualmente, e essa integração seja efetiva na prática didática (BRASIL, 2000, p. 63).

Citando um texto extraído do Plano de Estudos da escola:

O fato do currículo formal, enquanto planos e propostas, somando ao currículo oculto, enquanto regras e normas não explicitadas que orienta as relações, representar o currículo real, o que de fato acontece na escola, nas aulas deve ser do conhecimento de todos que se engajam na busca da Escola qualificada e qualificadora (PLANO DE ESTUDOS, 2002).

Ainda, citando o Plano de Estudos: “As ações pedagógicas devem constituir um conjunto de experiências de aprendizagem que visem favorecer a assimilação, construção e a reconstrução de conhecimentos”. Desta forma, acredito que são essas ações pedagógicas,

aquelas de que fala Fazenda (2002, p. 89), “o ponto de convergência e partida entre o fazer e o pensar da interdisciplinaridade”. A autora também fala que “interdisciplinaridade não é categoria de conhecimento, é ação”. E, conforme os PCNs, essa ação está na integração efetiva da prática.

Destaco a presença das disciplinas de Sociologia na 2ª série e Filosofia na 3ª série do ensino médio, disciplinas que muito podem contribuir na reflexão de assuntos que dizem respeito à Educação Financeira.

Neste contexto, constatei que o Plano de Estudos da escola possui, em seus componentes curriculares, programas que poderiam ser relacionados com Educação Financeira.

4.2 Análise das Aulas

Segundo Holsti, citado por Lüdke e André (1986), existem, pelo menos, três situações básicas em que é apropriado o uso da análise de um documento. Conforme a segunda situação:

2. Quando se pretende ratificar e validar informações obtidas por outras técnicas de coleta, como, por exemplo, a entrevista, o questionário ou a observação. Segundo Holsti (1969), “quando duas ou mais abordagens do mesmo problema produzem resultados similares, nossa confiança em que os resultados reflitam mais o fenômeno em que estamos interessados do que os métodos que usamos aumenta” (LÜDKE E ANDRÉ, 1986, p. 39).

Concordo com as autoras quando dizem que mais de uma abordagem na coleta dos dados produz resultados similares. A escolha por fazer uma pesquisa na qual poderia participar através de uma prática proporcionou-me confiança nos resultados encontrados.

A utilização de questões prévias, intervenção prática e entrevistas gravadas deram-me um conforto quanto à validade dos dados obtidos.

Diferente da análise do Plano de Estudos da escola, que representa mais uma verificação e que não garante que os programas foram cumpridos, a participação na realização e execução das aulas proporcionou-me resultados mais satisfatórios no sentido de que pude interagir trabalhando com assuntos relacionados à Educação Financeira.

Minha área de atuação é a Matemática, porém nessas aulas ousei quebrar os padrões propondo atividades que dizem respeito não só à Matemática, mas a outras áreas de conhecimento. Conforme afirmam Dimenstein e Alves (2003, p. 93): “Existem professores incomodados, tentando quebrar o padrão, então, muitos tentam trabalhar com projetos, com temas transversais, interdisciplinares, multidisciplinares”.

Aventurar-me em questões de outras áreas de conhecimento é um desafio que aceitei por acreditar que é possível ensinar e aprender com os alunos.

Mas quando a aprendizagem acontece em torno de um objeto ou projeto, o professor se vê, de repente, diante do não conhecido. Terá de aprender a dizer: “Isso eu não sei”. Aqueles que não suportam a insegurança, é claro, preferirão continuar a dar os programas de sempre (DIMENSTEIN E ALVES, 2003, p. 102).

Concordo com Dimenstein e Alves que, por não se suportar dizer: “Isso eu não sei”, opta-se por continuar a dar os programas de sempre. Porém, não se deve esquecer, como diz Freire (2007, p. 47), “que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

Selecionei assuntos que, no meu entender, estão presentes no dia-a-dia dos alunos e que podem ser relacionados com os conteúdos curriculares, de maneira que se possa trabalhar com questões que dizem respeito à Educação Financeira. Assim, as atividades visam mais à informação e reflexão de assuntos do mundo financeiro e não à aplicação mais complexa de cálculos financeiros. Porém, em alguns momentos, indicarei/sugerirei formas como poderiam ser utilizadas as mesmas atividades para trabalhar com o conteúdo curricular.

Neste capítulo, analisarei as discussões que surgiram durante a realização das atividades propostas. Seguirei a mesma sequência adotada no Capítulo 3, na Seção 3.2.3.1, que trata do planejamento das aulas. Assim, a análise corresponderá às aulas 01 a 12.

Aula 01 – 19/06/08 – quinta-feira – 1º e 2º períodos

Antes de iniciar o relato da aula, é oportuno que coloque minhas impressões particulares sobre a turma. A turma 302 já era muito importante para mim mesmo antes de conhecê-la, pois representava o grupo com o qual desenvolveria os desafios que me propus quando ingressei no Mestrado. Acredito que, quando o professor está predisposto (entusiasmado) a realizar uma tarefa, ele já começa bem.

Lembro-me bem do dia em que fui à Escola Mathias para conhecer a turma 302. Estava muito ansiosa para ver as expressões dos alunos. Fiquei muito feliz, pois senti que a empatia era recíproca.

No decorrer das aulas, fiquei sabendo que eles também estavam ansiosos e felizes por terem sido os escolhidos para participar dessa experiência. Alguns alunos já tinham uma ideia do trabalho que venho desenvolvendo na escola em que leciono. É prazeroso quando a proposta que temos é bem aceita.

Iniciarei comentando o questionário (ANEXO 1) que foi aplicado no primeiro momento. Em seguida, analisarei a aula introdutória que trata de uma explanação geral sobre toda a prática que realizei e um breve histórico sobre a origem do dinheiro.

De acordo com os dados coletados no questionário aplicado, constatei que a turma era composta de 22 meninas e 11 meninos, correspondendo a uma faixa etária entre 16 e 17 anos. A grande maioria (20 alunos) pertence a um grupo familiar composto por quatro pessoas.

No decorrer das aulas, descobri que 16 alunos da turma já trabalhavam. Assim, observando as respostas em que mais da metade da turma (19 alunos) desconhece o valor da renda total familiar, isso me leva a acreditar que alguns alunos que trabalham conhecem somente o seu salário e não o do grupo familiar.

De modo geral, quanto aos questionamentos sobre assuntos relacionados à Educação Financeira, os alunos demonstraram que desconhecem ou que conhecem superficialmente esse tema. Acreditam que os critérios e o planejamento para a realização das compras dependem muito de poderem pagar a prazo e com juros baixos. Isso me leva a acreditar que

não ouve uma reflexão por parte de alguns alunos em responder às questões e relacioná-las com as demais, uma vez que suas respostas quanto à preferência por pagar à vista as compras realizadas contradizem suas respostas por optar por prazos mais longos.

Quando questionados se já haviam discutido esses assuntos que constavam do questionário, 29 alunos afirmaram que discutem no seu grupo familiar e 24 alunos disseram que, algumas vezes, esses assuntos foram apresentados pela escola. Porém, quando solicitados para que indicassem em qual disciplina e série foram tratados, suas respostas foram vagas, não lembravam como e em que disciplina. Destaco algumas respostas dadas pelos alunos:

Aluno 1 – “Não tenho certeza de quando, provavelmente faz tempo. Deve ter sido nas séries iniciais, onde aprendemos a não desperdiçar.”

Aluno 5 – “Não exatamente em disciplina, mas comentado já em aulas de Matemática, História, Geografia e Filosofia.”

Aluno 9 – “Apenas no 2º ano do ensino médio tratamos na aula de Sociologia.”

Aluno 14 – “Não lembro.”

Aluno 26 – “Não lembro a série, mas sempre tive dificuldade em Matemática e sempre tenho a ajuda dos pais para melhorar.”

Da mesma opinião que o aluno 1, mais seis alunos se posicionaram dizendo não lembrar a série, mas que provavelmente tenha sido no ensino fundamental. Oito alunos, inclusive o aluno 9, mencionaram ter tratado desses assuntos na disciplina de Sociologia ou somente fizeram referência a ter sido trabalhado no ensino médio. Este grupo também não falou sobre a forma como foram trabalhados.

Semelhante à resposta do aluno 14, mais quatro alunos afirmaram não lembrar a série e como foi tratado esse assunto.

É importante analisar com mais cuidado as respostas de oito alunos, sendo que seis se posicionaram dizendo que, algumas vezes, esses assuntos foram tratados na escola; dois responderam que isso se deu muitas vezes. Porém, para esses oito alunos, a compreensão de disciplina está relacionada com o seu desempenho/aprendizagem em sala de aula e não com o conteúdo de que trata cada disciplina.

Sete alunos manifestaram que esses assuntos nunca foram tratados na sua trajetória estudantil.

Na questão que fala a respeito desses assuntos serem necessários para suas vidas, agora ou no futuro, todos os alunos entendem que é importante aprender neste momento para que, no futuro, possam ter conhecimento para lidar com essas questões financeiras, proporcionando assim uma melhor qualidade de vida. Podemos confirmar nas respostas de alguns alunos:

Aluno 1 – “Para a vida toda. Para que possamos administrar o que ganhamos e de que forma podemos gastar este valor para não causar problemas futuros.”

Aluno 4 – “Agora, pois logo eu vou gastar do meu próprio dinheiro.”

Aluno 7 – “Precisamos começar a nos preocupar agora, para que no futuro já tenhamos noção de como ter um controle financeiro.”

Aluno 11 – “Sim, uma vida planejada nos ajuda a ter uma vida melhor no futuro.”

Aluno 19 – “Sim, é um modo de se preparar na vida para sobreviver.”

Aluno 20 – “Estes assuntos são de extrema importância para o nosso futuro, por isso devemos começar a pensar agora, já.”

Aluno 28 – “Acredito que seja necessário agora e ainda mais no futuro. Como a questão desperdício da água, gastam, gastam e pensam que é algo que nunca vai acabar. Hoje, em muitos lugares, tem a falta dela, e no futuro quem irá precisar serão os nossos filhos.”

Aluno 33 – “Sim, é importante controlar o orçamento.”

Analisando a resposta que nos deu o aluno 4, acredito que ele esteja se referindo ao seu ingresso no mercado de trabalho, da mesma forma outros citaram que, com a conclusão do ensino médio, precisarão saber administrar os seus ganhos futuros.

Apenas o aluno 28 citou uma preocupação com o desperdício da água. Uma das questões abordava a preocupação com o consumo e desperdício nos serviços domésticos com água, luz, telefone, materiais de limpeza, materiais de higiene, produtos alimentícios, vestuário e outros que poderiam ser especificados. A intenção com essa questão era relacionar esses assuntos, que podem ser trabalhados em todas as disciplinas, com a importância em cuidar do meio ambiente. Quando se fala em consumo responsável, não pensando somente em

desperdiçar dinheiro, mas também nos serviços de que precisamos e nos recursos naturais que garantem a nossa sustentabilidade.

Ao analisar as respostas desse questionário, com o qual se procurou traçar um perfil da turma a respeito de seu conhecimento sobre assuntos relacionados com Educação Financeira, bem como investigar se esse tema era discutido no seu grupo e se em algum momento foi trabalhado pela escola, pude constatar que a maioria conhecia muito pouco sobre essas questões.

No segundo momento desta primeira aula, após recolher os questionários, fiz uma projeção de *slides* no *data show* sobre a origem do dinheiro.

Antes de iniciar a projeção, expliquei aos alunos que, a partir daquele momento, estaríamos trabalhando com alguns assuntos que apareceram no questionário que haviam respondido. Da mesma forma, desenvolveríamos situações práticas através de simulações, de pesquisas de preços no mercado, em lojas, bancos, *sites*, e que realizaríamos atividades de utilização de compras com pagamentos com cartão de crédito e cheques, analisando e refletindo sobre essas situações.

Na sequência, foi projetada a frase: *Que objetivos eu tenho para o meu futuro?* Aguardavam-se respostas, mas elas não vieram. Os alunos olhavam-se, sorriam, cochichavam, e nada. Então os questioneei novamente, agora de forma verbal: *O que é o futuro?* As respostas começaram a sair tímidas:

- “quando nós ficarmos velhos”, disse um aluno;
- “quando nós estivermos trabalhando”, disse outro;
- “quando terminar o ensino médio e for para a faculdade”, completou outro aluno.

Alguns alunos usaram respostas mais “filosóficas”, dizendo que o futuro poderia ser amanhã ou daqui a uma semana, então completei dizendo que o futuro poderia ser agora, caso estivéssemos pensando que essa pergunta poderia ter sido feita algum tempo atrás. Assim, poderiam estar pensando que o futuro seria quando completassem o 3º ano do ensino médio.

Dando continuidade, questionei-os sobre se eles poderiam resumir em uma só palavra o assunto que iríamos trabalhar, *que palavra eles usariam?* A primeira resposta que surgiu foi: “dinheiro!” Outros alunos citaram: “trabalho!”, “futuro!”. Outros também citaram: “dinheiro!”

De certa forma, dinheiro ou algo que envolvesse dinheiro era a resposta que esperava, pois falar em Educação Financeira logo nos remete a pensar em finanças, e finanças nos lembram dinheiro.

Os assuntos: origem do dinheiro, cunhagem das primeiras moedas, formas de moedas, sistema monetário, entre outros, que tratam de temas semelhantes, poderiam ser trabalhados desde as séries iniciais. Esse tema pode fazer parte de todas as séries, apenas sendo dado um enfoque mais profundo nas séries mais avançadas, à medida que vão surgindo novas necessidades de conhecimento pelo grupo ou conforme surjam acontecimentos sobre o assunto. Conforme já mencionado quando da análise do Plano de Estudos da escola, um tema que aparece em seus programas é: “o sistema monetário será abordado a partir de vivências (compras no mercado)” (3ª série), o que confirma a afirmação.

Poucos alunos já haviam escutado falar sobre a palavra escambo, porém não sabiam o que significava. Conforme Lopes e Rossetti (1996, p. 15), os primeiros agrupamentos humanos, em geral nômades, recorriam a atividades de trocas como um padrão econômico, assim “realizavam trocas diretas em espécie, denominadas escambo”, sem a intervenção de um instrumento monetário.

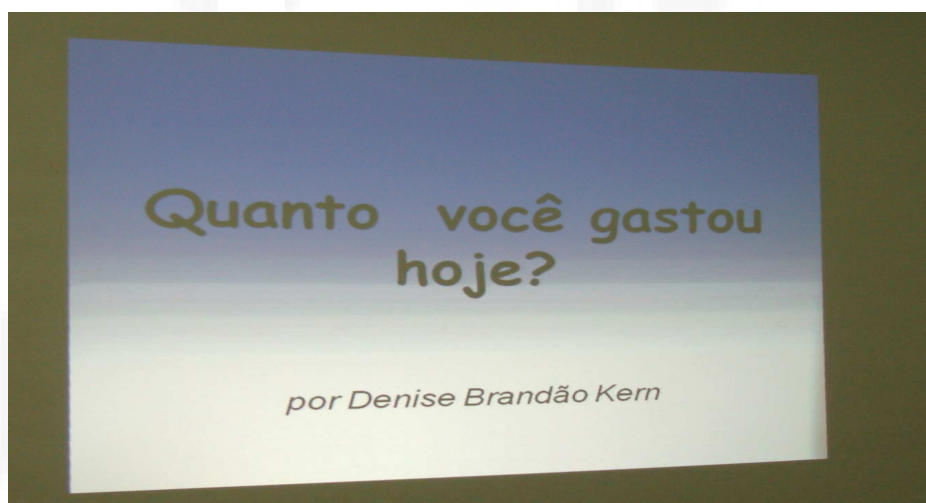
Observei um grande interesse dos alunos pelo significado da palavra escambo e a manifestação de alguns sobre por que isso não era mais praticado. Orientei que procurassem em *sites* sobre o assunto, pois era de meu conhecimento que, na cidade de Brasília, existe uma feira livre onde se pratica o escambo.

Quando questionada sobre por que existe dinheiro ou mesmo sobre por que o escambo não é mais praticado, devolvi os questionamentos respondendo *se o mundo hoje como está estruturado, se as pessoas, se nós seríamos capazes de praticar o escambo?* Acredito que, se estivéssemos trabalhando com Educação Financeira na escola, essas questões poderiam ser melhor trabalhadas nas aulas de Sociologia e Filosofia.

Aula 02 – 26/06/08 – quinta-feira – 4º e 5º períodos

Iniciei a aula questionando-os sobre a aula anterior. Perguntei se haviam ficado com dúvidas ou se gostariam de falar algo mais a respeito. Um aluno relatou que havia consultado no site de busca www.google.com.br a palavra *escambo* e que constavam mais de 120 mil páginas que tratavam dessa palavra e que, em outra oportunidade, iria dar uma olhada em algumas páginas por curiosidade.

Aproveitei esse relato para reforçar que, sempre que possível, indicaria *sites* de pesquisa ou livros a respeito dos assuntos que seriam trabalhados. Sugeri, também, que procurassem conversar com seus professores, com seus amigos e familiares sobre as nossas aulas, procurando enriquecer e discutir os conhecimentos, somando-se ao que essas pessoas pensam e sabem a respeito. A atividade proposta teve início com a projeção de um *slide* com a pergunta:



Fonte: Autora

FIGURA 6 – *Slide* com pergunta

As respostas de alguns alunos foram:

- “Eu não gastei nada!”
- “Eu só gastei o valor da passagem do ônibus.”
- “Eu ainda vou gastar hoje, porque ainda tenho todo o dia pela frente.”

Alguns alunos, por alguns instantes, trocaram informações a respeito de seus gastos.

Retomei a questão concordando que, de certa forma, poderia parecer que não havia gasto nada e que quem já havia gasto ainda poderia gastar mais. Novas colocações foram feitas, como:

- “É, pensando bem, eu gastei, mas não paguei por isto. Já estava pago.”
- “Quem paga as coisas são meus pais.”
- “Se eu pensar, já gastei água, luz...”
- “Eu só pensei nos gastos que precisei pagar com dinheiro.”

Orientei que, na atividade, refletir-se-ia sobre os pequenos gastos realizados naquele dia e pelos quais não necessariamente precisaram pagar, pois trata-se dos gastos que são realizados todos os dias e não se percebe que alguém precisou ou vai pagar por eles. Foi combinado que gastos maiores, como com prestações, ou gastos menores, como a média de água ou luz gasta naquele dia, não seriam computados.

Alguns valores de produtos projetados foram questionados como sendo o preço real que o aluno conhecia. Assim, orientei que aqueles eram preços médios do mercado local, mas os alunos poderiam utilizar o valor do produto que eles conheciam. Alguns alunos incluíram outros produtos que não estavam projetados.

Solicitei que, de forma voluntária, fossem informados alguns totais de gastos realizados. Procurei descobrir o valor de quem menos havia gasto e o valor de quem mais havia gasto. Anotados os valores no quadro, questionei os alunos sobre: *Qual a necessidade dos gastos? O que poderia ser cortado (não ter sido gasto)? Quem pagou pelos gastos?*

Quanto à necessidade dos gastos, nas primeiras manifestações, os alunos posicionaram-se dizendo que tudo o que foi gasto era necessário. Porém, quando solicitado se algo poderia ser cortado, foram aparecendo depoimentos de que poderiam ter deixado de comer bolachas recheadas, por exemplo, ou que não precisariam ter lavado o cabelo naquele dia, entre outros.

Destaco abaixo os valores fornecidos pelos alunos em reais (R\$), bem como os valores que alguns conseguiram cortar e o quanto esse corte representa em percentual (%):

TABELA 1 – Gastos do dia 26/06/08

Aluno	Valor Gasto (R\$)	Valor Cortado (R\$)	Percentual Cortado (%)
1	6,05	-	-
2	7,30	0,30	4,1
3	10,97	3,73	34,0
4	13,80	3,60	26,0
5	18,91	-	-
6	23,40	-	-
7	28,32	11,07	39,0

Fonte: Autora

Com esses dados anotados no quadro, continuei desafiando os alunos para que projetassem esses gastos para um mês, considerando 22 dias úteis, pois, com a concordância deles, nos finais de semana os gastos são ainda maiores. Ampliou-se o desafio com o pedido de que projetassem os mesmos gastos para o seu grupo familiar, considerando que os gastos fossem os mesmos.

Durante os cálculos, fui anotando algumas manifestações, como:

- “Que absurdo!”
- “Que valor tão grande, não pode estar certo. Vou fazer de novo.”
- “Puxa vida, coitado do meu pai que tem que pagar tudo isto.”
- “É claro que isso não representa o valor real, pois tem gente que gasta mais e outros menos.”
- “E nós nem calculamos os gastos com luz, água, telefone, gasolina...”
- “E quem recebe salário mínimo, como faz?”

Novamente, os questionamentos remetem-me a pensar sobre atividades que poderiam ser realizadas de forma interdisciplinar e que poderiam ser trabalhadas em várias séries de ensino. Pois, para aquele grupo, parecia uma novidade essa maneira de apresentar a atividade e demonstrava surpresa diante dos fatos, como se nunca tivesse experimentado algo semelhante antes.

Questionados sobre quem faz um controle e planejamento de seus gastos, poucos alunos se manifestaram dizendo que fazem um controle. Porém, quando solicitado que descrevessem a forma como o fazem, modificaram suas falas e disseram que: anotam mais ou menos, que sabem de cabeça as suas contas, que guardam os carnês de lojas na agenda para

efetuar os pagamentos e que quem faz o controle é o pai ou a mãe e eles não sabem a forma como eles fazem.

Nesta aula, foi solicitado que comesçassem, a partir daquele dia, a fazer um controle de suas despesas e compras, por um período. Agora, seria sobre os valores que pagam com suas mesadas, dinheiro que recebem de algum familiar ou, para os alunos que já trabalham, de seus salários. Os pequenos gastos, como aqueles que havíamos trabalhado, não precisariam ser anotados. Esse controle feito pelos alunos durante um período de dois meses foi utilizado na Aula 07, em 02/09/08.

Aula 03 – 01/07/08 – terça-feira – 1º e 2º períodos

Como combinado, comecei indagando sobre o assunto da aula anterior. Assim, descobri que alguns alunos estavam anotando seus gastos e que outros ainda não haviam começado a fazer o controle. Reiterei o pedido de que mantivessem um controle de seus gastos. Durante três encontros, a contar deste, trabalhamos com impostos.

A realização das atividades com esse tema teve como objetivos conhecer a respeito de alguns impostos que são cobrados no Brasil, no Estado e no Município, bem como realizar alguns cálculos que auxiliassem aos alunos na compreensão do quanto representa a carga tributária de nosso país e de que forma é dado o retorno para o cidadão dos valores arrecadados.

No primeiro encontro, forneci aos alunos uma folha onde constava uma charge de Zero Hora, 2005, referindo-se ao imposto IPTU, com as seguintes questões: *Você sabe o que é este imposto? Explique. Que impostos você conhece? Será que existe algo de que não seja cobrado imposto?*

Esperei alguns minutos para que respondessem e solicitei depoimentos de respostas no grande grupo. Recolhi as respostas de três alunos:

– “O IPTU é o imposto que o Governo cobra por você manter uma casa e um terreno na cidade. A somatória do valor dos dois (terreno + casa) resulta no valor total, então o Governo cobra pontos % desse valor.”

– “IPTU é o imposto que, cada ano, o proprietário de um imóvel ou terreno deve pagar à Prefeitura pelos serviços que a prefeitura prestou durante o ano.”

– “Não sei.”

De modo geral, os alunos conheciam o imposto IPTU e os impostos ICMS, IR e IPVA. Nesse momento, não discuti ou expliquei maiores detalhes sobre os impostos mencionados.

Posteriormente, distribui algumas reportagens de jornais para que, em grupo de três alunos, fosse feita a leitura silenciosa. Listei na Tabela 2 as reportagens, apenas para informação, pois não foi discutido nem é conhecido profundamente o assunto de cada uma delas.

Dando continuidade, solicitei aos grupos que possuíam as reportagens grifadas no quadro abaixo que fizessem a leitura das mesmas para o grande grupo. Selecionei estas duas: a primeira foi escrita por um professor de História que discorre sobre a origem da cobrança de impostos até os dias atuais, fazendo uma crítica ao Governo: “que justificam a colossal tributação afirmando que ela reverterá em melhorias na infraestrutura, o que visivelmente não acontece na mesma proporção da cobrança dos impostos”. A segunda reportagem selecionada é de um advogado pós-graduado em Direito Civil que faz um relato de um dia de sua rotina, numerando todas as suas ações naquele dia e relacionando com o imposto que é cobrado por elas. Da mesma forma que na primeira reportagem, esse autor também faz críticas ao Governo e conclui sua história dizendo: “Então, fui dormir (por enquanto, pelo que se tem notícia, ainda não se está tributando o direito de sonhar)”.

TABELA 2 – Reportagens do Jornal Zero Hora

Título da Reportagem	Autor	Data
Trabalhadores e tributos *	Deivis Jhones Garlet Bonaldo	04/05/06
Carga insuportável	Caderno: Editoriais	26/08/06
Nunca um país pagou tanto imposto como em 2006	Caderno: Economia	19/01/07
Sonegação custa mais de R\$ 1 bi por ano ao Estado	Marciele Brum	26/01/07
Trabalho de sete dias por ano só para pagar CPMF	Caderno: Economia	12/06/07
ICMS é o que mais pesa no bolso	Caderno: Produtos e Serviços	24/06/07
CPMF foi aprovada com 20 votos gaúchos	Caderno: Política	11/10/07
Herói ou simplesmente brasileiro *	Alan Marquese	06/12/07
Em 2007, carga de tributos bateu um novo recorde	Caderno: Economia	13/03/08
Leão brasileiro cobra mais em relação ao de outros países latinos	Caderno: Economia	14/03/08
Uma carga que cresce	Caderno: Editoriais	14/03/08
Metade da vida pagando imposto	Sebastião Ribeiro	29/04/08
Impostos chegam a 38,9% do PIB	Caderno: Economia	17/06/08

Fonte: Autora

*Artigos encontrados no ANEXO 2

Na discussão do grande grupo, alguns alunos se posicionaram bastante indignados com a “descoberta” da cobrança de tantos impostos que eles desconheciam. Essa indignação pode ser observada nas falas de alguns alunos, como:

- “Que tanto imposto a gente paga! Eu conhecia alguns, mas não sabia que eram tantos.”
- “E para onde vai todo esse dinheiro arrecadado?”

- “Para os políticos!”
- “Por isso que meu pai vive reclamando que tem de pagar imposto.”
- “E agora que é época de eleição, eles ficam prometendo que vão fazer e depois fica por isso mesmo.”
- “Não é justo! Meu pai paga o IPTU em dia. E os que não pagam, depois ainda ganham descontos para quitar.”

Procurando buscar respostas ou justificativas para essas colocações dos alunos, expliquei que seria realizada uma pesquisa e que haveria uma palestra com auditores da Receita Federal para que se pudesse procurar responder a essas questões que surgiram.

Posteriormente, os alunos realizam alguns cálculos de produtos retirados de encartes de lojas e jornais, que foram fornecidos. Furneci também percentuais de impostos cobrados por produtos como: aparelhos elétricos e eletrônicos, alimentos, bebidas, roupas, livros, entre outros. Os alunos descobriram, através dessa atividade, os valores que correspondem ao imposto cobrado por determinados produtos.

Com o mesmo sentimento que os autores das reportagens de Zero Hora, Bonaldo e Marquese, os alunos sentiram-se indignados com a excessiva carga tributária de nosso País. Porém, é necessário conhecer para que se possa compreender que a “culpa” de certas situações que ocorrem na cobrança dos impostos é também responsabilidade de todo cidadão, pois precisa-se, além de conhecer os impostos que se paga, cobrar pelos serviços a que se destinam essa arrecadação. E essa cobrança se dá no exercício de nossa cidadania.

Procurei explicar o papel de cada um nesse exercício de cidadania, citando que se pode cobrar dos políticos que prometeram, como disse um dos alunos, acompanhando as ações que esses mesmos políticos fazem após serem eleitos. Da mesma forma, deve-se ajudar o governo não permitindo que impostos sejam sonegados.

No entender dos alunos e de uma parcela da população em geral, sabe-se que eles acreditam que existem muitas injustiças, porém a posição de simplesmente atribuir a culpa aos governantes e políticos é uma posição cômoda, pois a todos só resta reclamar sem conhecer.

Certamente as injustiças ocorrem. Nos últimos anos, presenciaram-se muitos casos de desvio de verbas públicas noticiadas nos meios de comunicação. Isso demonstra que existem pessoas no exercício de sua cidadania cobrando para que os governantes não permitam que as denúncias fiquem impunes. O mesmo deveriam fazer nossos alunos quando conhecessem os fatos. É preciso conhecer para que se possa cobrar.

Desta forma, trabalhar com um tema tão polêmico como impostos leva-me a perceber o quanto esse assunto é desconhecido. Assim, para uma melhor compreensão, solicitei aos alunos que, em grupos, realizassem uma pequena pesquisa sobre alguns impostos, bem como procurassem se informar sobre os percentuais de impostos cobrados sobre os serviços utilizados por eles e seus familiares, como luz, telefone, água e outros de seu interesse.

A discussão desse assunto poderia ser objeto de um tema gerador, de forma que todas as séries e disciplinas poderiam relacionar os conteúdos com situações que ocorrem no dia-a-dia do aluno que envolvem a cobrança de imposto. Assim, já nas séries iniciais, começariam a ter conhecimento desse assunto, não precisando esperar o ingresso no mercado de trabalho e começar a pagar impostos.

Analisando do ponto de vista da Matemática, pode-se aproveitar esse assunto para a realização de muitas atividades nas quais facilmente se aproveitariam os cálculos que envolvem os processos de cobrança dos impostos. Realizei com os alunos cálculos simples de porcentagem, pois o objetivo neste momento era provocar o interesse por conhecer os impostos pagos e que, na maioria das vezes, passam despercebidos, como se isso não fizesse parte do mundo dos alunos. *De que forma poderão exercer sua responsabilidade como cidadãos do mundo se estiverem alheios ao que acontece nele?*

Como fala Rayo:

Situar-se no mundo, conhecer seus problemas e tomar consciência da necessidade de mudança, ou seja, adotar um comportamento ético ante as coisas que acontecem diante de nossos olhos, em nossa vizinhança mais próxima, como indivíduos e seres sociais, e também nessa aldeia global em que todos vivemos (RAYO, 2004, p. 169).

“Situar-se no mundo, conhecer seus problemas...” Este deveria ser um dos objetivos de todo professor: promover atividades que ajudem nesse processo de construção dos conhecimentos necessários para possibilitar que os alunos se situem no “mundo”.

Constantemente, adota-se uma postura de apenas reclamar e, muitas vezes, se esquece de que se tem, além dos direitos, deveres como cidadãos. Acha-se injusta a cobrança de certos impostos, mas quando, em uma loja, não se recebe a nota fiscal, alguns não se sentem injustiçados. Contribui-se para a sonegação defendendo-se com o velho chavão, que foi dito por um aluno: “Ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão”. *Quantos pensam assim? Quantos pensam o seu papel nesta história por pensar assim? Quando sou conivente e me conformo que é assim, o que posso esperar? Que posso roubar também, pois serei perdoado? Que me roubem, pois também roubo?*

Neste momento, percebo que estou discorrendo sobre questões que também poderiam ser tratadas pelas diversas áreas de conhecimento. Que não cabe somente à Filosofia ou à Sociologia possibilitar a reflexão dos alunos sobre os problemas que afligem a todos. Todos, alunos e professores, precisam se posicionar frente às próprias ações, conscientes de que se precisa agir como grupo e não individualmente. E como grupo (sociedade), não se precisa praticar os mesmos exemplos que se desaprova no outro.

Aula 04 – 14/08/08 – quinta-feira – 1º e 2º períodos

Como já foi citado no Capítulo 3, Seção 3.2.3.1, aconteceu um intervalo de 44 dias entre as aulas 03 e 04. Na semana anterior à retomada das aulas, fui conversar com a turma, comunicando o dia que recomençariam as aulas. Também, nesse dia, lembrei aos alunos que deveriam trazer as pesquisas feitas sobre os impostos, solicitadas na aula anterior.

Na retomada, ouvi os alunos sobre suas impressões dos impostos trabalhados e os pesquisados. Alguns trouxeram opiniões de familiares e amigos, fazendo-me pensar que, no decorrer desse espaço de tempo em que estivemos afastados, o assunto continuou sendo discutido. Observei que o grupo de alunos mostrava-se mais confiante para falar sobre impostos, comentando algumas reportagens que acompanharam nos meios de comunicação:

“Antes, quando ouvia falar sobre impostos, eu não entendia nada. Mas agora, consegui acompanhar e entender algumas notícias”, disse um aluno.

Os grupos reuniram-se de acordo com o imposto pesquisado, conforme orientação. Distribuí cartilhas da Receita Federal, reportagens de jornais, folha de papel pardo e canetas coloridas, solicitando que confeccionassem cartazes com resumo do imposto pesquisado para apresentação no grande grupo. Nesse resumo constava o que era o imposto (pesquisado pelo grupo), o percentual cobrado e o destino do valor arrecadado.

Após redigir os resumos, foram apresentados pelos alunos para o grande grupo. Não foi possível a apresentação de todos os grupos. Quando faltavam uns dez minutos para o término da aula, avisei aos alunos. Questionei-os quanto à necessidade de se continuar as apresentações em um próximo encontro, porém todos concordaram que não havia necessidade, pois na aula seguinte aconteceria a palestra com os auditores da Receita Federal e a discussão poderia ser continuada naquele momento. Também foi observado por um aluno que: “No geral, todos os impostos têm suas arrecadações destinadas na melhoria da educação, saúde, obras públicas. O que diferencia é que temos impostos federais, estaduais e municipais, mas os objetivos são os mesmos”.

Os cartazes confeccionados por eles ficaram expostos na sala de aula e no auditório da escola durante a palestra dos auditores.

Aula 05 – 22/08/08 – sexta-feira – 4º e 5º períodos

A discussão sobre o tema impostos despertou o interesse de professores e alunos de outras turmas na escola, que solicitaram participar da palestra feita pelos auditores da Receita Federal. Conforme palavras da vice-diretora: “Seria importante que todos os alunos pudessem assistir, mas nosso auditório não comporta todos. Gostaríamos que, pelo menos, as turmas do 3º ano do ensino médio também pudessem participar da palestra”.

Os professores das disciplinas de Geografia, Física, Filosofia, Sociologia e a coordenadora pedagógica também participaram, acompanhando seus alunos.

Os auditores discorreram sobre o papel da Receita Federal na fiscalização e no cumprimento das leis sobre os impostos de nosso país, explicando, através de *slides*, como está organizada sua estrutura e de que forma o cidadão pode acompanhar as ações feitas por ela. Apresentaram aos alunos o Programa Nacional de Educação Fiscal (PNEF), desenvolvido sob a coordenação da Escola de Administração Fazendária (Esaf), explicando que eles atuam nesse programa realizando palestras como aquela. Conforme depoimento de um dos palestrantes: “Sou servidor público federal e trabalho na Receita Federal do Brasil há nove anos. Há alguns anos participo de um trabalho muito gratificante dentro de nossa casa que é denominado Programa Nacional de Educação Fiscal. Criado em 1996, é mais abrangente que um trabalho de conscientização da importância do tributo em nossas vidas; é um programa cujo cerne visa ao exercício de uma cidadania plena, na qual o cidadão entenderá a importância de pagar o tributo, mas saberá também da importância de fiscalizar e controlar o gasto dessa arrecadação”.

Seus objetivos com essas palestras eram, além de poder proporcionar o conhecimento sobre o papel da Receita Federal, mostrar como funciona o Programa de Educação Fiscal, sensibilizar e buscar a adesão de professores como parceiros para desenvolver essa tarefa. Informaram sobre o curso de Educação Fiscal, que capacita professores para atuar em suas escolas. A professora de Geografia, após essa palestra, inscreveu-se no curso e deverá realizá-lo em abril de 2009.

Os alunos das três turmas do 3º ano do ensino médio, incluindo a turma 302, participaram com grande interesse da palestra, fazendo colocações e tirando dúvidas. É importante colocar que os alunos das outras turmas, apesar de não terem participado das aulas anteriores, sentiram-se à vontade para questionar.

Durante os debates, ficou claro que a Receita Federal fiscaliza e faz cumprir as leis sobre impostos, e que o dinheiro arrecadado da cobrança vai para a União, de onde é feita a partilha entre o que corresponde ao Governo Federal, Governo Estadual e Governo Municipal. Um aluno muito chateado declarou: “A gente fica no mínimo indignado com tudo isso, para não dizer revoltado. Pois vocês dizem que recolhem. Publicaram no jornal que a Receita vem batendo recordes de arrecadação, mas para onde vai esse dinheiro?” Então o palestrante aproveitou a colocação do aluno para falar sobre o papel de cada um no controle dos gastos públicos, mostrando uma cartilha feita pela Controladoria Geral da União, que se

chama: “Olho vivo no dinheiro público”, que está disponível no site www.cgu.gov.br. Essa cartilha orienta o cidadão como acompanhar o destino do dinheiro arrecadado pelos impostos, bem como esclarece dúvidas a respeito das leis que regulamentam os impostos em nosso país.

Foi apresentado um vídeo contando a história, por atores conhecidos, que retrata a origem da cobrança de impostos até os dias atuais.

No final da palestra, um aluno de outra turma se manifestou: “É uma pena que nossa turma não tenha sido a escolhida para esse trabalho da professora. Esse assunto é muito importante para todos nós. Isso deveria fazer parte das nossas aulas”.

Os auditores deixaram suas impressões sobre o encontro com os alunos. O depoimento do Auditor 1 foi: “Para nossa surpresa, houve grande interesse pelo assunto, com diversos questionamentos. Creio que, em grande parte, deveu-se ao trabalho previamente efetuado pela professora Denise. O nível de debate foi excelente, sendo a palestra mais gratificante por mim efetuada. Fico extremamente feliz em poder colaborar por meio desses eventos com o desenvolvimento de uma massa crítica de cidadãos, muitos dos quais, num futuro próximo, exercerão cargos políticos e serão responsáveis pelos destinos de nossas comunidades. E muito me orgulha o trabalho efetuado pela professora Denise, pois demonstra uma preocupação muito além da saúde financeira dos alunos, mas com o fortalecimento de nosso país”.

Da mesma forma, o auditor 2 fez o seguinte comentário: “O retorno e a participação dos alunos foram extremamente satisfatórios e nos deixaram esperançosos e confiantes de que nós (educadores) estamos contribuindo com nossa parcela na direção de um país mais justo e melhor para todos (com a formação de cidadãos mais críticos, participativos e exigentes)”.

Aula 06 – 28/08/08 – quinta-feira – 4º e 5º períodos

A Escola Mathias possui um laboratório de informática, porém é muito pequeno e com apenas 14 computadores, sendo que, no momento desta aula, somente oito estavam funcionando. Assim, com a permissão das direções das escolas, realizou-se a aula no laboratório de informática do Instituto de Educação Ivoti, escola onde leciono. Desta forma,

proporcionou-se um melhor aproveitamento da atividade, uma vez que 19 alunos puderam trabalhar individualmente e 14 alunos em duplas. A maior parte dos alunos tinha conhecimento do programa do tipo Excel da Microsoft®, porém poucos sabiam como utilizar. Assim, orientei a atividade seguindo um roteiro que está no ANEXO 3 e também realizei um exemplo junto com um aluno projetando os dados no *data show*.

O aluno orçou um aparelho DVD karaokê, conforme o encarte da loja (Figura 7).



Fonte: Encarte da loja Colombo

FIGURA 7 – DVD Karaokê

O programa do tipo Excel da Microsoft® permite calcular o valor total a ser pago por uma mercadoria em prestações, desde que se informe o valor da parcela e a quantidade de parcelas a serem pagas. A taxa de juros é feita automaticamente pelo programa.

Ao lado da tabela com os valores pagos a prazo, solicitei que construíssem outra, onde se calculam os valores pagos mensalmente, corrigidos pelo valor aproximado dos juros (0,05% + 0,15% da TR) pagos pela poupança, na época da realização da atividade. A Taxa Referencial (TR) é resultado da média diária das taxas dos certificados de depósito bancário (CDBs) emitidos pelas maiores instituições financeiras no país (Zero Hora, 10/02/08, p. 5). Assim obtive, para o exemplo daquele aluno, a Tabela 3.

Posteriormente, cada aluno ou dupla realizaram os seus cálculos de acordo com os orçamentos pesquisados. Feitos os cálculos, solicitei que analisassem as duas tabelas construídas e que se pronunciassem a respeito do que haviam obtido.

TABELA 3 – Pagamento a Prazo x Poupança

Parcelas	A Prazo	Poupança
1	18,90	18,90
2	37,80	37,92285
3	56,70	57,06934853
4	75,60	76,34029929
5	94,50	95,73651124
6	113,40	115,2587986
7	132,30	134,9079807
8	151,20	154,6848826
9	170,10	174,5903344
10	189,00	194,6251715
11	207,90	214,7902351
12	226,80	235,0863717
13	245,70	255,5144331
14	264,60	276,0752769
15	283,50	296,7697662

Fonte: Autora

Na maior parte dos depoimentos, o produto a ser comprado poderia ser adquirido à vista pelo valor de pouco mais da metade do total dos pagamentos das parcelas. Como no exemplo acima, pode-se observar que o valor à vista encontra-se entre a nona e a décima parcela do valor corrigido pela poupança.

Dos produtos analisados, os alunos encontraram percentuais de 16% a 42% sobre o valor à vista. Salientei que esses percentuais não representavam o valor correto, pois, na verdade, eram cálculos com juros compostos, e os alunos apenas representaram os percentuais das diferenças entre o valor à vista e o valor a prazo.

Foram discutidos os critérios de compras a prazo e à vista. Observou-se que, em todas as situações, o valor da parcela apresentava-se como se o pagamento a prazo fosse o mesmo que o valor à vista (Exemplo: R\$ 189,00 valor à vista e R\$ 18,90 valor da parcela) e que muitas pessoas se deixam iludir, pois a quantidade de parcelas (Exemplo: 15x) aparece em

números bem pequenos. Nesse exemplo, pode-se dizer que se pagou metade do valor à vista a mais pelo produto se comprado a prazo.

Como observa Claudio Felisoni, coordenador do Provar (Programa de Administração de Varejo, da Fundação Instituto de Administração – FIA), em entrevista ao jornal Zero Hora (20/04/08, p. 2), “o consumidor continua indo às compras por causa dos prazos longos do crediário”.

Conversou-se sobre procurar fazer vários orçamentos antes de adquirir qualquer produto. Da mesma forma, analisar se é possível guardar o dinheiro correspondente às prestações por um período, para depois adquirir à vista, no qual, às vezes, ainda se consegue outro desconto. Recolhi alguns depoimentos sobre o que os alunos puderam constatar depois da realização dessa atividade:

- “A partir dessa atividade podemos perceber que a quantia de juros que pagamos é absurda e, se nós guardarmos o dinheiro para comprar à vista, teremos maior lucro.”
- “Nós achamos melhor guardar o dinheiro para comprar à vista, porque, se você parcelar, sai muito mais caro, e se você perder o seu emprego e não terminou de pagar o produto que você parcelou, vai ficar endividado.”
- “É mais vantajoso guardar o dinheiro, fazer uma poupança e comprar o que é desejado à vista, do que simplesmente pagar horrores de juros.”
- “Acaba sendo muito vantajoso guardar dinheiro e comprar à vista. Há um roubo muito grande quando se compra a prazo. Dá para comprar quase dois produtos com o valor à vista pelo valor a prazo.”
- “Com certeza é muito melhor pagar à vista. Pagamos menos e nos livramos das compridas parcelas.”
- “Nós gostamos da atividade. Vimos como é importante pesquisar os preços das coisas antes de comprá-las.”

Na discussão do grande grupo, questionei os alunos quanto às suas preferências pelas respostas dadas no primeiro dia de aula, informando que a grande maioria havia respondido que preferia pagar à vista, mas que, na questão sobre a forma com que fazem os seus planejamentos, optam por pagar a prazo e com juros baixos. Perguntei então: *Como sabem se os juros são baixos?* Algumas das respostas foram:

- “Na verdade a gente olhava se a prestação era pequena e se poderíamos pagar.”
- “Porque eles anunciam que o preço à vista é o mesmo que a prazo, então parcelamos.”

Assim, questionei-os novamente: *Alguns de vocês já calcularam, alguma vez, os juros cobrados? E, alguém já manifestou interesse em pagar à vista um produto que é oferecido pelo mesmo valor a prazo?* As respostas foram: “não”.

Conversou-se sobre estratégias utilizadas para venda e pedi que observassem como as propagandas são apresentadas, como os alimentos estão expostos no supermercado, como as ofertas, às vezes, podem induzir a comprar algo de que não se necessita.

Orientei que procurassem, além de fazer vários orçamentos, calcular os juros cobrados (com a fórmula de juros compostos aprendida na escola), argumentar com os vendedores para pagar à vista e com desconto os produtos oferecidos pelo mesmo preço a prazo e, se eles mantiverem seus posicionamentos, responder que irá comprar em outra loja.

Estou aqui falando de que forma os nossos alunos poderão utilizar a Matemática aprendida em sala de aula para resolver situações de seu cotidiano.

Ao que parece, não há muita continuidade entre o que se aprende na escola e o conhecimento que existe fora dela. Há crescente evidência de que a escolarização está contribuindo muito pouco para o desempenho fora da escola. Dificilmente se mostra para o aluno a relação direta e óbvia que há entre escola e a vida (MOYSÉS, 2001, p. 60).

Há a preocupação em ensinar aos alunos as fórmulas para se calcular juros simples e juros compostos, usando exemplos prontos retirados de um livro, quando se poderia aproveitar as situações já existentes de suas realidades. Isso parece uma relação óbvia, como fala Moysés.

Moysés (2001, p. 61) ainda fala da preocupação de autores que reconhecem a influência de Vygotsky na educação matemática, para quem a aprendizagem dos conceitos deveria ter suas origens nas práticas sociais, resultando “em uma nova tendência que vem crescendo nos últimos anos: a da preocupação com a contextualização do ensino”.

Aula 07 – 02/09/08 – terça-feira – 1º e 2º períodos

O objetivo com as aulas 06 e 07 foi verificar como os alunos lidam com questões referentes às formas de pagamentos nas compras que realizam, bem como trabalhar a importância do planejamento orçamentário.

Para este momento, os alunos trouxeram suas anotações de gastos realizados no período de dois meses, as quais foram solicitadas na aula 02, em 26/06/08. De posse dessas relações, alguns voluntários deram depoimento de seus gastos. Durante esses depoimentos, eles justificavam seus gastos explicando os critérios que adotam para realizá-los. Somente dez alunos realizaram o controle solicitado. Os demais se justificaram dizendo:

- “Eu não tive gastos.”
- “Não preciso anotar os meus gastos, pois eu sei tudo de cabeça.”
- “Para que anotar. É só receber o salário e ir gastando. Quando terminar, terminou.”
- “Ganho salário mínimo. Controle é para quem ganha muito.”
- “Meu pai anota os meus gastos.”

Aproveitei os depoimentos feitos pelos alunos que haviam realizado o controle para justificar a importância de se manter um planejamento.

Refletiu-se sobre a necessidade de realizar os gastos e propus uma análise crítica dos produtos ou contas que constavam em suas listas. Cada aluno deveria pensar se poderia retirar (deixar de ter gasto) dois ou mais itens dessa lista.

Assim, reforcei os exemplos de gastos desnecessários que apareceram e que os alunos em outra oportunidade conseguiram evitar. Da mesma forma, com depoimentos que surgiram a respeito de esquecer o dia do pagamento e que com o controle não ocorreram.

Na continuidade, os alunos realizaram uma atividade (ANEXO 4B) com as despesas de contas fixas que eles possuem, como luz, água, telefone, aluguel, entre outras. Com essa atividade, os alunos visualizaram o quanto cada uma de suas despesas representa da sua renda (salário). Aos alunos que não trabalham orientei que utilizassem os salários de seu grupo familiar, quem soubesse, ou que poderiam usar um valor fictício, já que as contas eram reais.

Discutiu-se sobre como fazem seus planejamentos e controles de suas compras referentes às despesas diárias e despesas fixas. Essa discussão foi ampliada com o questionamento acerca de sua participação no planejamento orçamentário familiar, se há uma preocupação com os gastos realizados, quem paga as despesas e quem ganha mesada ou já tem renda própria.

Procurei, assim, responder às questões que surgiram, pois, conforme Farinati, consultor de finanças pessoais e investimentos do Instituto Nacional de Investimentos, em entrevista ao jornal Zero Hora: “Um orçamento equilibrado, livre de dívidas, é mais uma questão de planejamento do que propriamente de dinheiro” (ZERO HORA, 17/09/06, p. 6). Isso ajuda a pensar que, independente da renda ser um salário mínimo (como citou um aluno) ou mais de três mil reais (renda familiar pesquisada), o equilíbrio de um orçamento está no planejamento.

Distribuí cópia de uma planilha (ANEXO 4A), que foi projetada no início da aula, como sugestão/modelo de como realizar o controle do orçamento. Em seguida, foi discutido outro exemplo publicado em Zero Hora (26/09/06, p. 6), conforme já mencionado no Capítulo 3, Seção 3.2.3.1. Projetei, discutiu-se, bem como forneci cópia de dicas para manter o orçamento sob controle (ANEXO 4C). Essas dicas dizem respeito ao estabelecimento de prioridades nos gastos, evitando comprar por impulso; manter um planejamento, anotando tudo, desde despesas fixas até os pequenos gastos; procurar economizar no consumo com água, luz e, especialmente, telefone celular; pesquisar e comparar preços; manter uma poupança sempre que possível; evitar contrair dívidas e sobre inadimplência. A inadimplência foi esclarecida pela gerente quando da visita ao banco, que se realizou na Aula 10, em 23/09/08.

Aula 08 – 12/09/08 – sexta-feira – 1º e 2º períodos

A atividade desenvolvida nesta aula foi o uso do cartão de crédito para pagamento de compras efetuadas.

O objetivo dessa atividade é conhecer uma forma de dinheiro abstrato que existe no mercado e que, se não for utilizada com planejamento e com cuidados, poderá ser uma forma de contrair uma dívida de valores absurdos.

O cartão de crédito é um meio de pagamento que tem crescido muito nos últimos tempos. Conforme reportagem de Zero Hora (15/06/08, p. 2): “O mercado de cartões de crédito atingirá no mês de junho a marca histórica de R\$ 101, 6 bilhões em faturamento”, sendo um volume superior ao já registrado durante os doze meses do ano de 2004. A reportagem diz, ainda, que um dos principais fatores para esse crescimento está na entrada de cada vez mais pessoas da chamada baixa renda (salários até R\$ 1.499,00).

Acredito que a falta de conhecimento e o poder de compra que o cartão de crédito proporciona às pessoas, bem como, ser uma forma ilusória de “aumentar” os rendimentos mensais sejam fatores que levam as pessoas a utilizar esse meio de pagamento, hoje tão crescente. Assim, iniciei solicitando aos alunos que respondessem a três questões:

- *O que é cartão de crédito?*
- *Para que serve o cartão de crédito?*
- *Como utilizar o cartão de crédito?*

Respondidas as questões, foram dados alguns depoimentos das respostas dos alunos e da professora de Geografia, a qual participou da aula e realizou a atividade proposta. Destaco alguns depoimentos que foram dados antes da realização da atividade:

– “É um pequeno cartão para facilitar a vida. Serve para pagar contas, entre outras coisas.”

– “O cartão de crédito ‘substitui’ o dinheiro, mas não é que quem tem cartão de crédito não precisa de dinheiro. Precisa, sim! Ele somente é um símbolo. Assim, não é necessário estar sempre levando notas de dinheiro. Como o cartão de crédito precisa de uma senha, se você for assaltado, poderá bloquear o cartão que não te roubarão.”

– “Cartão de crédito é um cartão com o qual você vai pagando suas contas mensais, mas a fatura do cartão você paga uma vez por mês, no dia escolhido. Ele é muito útil para pessoas que com ele sabem trabalhar.”

– “É um meio de pagarmos as compras, porém sem dinheiro. Devemos utilizá-lo para não precisar levar muito dinheiro conosco, mas devemos fazer de maneira consciente e responsável.”

– “É um cartão que é dinheiro, você paga suas contas com ele. Devemos utilizar com responsabilidade e ter certo controle sobre ele, já que as compras com eles estão cada vez mais fáceis de fazer, então, não devemos sair comprando tudo que se vê pela frente, só no impulso!”

Orientei que mantivessem a folha com as respostas até o final da aula, quando novamente seria solicitado um depoimento sobre suas novas impressões a respeito do uso do cartão.

Com projeção de *slides*, foram sugeridas mercadorias e seus respectivos preços médios, para que fossem adquiridas durante os dois dias que passariam em um encontro de estudantes “fictício”. Como era um evento fictício, os alunos decidiram que seria na cidade de Salvador, em um hotel cinco estrelas em frente ao mar.

Quando da distribuição do cartão de crédito (ANEXO 5A) para cada aluno e uma fatura para preenchimento das compras, iniciou-se um cochicho entre eles, pois começaram a se dar conta de que os limites eram diferentes. Alguns alunos desejaram trocar por um limite maior. Expliquei que o objetivo era este mesmo, que, após a atividade, se discutiriam os diferentes limites.

Feitas as compras, solicitou-se que voluntários lessem e justificassem suas despesas. O primeiro aluno que se manifestou iniciou com tom de brincadeira, lendo seus gastos que se resumiram em tomar tequila o dia todo e, no final, uma compra de um *hepocler* para curar a bebedeira. Perguntei sobre como tinha sido sua participação no encontro. Ele me respondeu que participou dormindo e acordando para tomar tequila.

A professora de Geografia, que participava, posicionou-se pedindo desculpas pelo aluno e questionando-o sobre o porquê de sua atitude.

Após o pequeno incidente, continuei ouvindo outros depoimentos, anotando os valores totais gastos no quadro, bem como o valor do limite de seus cartões de crédito.

No decorrer das discussões, percebi que o aluno procurava justificar sua atitude e, ao mesmo tempo, participar, agora, da atividade. Conforme suas palavras: “Não leva a mal, professora. Na hora eu não levei a sério e só pensei em não fazer nada neste encontro e curtir a praia. Puxa, vocês tinham que escolher logo Salvador. Eu viajei”.

Questionei-me, em pensamento, sobre a vontade de muitos alunos de estarem em qualquer outro lugar e não ali em sala de aula. Procurando, desta forma, compreender a atitude do aluno. Nas aulas seguintes, esse aluno participou com interesse, posicionando-se nos debates.

Os gastos realizados utilizando o cartão de crédito como pagamento, por alguns alunos e pela professora de Geografia, bem como seus limites encontram-se na Tabela 4:

TABELA 4 – Valores de limite e gastos realizados utilizando o cartão de crédito

Aluno	Limite do Cartão (R\$)	Gastos Totais (R\$)
1	90,00	36,60
2	70,00	67,85
3	70,00	119,95
4	70,00	38,00
5	110,00	109,80
6	80,00	69,90
7	90,00	79,30
Professora de Geografia	110,00	52,50

Assim que os alunos puderam visualizar os valores anotados na tabela no quadro, as primeiras manifestações foram a respeito do aluno 3, que gastou mais que seu limite.

Os alunos questionaram: – *E agora como fica?* Expliquei que, na prática, quando ultrapassa o limite ou quando a pessoa não tem limite suficiente para realizar as compras, o cartão não será aceito no estabelecimento onde estiver comprando. Mas que as operadoras dos cartões estão atentas aos gastos para oferecer um limite maior, quando percebem que a pessoa

utiliza bastante o seu cartão. Na sequência, foram discutidas algumas questões (listadas no quadro), como:

- *Quem consegue cortar alguns itens?* Diminuir o valor.
- *Quem foi controlando as despesas para não ultrapassar o limite do cartão?*
- *Qual a efetiva necessidade das compras realizadas?*
- *Quem fez um planejamento de gastos para o período dos dois dias?*
- *Qual a quantidade de supérfluos comprados?*
- *Quem exerceu o autocontrole na hora de gastar?* Gastos sem pensar.
- *Qual o valor ideal (limite) do cartão de crédito ou mesada?*
- *Quem estabelece esse limite?*

Solicitei ao aluno que tinha gasto menos que contasse sobre seus gastos, os critérios utilizados para realizar suas compras e se ele ainda poderia cortar algum item de sua fatura.

O aluno relatou seus gastos para os dois dias: “duas passagens de ônibus só de ida para o evento, pois argumentou que voltou a pé para o hotel para economizar, dois almoços, uma janta e um refrigerante”. Informou que o limite de seu cartão era de R\$ 90,00, mas que se preocupou em gastar só o que realmente precisava, pois sabia que depois teria que pagar. Que não havia se iludido com o limite lembrando-se do salário que recebe. Completou dizendo que: “talvez pudesse ter bebido uma água em vez de refrigerante, mas também bebi só em uma refeição.” Quanto ao valor ideal do limite do cartão, posicionou-se dizendo que: “quem não tem um grande salário não deve aceitar ter um cartão de crédito, deve pensar que o seu limite é seu salário.”

Passou-se, então, para o relato da aluna que gastou mais do que seu limite. Assim como essa aluna, outros alunos também se posicionaram dizendo que poderiam diminuir vários itens, como cinema, chocolate, revista, CD, balada, *lan house*, entre outros que apareceram. Da mesma forma, não controlaram as compras que realizaram para que não ultrapassasse o limite do cartão, comprando coisas das quais não precisavam.

A professora de Geografia também se pronunciou, apontando alguns itens que ela poderia ter deixado de gastar. Falou aos alunos que eles tomassem muito cuidado quando lhes fosse oferecido um cartão de crédito, “pois é muito fácil se iludir, gastar e só se dar conta do

montante quando recebe a fatura para pagar”. Disse ainda que havia gasto algumas coisinhas a mais, pois era um momento excepcional, um encontro em outra cidade, então achava que poderia gastar um pouco com coisas que não costuma consumir, como chocolate, refrigerante, barra de cereal e *Halls*. Outros alunos aproveitaram o depoimento da professora, justificando seus gastos da mesma forma: que só gastaram a mais e com supérfluos porque estavam no encontro de estudantes.

Aproveitei as manifestações e ratifiquei os depoimentos sobre o posicionamento da ilusão de poder de compra que o cartão de crédito dá. Salientei que, no futuro, quando adquirissem um cartão de crédito, devem lembrar de anotar o valor gasto na planilha de controle do orçamento. Sugeri que, na medida do possível, procurassem guardar os valores economizados com gastos de supérfluos ou outros sem necessidade. Lembrei que, conforme as dicas que haviam sido lidas na aula passada, o ideal era que, antes de começar a gastar o salário, se reservasse uma parte para uma poupança, pensando em imprevistos futuros.

Finalizando a discussão, solicitei aos alunos que escrevessem suas impressões sobre o uso do cartão na mesma folha na qual haviam respondido, antes de realizar a atividade, sobre o que é um cartão de crédito e como utilizá-lo. Destaco abaixo alguns depoimentos:

- “Deixa a pessoa faceira, em outro mundo, mas logo volta à realidade com as contas para pagar. É um belo modo para facilitar os pagamentos, isto é, se souber usar.”
- “Cartão de crédito é bom se você souber usar. Deve conhecer realmente o que o banco que te ofereceu propõe a você. Procure descobrir as vantagens e desvantagens oferecidas pelo seu cartão. E, é claro, sempre e de qualquer modo, não sai gastando à toa!”
- “Tirei algumas dúvidas que tinha, mas eu já sabia como ele servia.”
- “Depois da aula, percebi que o cartão de crédito é bom se usarmos com consciência e cautela e, que ele pode ser muito útil em certas horas.”
- “Acabou se confirmando o que eu já achava sobre o cartão de crédito depois desta aula que tivemos. Consegui tirar dúvidas sobre o assunto.”
- “Neste momento, os alunos puderam se dar conta de que fizeram gastos desnecessários e uma nova preocupação se instalava: como pagar tal dívida se ela realmente tivesse sido contraída?”(professora de Geografia).

De acordo com os depoimentos anteriores à realização da atividade, as discussões que surgiram e os depoimentos finais levam-me a crer que os conhecimentos dos alunos a respeito do cartão referiam-se principalmente ao uso do cartão de crédito, uma vez que os pais da maioria possuem principalmente cartão de débito e crédito. Esse cartão, conforme os alunos, é fornecido através de convênios com as empresas onde seus pais trabalham e que eles utilizam para compras em supermercado, farmácia e padaria local, sendo depois cobrados (descontados) de seus salários a cada mês. Alguns pais também possuíam outro tipo de cartão, como *Mastercard*, *Visa* ou cartão de banco.

Os alunos demonstraram que não tinham conhecimentos mais profundos sobre os cuidados na utilização do cartão de crédito nem tinham a preocupação em incluir no planejamento orçamentário as compras realizadas no cartão e com os juros cobrados para quem deixa de pagar na data do vencimento. Porém, acredito que, após a realização dessa atividade, cuidarão para no futuro, quando vierem a possuir um cartão de crédito, procurarão usar com responsabilidade, evitando contrair dívidas desnecessárias.

Aula 09 – 16/09/08 – terça-feira – 4º e 5º períodos

Através de uma atividade prática de uso e preenchimento de cheques, os alunos conheceram um pouco sobre um dos produtos oferecidos pelos bancos.

Esteve presente, neste dia, e realizando a atividade juntamente com os alunos, minha orientadora professora do Mestrado, Miriam Ines Marchi.

Como já foi relatado no Capítulo 3, Seção 3.2.3.1, forneci cinco cópias de cheque fictício, conforme o ANEXO 6A, para cada aluno. Explorados e explicados os campos do cheque, bem como deve ser o preenchimento do mesmo, solicitei que preenchessem os seus “cheques”, anotando a data, o valor do cheque e para quem ou a que se destinava.

Posteriormente, forneci valores referentes ao saldo inicial, um débito e um crédito, que foram retirados de uma caixa aleatoriamente. Feitas as anotações desses valores, solicitei que realizassem os cálculos, debitando ou creditando os valores fornecidos e os valores dos

cheques emitidos, finalizando no saldo de suas contas. Alguns alunos receberam valores com saldo negativo.

Durante a realização da atividade, fui orientando os alunos, nos grupos, sobre os procedimentos para o preenchimento do cheque e cálculos do canhoto do cheque. Minha professora também auxiliou na orientação de alguns alunos.

De posse dos seus saldos, forneci uma cópia de um extrato de conta corrente (ANEXO 6B) para que preenchessem com os dados obtidos do canhoto do cheque. Com os dados de um aluno, exemplifiquei no quadro e após nos grupos.

A discussão deu-se durante a realização da atividade. Na medida do possível, as dúvidas com cheque cruzado, cheque pré-datado, cheque especial, controle do canhoto com o extrato de conta, entre outras, iam sendo sanadas. E pedi que anotassem as questões sobre as quais não tinham conhecimento para responder, para que fossem levadas para a gerente do banco responder na semana seguinte, quando da realização da visita. Foram questões como:

- *Qual o juro cobrado para quem está negativo?*
- *Se uma pessoa tem conta conjunta com outra e uma passa um cheque sem fundos, as duas vão para o SPC (Serviço de Proteção ao Crédito)?*
- *Que salário preciso ter para possuir cheque especial?*

Durante todas as aulas, os alunos demonstraram interesse em participar realizando as atividades propostas, porém, nas aulas com o cartão de crédito e nesta com o cheque, observei uma curiosidade maior. Acredito que um dos motivos possa ter sido, além do interesse em saber preencher um cheque, o que muitos não sabiam, que eles já estavam se sentindo mais à vontade. Fato é que mesmo a presença de minha professora não os intimou em esclarecer suas dúvidas.

O fechamento desta aula, feito por minha orientadora do Mestrado, professora Miriam Ines Marchi, deu-se com palavras de agradecimento pela turma estar colaborando na realização de minha pesquisa.

Aula 10 – 23/09/08 – terça-feira – 2º e 3º períodos

Com o objetivo de fundamentar os conhecimentos da aula anterior, bem como sanar as dúvidas surgidas, realizou-se uma visita à agência da Caixa Econômica Federal de Ivoti – RS. Esteve acompanhando os alunos e, também, sanando suas dúvidas, a professora de Matemática da turma.

Minha solicitação anterior à gerente geral da agência foi de uma palestra sobre o funcionamento de um banco, bem como que procurasse esclarecer algumas dúvidas dos alunos a respeito dos produtos oferecidos. Salientei os conteúdos que havia trabalhado, bem como os objetivos de minha pesquisa com a turma.

No diálogo, a gerente discorreu mais perguntando do que informando sobre o assunto. Desta forma, os alunos foram sentindo-se à vontade para questionar. Ela respondeu a algumas das questões que surgiram na aula anterior e a outras trazidas pelos alunos, como:

- *O que é inadimplência?*
- *Qual o juro cobrado para quem está negativo?*
- *Se uma pessoa tem conta conjunta com outra e uma passa um cheque sem fundos, as duas vão para o SPC (Serviço de Proteção ao Crédito)?*
- *E depois, quanto tempo fica com o nome sujo?*
- *Que salário preciso ter para possuir cheque especial?*
- *Qual o significado de sustar um cheque?*
- *Sobre previdência privada. Para nós que estamos concluindo o ensino médio, o que é melhor, fazer um plano de previdência privada ou abrir uma poupança?*
- *Qual o valor mínimo para se abrir uma poupança?*
- *A partir de que momento começa a valer o cartão de crédito que as empresas mandam sem pedir?(professora de Matemática)*
- *Como conseguir um financiamento?*

Na prática docente, deixa-se, às vezes, de incluir certos assuntos nos planejamentos, muitas vezes por causa do sentimento de incapacidade de discutir um tema que não se domina. Perdem os professores; perdem os alunos. Questiono-me quanto às oportunidades

que estão aí no dia-a-dia dos alunos e das quais pode-se dispor para a realização das aulas. Essas oportunidades são escolhas que dependem de serem aproveitadas ou não.

Com uma simples visita a um banco, pode-se desenvolver uma grande quantidade de conteúdos. Desta forma, estar-se-á dando significado a todos esses conteúdos que estão nos programas e que podem ser desenvolvidos de maneira prazerosa com os alunos.

Paulo Freire (2007, p. 52) fala que a partir do momento que os seres humanos, intervindo no *suporte* (seu espaço), foram criando o mundo. O autor conclui que não é “possível existir sem assumir o direito e o dever de optar, de decidir, de lutar [...]”.

Nessa visita, percebi o quanto pude contribuir para formar um cidadão seguro de seus direitos, confiante de que está incluído no mundo e que poderá pertencer a ele.

Ainda citando Freire (2007, p. 52): “E tudo isso nos traz de novo à radicalidade da *esperança*. Sei que as coisas podem até piorar, mas sei também que é possível intervir para melhorá-las.” Essa intervenção ficou bem clara na forma com que se iniciaram as primeiras questões. Os alunos estavam tímidos para perguntar, em seguida foram se sentindo à vontade por perceber que alguém estava disposto a ouvir e tirar suas dúvidas. Assim, recorro novamente às palavras de Freire para expressar essa experiência:

Quando saio de casa para trabalhar com os alunos, não tenho dúvida de que inacabados e conscientes do inacabamento, abertos à procura, curiosos, “programados, mas, para aprender”*, exercitaremos tanto mais e melhor a nossa capacidade de aprender e de ensinar quanto mais sujeitos e não puros objetos do processo nos façamos (FREIRE, 2007, p. 58-59). * JACOB, François. *Nous sommes programmés, mais pour apprendre*, op.cit.

Aproveitar os recursos que a comunidade oferece, auxilia a desempenhar a prática pedagógica e abre a possibilidade de contribuir na inclusão dos alunos no processo de aprender como sujeitos e não como meros objetos do processo.

Aula 11 – 01/10/08 – quarta-feira – 1º e 2º períodos

Esta aula representou uma forma de refletir sobre o papel que se tem enquanto “inquilinos” no mundo. Foi uma tentativa por acreditar que dentro de uma proposta interdisciplinar, a preocupação com os cuidados com o meio ambiente podem e devem estar presentes na sala de aula.

Discutir sobre as finanças pessoais, o planejamento orçamentário e o uso e ganho do dinheiro é importante dentro de uma proposta de inclusão de Educação Financeira na escola. Porém, não se pode falar em Educação Financeira pensando só o lado financeiro, sem considerar a utilização consciente e responsável dos recursos naturais. *Do que adiantará ter recursos financeiros e saber administrar os salários, se não se tiver uma postura de preservação do mundo em que vivemos?* É importante, também, conhecer e assumir o papel de cidadão.

A responsabilidade com o lixo que se produz não pode ter o percurso da lixeira até a lixeira em frente à casa. A quantidade de comida que é desperdiçada diariamente, o mau uso dos alimentos, a separação do lixo para reciclagem são questões que exigem um posicionamento. Assim, apresentei o documentário exibido pela Rede Globo em 2004 sobre aproveitamento total de alimentos e reciclagem.

Antes da apresentação do documentário, questionei os alunos se eles costumavam assistir a esse tipo de programa. Pouquíssimos alunos disseram: “às vezes assisto”, o que demonstrou uma falta de interesse em assistir ao documentário, mesmo antes de saber do que se tratava. Porém, desejavam assistir ao documentário. Não informei aos alunos o assunto de que tratava o documentário. Durante a apresentação, houve vários comentários por parte dos alunos sobre os acontecimentos que se desenrolavam no vídeo.

Terminada a exibição, solicitei que respondessem às três questões que foram fornecidas. As respostas foram recolhidas e analisadas. Para discutir e refletir sobre o filme, apresento algumas das respostas dadas pelos alunos:

1. *Que mensagem significativa você pode tirar do filme?*

- “O filme passou uma mensagem muito positiva, de que se têm tudo que precisa, porém pouco se aproveita para utilizar das coisas as quais disponibilizamos.”
- “Que a maior parte do nosso lixo pode ser reciclada e que comidas que jogamos fora não necessariamente precisam ser jogadas fora, mas sim reaproveitadas.”
- “Todos somos capazes de reciclar e o passo mais importante para isso é a boa vontade, afinal a reciclagem só traz benefícios tanto para a solução de problemas ambientais, quanto sociais, pois preserva a natureza, gera renda e empregos.”
- “Que a Terra precisa da gente e que a gente precisa muito mais da Terra bem cuidada.”
- “Que podemos ajudar a preservar o meio ambiente e melhorar a nossa qualidade de vida gerando emprego para muitas pessoas e não devemos ter preconceito com os catadores, pois esse é um emprego tão digno quanto qualquer outro.”
- “Que qualquer trabalho com reciclagem e separação de lixo tem uma importância extrema na economia de famílias e/ou indivíduos que até então não tinham muitas opções de vida. E ainda ajuda na preservação do meio ambiente.”

2. *De que forma você pode contribuir na sua casa, na escola, cidade, exercendo seu papel de cidadão?*

- “A forma que eu posso ajudar é reciclando e conscientizando a todos para começarem a fazer também, assim reciclando e passando o conhecimento adiante.”
- “A forma clássica de que todos devem fazer sua parte a começar pela separação do lixo, não se esquecendo de lavar as embalagens antes de colocá-las no lixo, pois com essa simples atitude não haverá tanto odor quando for feita a reciclagem.”
- “Me preocupando mais e me envolvendo nesta causa, policiando a mim e aos outros. Se cada um controla-se no consumo de água, luz e se preocupasse com o destino de seu lixo...”
- “Cada um pode fazer a sua parte, mas em minha opinião a mudança começa por mim mesma, reciclando, poupando, reaproveitando e não desperdiçando. Ao final de tudo, isso gera um bem para o nosso bolso e, principalmente, para a natureza.”
- “O primeiro passo seria incentivar nosso prefeito, vice-prefeito e vereadores a pensar na possibilidade de se trazer uma usina de reciclagem para a cidade, que

ainda não tem uma. Feito isso, podemos começar a separar o lixo em nossas casas, lavar os materiais recicláveis antes de jogá-los no lixo para colaborar com aqueles que sobrevivem disso.”

– “Eu posso ajudar separando lixo, o que já faço. Economizando luz, usando mais partes dos alimentos que não eram usadas antes e tentar fazer com que os outros façam o mesmo.”

– “Eu já faço o meu papel de cidadão nestes lugares, reciclando, porque o meu padrao tem uma reciclagem, então os materiais recicláveis são separados e ele vende.”

3. *Que relação o assunto do filme tem com Educação Financeira?*

– “Sobre como economizar em pequenas coisas normalmente ignoradas podem trazer grandes diferenças nas rendas e gastos. Sempre para o melhor.”

– “Têm muito em comum Educação Financeira e reciclagem, pois como trabalhamos com métodos que não dão tantos gastos e aprendemos que poupar faz bem para nossas vidas, a reciclagem é um dos caminhos para uma vida mais ‘saúdável’ na questão de economizar.”

– “A reciclagem nos faz economizar muito dinheiro. A Educação Financeira é você aprender a utilizar o seu dinheiro e a reciclagem nos faz gastar menos e ainda pode gerar empregos ou até uma renda extra para quem recicla, transformando o lixo em coisas que podem ser vendidas.”

– “Muita economia. Como no exemplo apresentado no final do filme que estavam poupando 100 mil reais por ano. Isso é muita coisa e ainda por cima estavam preservando.”

– “Com a reciclagem do lixo e o reaproveitamento dos alimentos, no final do mês gera uma grande economia para o bolso.”

– “O filme mostrou que com a reciclagem a gente gasta menos dinheiro e ainda ajuda o meio ambiente.”

– “Economizar, com certeza. O que nos liga diretamente com ajudar a natureza, que não tem nada a ver com Educação Financeira, mas é tão bom quanto economizar. Como se fosse um mesmo sentido para duas coisas diferentes.”

– “Pelo fato que podemos fazer tanto na alimentação como nas despesas em casa (luz, água...).”

– “É essa questão de geração de empregos. Pessoas que viviam nas ruas podem ter emprego. Também que o que é reciclado tem custo menor do que comprar novo.”

No primeiro momento, o que poderia representar uma aula que não agradaria aos alunos desenrolou-se de forma muito dinâmica e participativa. As discussões desta aula ficaram restritas aos comentários dos alunos durante a exibição do filme e às análises das questões respondidas pelos alunos, onde se procurou refletir sobre as prováveis soluções para o problema do lixo no mundo.

Assim, como nas palavras da aluna: “Cada um pode fazer a sua parte, mas em minha opinião a mudança começa por mim mesma”, acredito que a mudança pode e deve começar com cada um. Espera-se e acha-se que quem tem que dar conta disso é o Governo, afinal pagam-se impostos. Mas, nas palavras de outra aluna: “o passo mais importante para isso é a boa vontade”, não esquecendo que todos vivem no mesmo mundo e que todos dependem dele e das outras pessoas. Como bem concluiu o aluno que disse que a mensagem significativa que havia retirado do filme foi: “Que a Terra precisa da gente e que a gente precisa **muito mais** da Terra bem cuidada.” Isso me remete a pensar na questão de dependência. *Quem depende de quem? É o planeta que depende de nossas ações para estar em equilíbrio e que a vida continue sendo possível nele? Ou somos nós que dependemos que o planeta se recupere por si mesmo, pois as pequenas ações não farão diferença?*

O problema com o lixo tem sido tema de muitas discussões. A reciclagem é uma das saídas para que se possa ajudar a dar conta desse problema. Porém, nem todos reciclam, alegando, como em cidades como a nossa, Ivoti – RS, que depois é tudo misturado e vai para um aterro sanitário. Nos dias atuais, mesmo em cidades tão pequenas como Ivoti, já existem catadores de lixo. Esses catadores fazem a reciclagem, que infelizmente algumas cidades ainda não realizam. Esses catadores sobrevivem disso. Muitos reclamam que catadores, flanelinhas e toda espécie de pessoas que praticam um trabalho informal deveriam ser banidos das ruas. Conforme Dimenstein (2002, p. 131): “O fato é que eles não possuem o principal requisito para enfrentar as regras do jogo: maior escolaridade.”

Reclama-se do Governo por distribuir auxílios dos mais variados para as pessoas menos favorecidas, quando esses valores, no máximo, dão para a sobrevivência dessas pessoas. Porém, não se questiona se existe outra opção no momento para elas. Quem sabe, se

todos ajudassem fazendo a sua parte em pequenas ações, reciclando, não desperdiçando, colaborando com as pessoas menos favorecidas, cobrando do Governo mais ações que visassem à educação dessas pessoas, as coisas poderiam mudar.

Ao mesmo tempo em que se percebeu que o problema do lixo no mundo é preocupante, pode-se constatar, através do documentário, que várias ações são feitas e que existem pessoas empenhadas na busca de soluções ou, pelo menos, de formas para amenizar a situação. Logo, cada um fazer a sua parte será fundamental.

Aula 12 – 10/10/08 – sexta-feira – 4º e 5º períodos

Para finalizar a prática com a turma, escolhi apresentar para os alunos outro documentário, também exibido pelo Globo Repórter em 2004. Esse documentário representou de certa forma, um resumo de algumas das atividades que desenvolvi com os alunos, mostrando situações reais de pessoas que estão endividadas ou de pessoas que, através de um controle e planejamento, conseguem adquirir bens e manter poupanças. Mostrou exemplos de que não é preciso ser rico para se conseguir manter o orçamento equilibrado. Mostrou também situações de pessoas que tinham muito e que perderam tudo por falta de conhecimento e controle de seus gastos.

Não aconteceu uma discussão desta aula, pois o objetivo era lembrar aos alunos o que se havia trabalhado. Assim, uma pequena discussão foi acontecendo durante o filme. À medida que as cenas eram apresentadas, algum aluno lembrava-se de algo e comentava com um colega. Também o professor de Português da turma, que participou desta aula, fazia algumas colocações sobre o que estava sendo apresentado.

Após o documentário, entreguei aos alunos um resumo (ANEXO 7) ilustrado com charges de jornais. Essa foi uma forma descontraída de refletir sobre os assuntos que foram trabalhados nas aulas.

Posteriormente à leitura e ao comentário desse resumo, foi assistido um vídeo de aproximadamente dois minutos, lembrando aos alunos que, naquele momento, as aulas estavam acabando, e para eles a sua jornada de estudantes no ensino básico. Mas que uma

jornada iria terminar e outra já estaria começando: o ingresso no mercado de trabalho, o ingresso na faculdade.

4.3 Apreciações das Entrevistas Gravadas

Com o propósito de buscar respostas a um dos objetivos iniciais da pesquisa, analisei as entrevistas procurando encontrar argumentos nas palavras dos alunos que justificasse a importância de se incluir Educação Financeira na escola pública. Da mesma forma, verifiquei se, durante sua trajetória de estudantes, os alunos tiveram algum contato com assuntos relacionados com Educação Financeira, bem como se a intervenção prática contribuiu na forma como eles lidavam com essas questões. Assim, dividirei esta Seção em três grupos, a saber:

4.3.1 Conhecimento dos alunos

4.3.2 Validade da prática

4.3.3 Importância da Educação Financeira na escola

Refletir sobre a importância de preparar cidadãos para vida, para que possam agir de forma adequada, saudável e com responsabilidade diante de situações relacionadas à Educação Financeira é o objetivo que me propus quando da realização deste trabalho.

Bagno (2002, p. 58) fala que, “no século I antes de Cristo, o filósofo Sêneca lamentava, com amargura: *Non vitae, sed scholae discimus*”, isto é: “Não aprendemos para a vida, mas para a escola”. Comenta, ainda, que “conhecemos muita gente que acha que o dever da escola é entupir os filhos de ‘conteúdos’ para ‘entrar na faculdade’ e ponto final”. Mas o pensamento do autor a respeito da função da escola é: “eu tenho a ilusão de que a função da escola é preparar um cidadão consciente de seus deveres e de seus direitos, apto para levar uma vida digna em sociedade!”

Concordo com Bagno que preparar cidadãos para a vida deve ser um dos objetivos da escola. Assim, acredito que assuntos relacionados à Educação Financeira poderão ajudar a cumprir essa tarefa.

Na Lei de Diretrizes e Bases Nacional (LDB) nº 9.394 (PCNs, 1999, p. 43), em seu Capítulo II Art. 22, orienta-se sobre as disposições gerais da educação básica, onde: “tem por finalidades desenvolver o educando, assegura-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”.

Apoiando-me em Freire (2007, p. 30) quando diz que: “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos”, que me faz acreditar que incluir Educação Financeira na escola poderá possibilitar o desenvolvimento do cidadão consciente de seus direitos e de seus deveres, respeitando os seus saberes e assegurando-lhe o exercício de sua cidadania, como orienta a LDB nº 9.394.

Freire questiona sobre:

Porque não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade [...] Porque não estabelecer uma “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos (FREIRE, 2007, p. 30)

Na discussão dos dados pesquisados através das falas dos alunos nas entrevistas gravadas e no apoio de fundamentação teórica, busquei subsídios para procurar responder às questões objeto de estudo desta pesquisa: *Os alunos do 3º ano do ensino médio de uma escola pública, no decorrer de sua trajetória de estudantes, tiveram algum contato com assuntos relacionados com uma Educação Financeira? Trabalhar na escola de forma que se possam relacionar os conteúdos curriculares com aspectos que dizem respeito ao “mundo financeiro” é possível?*

As entrevistas foram realizadas individualmente, durante o mês de novembro, na Escola Mathias, em horários agendados anteriormente com os alunos, no último dia de aula. Um grupo dos oito alunos prontificou-se a participar das entrevistas. Esse grupo era composto por cinco meninas e três meninos, sendo que uma aluna teve toda a sua trajetória de estudante na escola, duas alunas ingressaram na escola na 6ª série, e cinco alunos (duas meninas e três meninos) entraram na escola no 1º ano do ensino médio.

Para a análise das entrevistas, nomearei os alunos com as oito primeiras letras maiúsculas de alfabeto. Assim, citarei Aluno A, Aluno B, Aluno C, Aluno D, Aluno E, Aluno F, Aluno G e Aluno H, na ordem em que foram entrevistados.

4.3.1 Conhecimento dos Alunos

Nesta seção, abordarei o conhecimento dos alunos a respeito de assuntos relacionados com Educação Financeira, considerando sua trajetória na educação básica e suas vivências no seu grupo familiar.

Conforme análise do Plano de Estudos da escola, verifiquei a presença nos programas de conteúdos que poderiam ser relacionados e aproveitados para se trabalhar com Educação Financeira.

Através das falas dos alunos nas entrevistas, apontarei de que forma eles conseguiram ou não observar a presença desses conteúdos e estabelecer uma relação com assuntos do mundo financeiro.

Os oito alunos entrevistados, quando questionados sobre se já haviam trabalhado com os assuntos abordados em minhas aulas, no primeiro momento, afirmaram que não tiveram qualquer contato anterior com o tema na escola; alguns tiveram conhecimento através da família ou do seu trabalho. Durante o diálogo, apareceram algumas manifestações sobre professores que teriam conversado com eles sobre os assuntos que trabalhei. Porém, no entender desses alunos, de forma superficial. Nas falas a seguir, pode-se perceber isso:

Aluno A: “Pela família, não pela escola. Pela escola, nunca”.

Aluno B: “Não. Foi a primeira vez. Nunca tinha nada assim diferente das aulas. Era sempre conteúdo, explicação, tema, prova, trabalho, nada diferente assim”.

Aluno C: “Até agora, no momento, não tinha realizado nenhuma. Nem na outra escola que estudei até a 8ª série”.

Aluno D: “A partir do 1º ano, porque eles viam que a maioria começava a trabalhar e daí ia comprando coisas e fazendo ‘fixa’ (prestações). E poderia ter o risco de cair no SPC se não pagasse tudo certo. Mas só comentavam, não chegavam fundo ao assunto”.

Aluno E: “Na escola não. Só do meu trabalho”.

Aluno F: “Mais ou menos. No serviço em que trabalho”.

Aluno G: “Não foi utilizada por outro professor, porque eles querem mais é passar matéria, passar o que eles têm para passar e não custa informar os alunos sobre contas, a questão financeira mesmo”.

Aluno H: “Quase nada. Só ouvia falar, mas não entendia”.

Pelas respostas dos alunos, é possível perceber que houve algum contato com assuntos relacionados com Educação Financeira por parte da família ou em seus trabalhos. O Aluno D demonstrou que houve uma preocupação por parte da escola em alertar os alunos que já trabalhavam para que não contráissem dívidas. Porém, não ficou claro se foi uma conversa com toda a turma ou com um grupo de alunos trabalhadores.

Percebi, também, que os alunos consideraram as atividades desenvolvidas como algo diferente do que costumavam ter na escola. O Aluno C, quando questionado sobre ter conversado em casa sobre os assuntos das aulas, disse: “Com a minha mãe eu falei que começamos a ter uma aula diferente”. Assim, trabalhando com novas metodologias e tecnologias, procurei provocar a reflexão dos alunos diante de situações de seu cotidiano, nas quais pudessem relacionar os conteúdos curriculares com os assuntos da Educação Financeira.

Conforme Moysés (2001, p. 44-45), “Vygotsky abordou brevemente essa questão das relações entre aprendizagem e desenvolvimento”. A autora diz ainda que os seguidores de Vygotsky realizaram estudos sobre as mais diferentes disciplinas escolares, e uma das conclusões a que chegaram é de que “o processo de aprendizagem muda não só o que se pensa conscientemente, mas também os modos como se produz essa reflexão” (BOGAYALENSKY E MENCHINSKAYA, 1991, p. 46). Moysés, explicando de outra forma, diz que: “o que se está afirmando é que o conhecimento que o aluno adquire não só amplia sua consciência, como também modifica seu próprio modo de pensar”.

Partindo desse pressuposto, quando o aluno consegue estabelecer uma relação entre a forma como eram trabalhados os conteúdos e a forma com a qual apresentei as atividades, acredito que houve uma reflexão desse aluno e que seu nível de conhecimento foi ampliado. Assim, posso dizer que o conhecimento anterior dos alunos não era suficiente para contribuir no entendimento de questões do mundo financeiro.

Observei, ainda, uma indignação por parte de alguns alunos em descobrir que, estando no último ano da educação básica, não haviam tido contato com questões essenciais para enfrentar o mundo “lá fora”. Isso pode ser demonstrado nas falas:

Aluno A: “A gente precisa saber dessas coisas e, puxa, agora a gente já está no 3º ano e nós não sabíamos disso. Porque ano que vem eu estou saindo... É outro mundo para mim”.

Aluno B: “Para que vou usar Matemática? Para que vou usar Português? Se não seguir nada na faculdade. Mas isso daí (Educação Financeira) é importante mesmo que tu não continues estudando”.

Aluno E: “Volta o que nós falamos antes, só tem teoria, mas se tiver como aplicar fica melhor. Existe isto lá fora e isto não está dentro da escola”.

Aluno H: “Isso é bem importante, às vezes mais importante que as matérias que a gente tem na escola. Acho que isso aí a gente vai levar para a vida toda”.

Conhecer assuntos do mundo financeiro, no entender desses alunos, é uma necessidade de algo que transcende o ensino básico que se tem nas escolas, sendo o conhecimento desses assuntos tão importante ou mais que dos conteúdos das diversas disciplinas com que têm contato.

4.3.2 Validade da Prática

De certa forma, quando analisei o conhecimento anterior dos alunos, já pude observar manifestações sobre a validade da intervenção prática.

Acredito que discutir sobre a inclusão de Educação Financeira na escola só poderia ter uma validade no momento em que me propus a trabalhar alguns temas desse assunto. Desta forma, proporcionei aos alunos conhecer e aplicar conceitos do mundo financeiro e que faziam parte de seu dia-a-dia como suporte para ajudar na reflexão da validade dessa prática.

Os alunos, quando questionados sobre se conhecer esses assuntos havia os ajudado de alguma forma, suas manifestações foram:

Aluno A: “O cheque eu... Já me pediram para preencher um cheque e eu tive vergonha porque eu não sabia. E me perguntaram se eu não tinha aprendido isso na escola”.

Aluno B: “O cartão de crédito/débito, essas coisas. Eu não sabia como que funcionava direito. Comecei agora, desde que estou trabalhando e nas tuas aulas”.

Aluno C: “Eu tinha pouco conhecimento sobre impostos. Mas com as apresentações dos outros trabalhos aprendemos mais”.

Aluno D: “Eu aprendi muito com estas aulas. Eu sabia pouco e aprendi muito mais. Fiquei sabendo de coisas que vão me ajudar muito daqui para frente”.

Aluno E: “Sobre planilhas. Usei exemplos que tivemos nas nossas aulas. Antes eu só mostrava as funções, agora tenho uma aplicação para elas”.

Aluno F: “Antes gastava além do meu pagamento (salário). Gastava mais do que ganho e não sabia controlar”.

Aluno G: “Ajudou a pensar que quando o pai e a mãe falavam que não dava para comprar uma coisa... Que não tem como. A compreender que aquilo ali não tem como. O porquê do não. Sabe? Ajuda bastante tu crescer mentalmente na questão do dinheiro. Em ver quanto tu gasta com coisas bobas, dinheiro que poderias estar guardando para quem sabe no futuro fazer uma viagem ou estudar”.

Aluno H: “Ajudou bastante. Eu e meu namorado compramos um ar condicionado e analisamos se a melhor forma de comprar era a prazo ou à vista. Então resolvemos comprar à vista, porque a prazo a gente iria pagar dois aparelhos de ar condicionado. Daí, logo me lembrei das aulas. Nós íamos ficar um tempão pagando e pagar mais”.

O aluno A ficou muito satisfeito por aprender a preencher um cheque, apesar de já estar sendo menos utilizado que em outros tempos, atualmente ainda existem pessoas, como os alunos, que não sabem como preencher e desconhecem as regras para adquirir um cheque.

Trabalhar com o cheque poderia ser uma forma de relacionar os conteúdos com os Números Inteiros (6ª série, futuro 7º ano) nas questões de crédito e débito, no estar negativo, nas operações com taxas como IOF, no câmbio das diversas moedas que existem no mercado, entre outros assuntos que esse tema me leva a pensar. Um tema que poderia ser trabalhado de forma interdisciplinar.

O Aluno E é instrutor (professor) em uma empresa de cursos de curta duração. Ele ministra um curso de informática para departamento de pessoal, no qual ensina as funções do programa tipo Excel da Microsoft®, e com as aulas aprendeu aplicações para elas.

A aplicação no seu trabalho, caso do Aluno E, ou na vida, como o Aluno H, de situações aprendidas em sala de aula deixa-me satisfeita, pois denota que as aulas foram válidas.

Um recurso que, nos dias atuais, quase todas as escolas possuem é uma sala de informática. Recurso esse que aproveitei para realizar uma das aulas. O programa do tipo Excel da Microsoft® possibilita fazer cálculos de juros, bastando conhecer as funções. Outro exemplo onde se pode utilizar esse programa é no estudo dos juros simples e compostos, como já citados anteriormente.

Da mesma forma, os Alunos F e G falam de como o conhecimento desses assuntos fizeram com que compreendessem o ganho e uso do dinheiro com responsabilidade: um constatando que estava gastando mais do que recebia, e o outro não compreendendo porque não poderia comprar certas coisas.

No documentário apresentado para os alunos no último dia de aula, uma das reportagens falava sobre uma pesquisa desenvolvida por alunos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (URFGS) e coordenada pelo professor pesquisador Flavio Comim, junto a 450 moradores da Vila Pinto, de Porto Alegre, sobre como as pessoas administram o seu dinheiro. Em entrevista, o professor Flávio Comim falou que: “A nossa variável-chave foi a educação. Uma vez que você tem educação, você tem renda, você tem saúde, você sabe organizar sua vida. Se você tem renda e não sabe organizar a sua vida, vale muito pouco e a única coisa que se constata é que as pessoas usam mal o dinheiro”.

Concordo com o professor Flávio que a variável-chave é a educação, pois quando o Aluno F fala que “gastava mais do que ganho e não sabia controlar”, demonstra que antes não sabia organizar sua vida e usava mal o dinheiro que recebia.

O professor Flávio ainda cita que “qualidade de vida não está ligada só à renda, ao valor dos salários somados. Também depende da escolaridade dos pais e dos filhos e do acesso à informação”.

A busca ao acesso da informação foi um dos aspectos que procurei salientar em todas as aulas. Como fala Freire (2007, p. 124): “Todo ensino de conteúdos demanda de quem se acha na posição de aprendiz que, a partir de certo momento, assumindo sua autoria também do conhecimento do objeto”. Assim, orientei os alunos acerca de meios de como buscar as informações e o conhecimento necessário para facilitar a sua compreensão nas diversas situações que se apresentavam, assumindo sua autoria na construção desse novo conhecimento. Da mesma forma, procurando deixá-los à vontade sobre o direito a esse acesso sem que se sentissem intimidados por estar querendo saber algo.

4.3.3 Importância da Educação Financeira na Escola

A análise da Educação Financeira na escola representa a parte mais importante de todo o trabalho desenvolvido. Busquei, durante toda a pesquisa, verificar se incluir Educação Financeira na escola é importante. Através do estudo sobre ideias de alguns pensadores da educação e de outros que também já vêm trabalhando com esse tema, bem como das opiniões dos alunos entrevistados, procurei trazer para reflexão esse assunto com o qual venho trabalhando durante sete anos na rede privada, e que pouco se sabe de iniciativas na rede pública.

Em 2005, o jornal Zero Hora lançou o desafio de, a cada mês, publicar iniciativas de escolas que vinham trabalhando com Educação Financeira. Na época, descobri que a Escola Estadual Plácido de Castro, de Porto Alegre, e a Escola Municipal Flores da Cunha, de Esteio, que participaram da promoção, eram escolas da rede pública e que desenvolveram atividades com Educação Financeira. As demais escolas participantes eram da rede privada.

Nos dias atuais, provavelmente, mais iniciativas anônimas estão sendo feitas. Serão preciso, ainda, muitos desafios para que se possa ver incluída a Educação Financeira nos currículos da rede pública.

Como já foi citado no Capítulo 2, tramita, desde maio de 2007, a criação de um grupo de trabalho junto ao Ministério da Educação e Cultura (MEC) para se incluir Educação Financeira na escola pública.

Quando ingressei no Mestrado, propus-me a fazer um estudo sobre a importância de se incluir Educação Financeira na rede pública. O desejo de realizar esta pesquisa com um público que não fazia parte do meu dia-a-dia surgiu de ações que vinha desenvolvendo com alunos de 5ª à 8ª séries. Com essa experiência, acreditei que esse seria um bom público para fazer minha investigação, pois esse grupo representava o término da educação básica e poderia me ajudar na tarefa de avaliar a importância de se incluir Educação Financeira na escola pública.

Assim, novos questionamentos surgiram para que pudesse refletir sobre essa inclusão. Um deles foi: *A partir de que série é importante incluir Educação Financeira na escola?*

O modo como cada um de nós lida com as finanças reflete nossas emoções e ambições, e nossos valores e sentimentos de auto-estima. Não é por acaso, que a vida financeira das pessoas conta quase tudo sobre o modo como elas vêem a si e aos outros.

O fato é que construímos as bases de nossa relação com o dinheiro até por volta dos cinco anos de idade. As atitudes que funcionaram na infância e nos levaram a conseguir os resultados desejados foram, em boa parte, responsáveis pela formação da mentalidade financeira que temos hoje (D'AQUINO, 2000, p. 40).

Segundo Oliveira (1997, p. 104), as ideias de Vygotsky têm particular relevância para a educação no sentido de que se deve olhar o desenvolvimento do indivíduo de maneira prospectiva, transcendendo o momento atual, considerando o que está por acontecer em sua trajetória. Ligados ao “conceito de desenvolvimento proximal, que marca como mais importante no percurso de desenvolvimento, exatamente aqueles processos que já estão presentes, ‘em semente’, no indivíduo, mas ainda não se consolidaram”.

D'Aquino fala que, por volta dos cinco anos de idade, são construídas as bases da relação da pessoa com o dinheiro. As ideias de Vygotsky apontam para a importância de considerar os processos presentes em “semente”, no percurso de desenvolvimento do indivíduo. Desta forma, leva-me a acreditar que já na pré-escola poderia ser incluída a Educação Financeira.

Outro questionamento que destaco foi: *De que forma a Educação Financeira deve ser trabalhada na escola?*

Rego (1998, p. 126) fala que procurar entender as ideias de Vygotsky como “um pesquisador inquieto e interdisciplinar, que tentou buscar informações de diversas áreas do conhecimento com vistas a ultrapassar o estado de conhecimento de seu tempo” significa não tratar seus postulados de modo dogmático, e sim “como ponto de partida para novos estudos e descobertas”. Isso me leva a acreditar que uma proposta interdisciplinar pode ser uma alternativa na tentativa de se incluir Educação Financeira na escola.

Procurei identificar, nas falas dos alunos, alguns indicadores que poderiam ajudar na identificação do melhor caminho a ser seguido e em que momento seria o ideal para se incluir esse tema na escola. Destaco algumas falas:

Aluno A: “Eu acho que a Educação Financeira deveria entrar não só no 3º ou no 2º ano, mas a criança tem que, desde pequena, aprender que é necessário poupar, economizar, porque isso é uma coisa que não se desenvolve assim, bah, agora eu quero poupar”.

Aluno B: “Acho que poderia ter com todas as turmas, não só de 3º ano”.

Aluno C: “É difícil estipular a série. Desde cedo, porque se não pode se tornar um consumidor compulsivo e aí o negócio complica e não tem como reverter mais”.

Aluno D: “Eu acho que deveria ser a partir do 2º ano do ensino médio. Porque tem muitos que, no 1º ano, os pais têm receio de largar eles para trabalhar. Mas a partir do 2º ano, todo pai pensa que o filho já possa trabalhar”.

Aluno E: “O certo seria começar a partir do momento que esta pessoa começa a ter idade para trabalhar. Não sei qual série que ela ia estar com 14 ou 15 anos. Então deveriam aplicar isso, pois ela começa a ter dinheiro e precisa saber”.

Aluno F: “Para quem está começando, eu acho que é necessário e vai valer a pena se tiver Educação Financeira. Tem que ser desde o início. Não adianta chegar aqui (3º ano) e só agora ver isso”.

Aluno G: “A partir da 7ª ou 8ª série. Na 8ª série já seria bom começar, pelo menos”.

Aluno H: “Acho que a partir dos 12 anos, lá pela 7ª série. Daí já vai estar na adolescência. Começa a ter as coisas...”

Com relação às respostas dadas, questionando os porquês de seus posicionamentos, a maioria dos alunos demonstrou associar o momento de se iniciar o conhecimento de assuntos do mundo financeiro com o ingresso das pessoas no mercado de trabalho, justificando que antes de trabalhar não haveria necessidade de se conhecer esse tema. Apenas os Alunos A e G repensaram seus posicionamentos, quando questionados se não se poderia começar antes, dizendo:

Aluno A: “Olha, eu até acho que sim. Agora me recordo de uma cena que foi meio... No dia das crianças... Eu tenho uma cunhadinha de quatro anos. A gente foi comprar picolé, mas eu disse: “Antes tu lava a tua mão porque tá suja de areia”. E eu esqueci de fechar a torneira logo após que ela lavou as mãos. Daí ela disse: Aluno A tem que ‘ecomizar’. Ela não consegue falar direito, mas ela tem consciência de que tem que economizar”.

Aluno G: “A escola já tem trabalhado, só que não te dizem o porquê. Já começa no jardim de infância: “Fecha a torneirinha”. Dá para ser com os pequenos só que de outra forma, assim mais... Como eles podem entender (a questão da linguagem)”.

Da mesma forma, o Aluno D mostrou-se favorável a se iniciar mais cedo a inclusão desses assuntos, mas conforme ele disse: “Mas daí tem que ser uma parceria entre a escola e os pais. Todos têm que chegar e comentar com os filhos. Têm que ser os dois. Porque o aluno tem o respeito pelos pais e pelo professor”.

Quanto à forma de se incluir Educação Financeira na escola, os alunos, em suas falas, acreditam que seja:

Aluno A: “Acho que isso deveria entrar mesmo na Matemática”.

Aluno B: “Poderia ser uma matéria (disciplina) assim como tem Português, Matemática, que também é importante”.

Aluno H: “Acho que poderia ser incluída na Matemática”.

Somente esses três alunos citaram que Educação Financeira deveria ser tratada na Matemática ou como uma disciplina à parte. Os demais alunos posicionaram-se argumentando que conseguem relacionar os conteúdos de outras disciplinas com as atividades que foram desenvolvidas. A maior parte desses alunos relaciona os assuntos com os

conteúdos de Matemática, principalmente, mas também acreditam que se possam envolver outras áreas de conhecimento, como Filosofia, Sociologia, História e Biologia.

Quanto à forma e à série em que se deveria iniciar a inclusão de Educação Financeira, não ficou claro qual seria a melhor na concepção dos alunos; quanto à importância e por que deveria ser incluída, seus posicionamentos foram bastante favoráveis. Vejamos alguns deles:

Aluno A: “Se não fosse esse curso de Educação Financeira, nós não teríamos tido essa base, sabe? Agora a gente já conhece e procura entender mais. Buscar entender o porquê das coisas”.

Aluno B: “É uma coisa para ti, assim, para a vida”.

Aluno C: “Com certeza, para poder ter uma noção do que tu tens que arrecadar do quanto tu gasta, né. Se não tu já vais começar a trabalhar, tu já vais começar gastando mais do que tu recebes. Aí tu já vais começar tua vida endividado”.

Aluno D: “Para mim eu acho que é importante porque é um aprendizado a mais. Porque, se tu sabes investir, onde aplicar teu dinheiro, tu vais ter um futuro melhor. E por isto eu acho que é importante ter Educação Financeira”.

Aluno E: “Acredito que sim. Pelo fato de hoje em dia muitas coisas têm de ser controladas, poupadas. Até hoje ninguém tem como tirar do nada e ir comprar algo. Tem que ter poupado. Como vou aprender isso se não for pela escola?! Errando não dá. Aprende, mas demora. Claro que na escola, alguém ensinando fica melhor”.

Aluno F: “É importante para controlar muita coisa. Como os gastos aqui na escola, principalmente com os lanches. Para saber controlar em casa e, na verdade, na vida, não só na escola”.

Aluno G: “Eu, eu acho muito importante, porque o adolescente não tem uma noção. Porque tem contas para pagar, e o pai e a mãe têm que pagar roupa, têm que pagar a luz, têm que pagar água, e tu não te dá conta que... Principalmente os que trabalham. Eu ouvi muito dos meus colegas que trabalham o quanto ajudou, sabe. Porque conseguiram administrar melhor o dinheiro que estavam gastando, as contas que tinham para pagar. Acho importante porque tu comesas a te dar conta que daqui para frente vais trabalhar, vais ganhar o teu dinheiro e não é tão fácil assim conseguir administrar tua vida”.

Aluno H: “Acho que sim. Porque na escola tu aprendes tudo. Isso faz parte da escola. Onde a gente vai aprender isso depois? Isso é bem importante, às vezes, até mais importante

que as matérias que a gente tem na escola. Acho que isso aí a gente vai levar para a vida toda”.

Analisando a forma como os alunos receberam esses novos conhecimentos e seus posicionamentos quanto a não haverem tido contato com assuntos que dizem respeito à Educação Financeira, percebo nas suas falas que, no entender deles, é importante incluir esse tema na escola.

Minha opção em realizar uma prática de 24 períodos de aula foi por acreditar que refletir sobre a importância desse assunto só teria relevância se pudesse proporcionar àqueles alunos discutir sobre suas experiências no que diz respeito a assuntos do “mundo financeiro” deles. Desta forma, fez-me perceber uma mudança na maneira como eles conheciam e lidavam com esses assuntos. Pode-se observar isso nas falas dos alunos:

Aluno A: “Me surpreendi, porque eu fiz, foi poupar em casa água, luz, telefone... [...] Meu pai disse assim: vamos fazer um teste: se em um mês tu conseguir economizar, vamos supor, uns trinta reais em todas as contas, este dinheiro é teu. [...] Deu mais de cem reais de economia”.

Aluno B: “No caso, pensar a longo prazo, não só agora. Tu, ao invés de gastar agora, deixar guardado para mais tarde, se precisar”.

Aluno C: “Vou tentar fazer ele gastar menos. Tem sempre novas tecnologias. O telefone tu gasta bastante. Tem o MSN. Não usa para conversinhas. Usa para fazer um negócio. Já que ele está pagando a internet, aproveita, pois isso chegou para facilitar a vida. Pode diminuir alguns custos. Os gastos no caso. [...] É, tu vais ouvindo e vais te indignando. Mas ele explicou bem, não somos nós (Receita Federal) que ficamos com o dinheiro, só fazem o controle que o Governo mandou na verdade. Eles nem tocam e nem veem a cor desse dinheiro. Assim como tem gente que deixa de pagar os impostos, ao mesmo tempo ela está deixando de contribuir para coisas que iriam beneficiá-la. Na saúde ou na educação, na segurança. Coisas que voltariam para ela mesma”.

Aluno D: “Se não aprender, é uma situação crítica para o futuro. [...] É, mas depende da vontade de cada um. Se cada um tiver a vontade de ser uma pessoa decente na vida, vai chegar um ponto, que eu acho que é a partir do 2º ano, que vai tomar uma atitude”.

Aluno E: “Guardava o dinheiro embaixo do colchão. Depois que nós fomos à visita (banco), não deu um mês abri uma poupança. Peguei o salário e guardei ali. É um controle a mais”.

Aluna F: “Eles (pais) acharam bem importante para mim. Como havia te comentado antes, eu gastava além do que recebia. E com as aulas, eu estou conseguindo. Eles acham que mudei com as aulas”.

Aluna G: “Depois que eles saem da escola, é bem diferente no trabalho, e as contas que têm para pagar, para administrar a tua vida. Quando tem que assumir as responsabilidades. [...] Acho que a maioria da nossa turma mudou e começou a pensar nisso. Principalmente os que trabalham, pois quando viam, no final do mês, não tinham mais dinheiro. E agora têm dinheiro para sair, para ir para festa”.

Aluna H: “Antes, por exemplo, dos impostos, aquelas siglas eu não tinha noção do que se tratavam. Depois, como no caso do IPI dos carros mais barato, que estão falando nos jornais e nas propagandas da TV. Agora já entendo. Antes olhava e não sabia do que estavam falando, agora está mais claro”.

Procurei, na realização de uma prática, com atividades que contribuíssem na reflexão dos alunos sobre assuntos que estão relacionados com Educação Financeira, discutir sobre a importância da inclusão desse tema na escola. Nas palavras de Freire:

Meu papel fundamental, ao falar com clareza sobre o objeto, é incitar o aluno a fim de que ele, com os materiais que ofereço, produza a compreensão do objeto em lugar de recebê-la, na íntegra, de mim. Ele precisa se apropriar da inteligência do conteúdo para a verdadeira relação de comunicação entre mim como professor, e ele, como aluno se estabeleça (FREIRE, 2007, p. 118).

Concordo com Freire quando diz que se deve incitar o aluno para que ele produza a compreensão em vez de recebê-la pronta. Assim, conduzi as atividades de maneira a criar a necessidade do aluno em querer conhecer esses assuntos, na abordagem de situações de seu cotidiano. Ainda, procurei apresentar temas em que o aluno pudesse perceber uma relação tanto com os conteúdos curriculares como com outras áreas de conhecimento, numa tentativa de trabalhar a Educação Financeira de forma interdisciplinar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste momento, visualizando o caminho percorrido para escrever minha dissertação, deparo-me observando como se estivesse em uma viagem de trem onde a paisagem vai se desnudando e, em cada quadro desse cenário, me dá vontade de ficar mais um pouco para poder apreciá-lo melhor.

Meu sentimento é, como diz Freire (2007, p. 136), “O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História”.

Como pesquisadora iniciante, sou esse sujeito que se abre ao mundo, um sujeito inconcluso, curioso, inquieto e ávido por buscar conhecer mais. Ainda citando Freire (2007, p. 129): “alegra saber-me um ser condicionado, mas capaz de ultrapassar o próprio condicionamento”.

A realização desta pesquisa possibilitou-me um estudo maior sobre a prática que antes desenvolvia de forma mais intuitiva do que propriamente num embasamento teórico. O trabalho com Educação Financeira tem me proporcionado “aprender a aprender”, pois não tenho encontrado receitas prontas para ensinar aos alunos.

Nietzsche, citado por Alves (2004, p. 28), fala que “Ninguém consegue tirar das coisas, incluindo os livros, mais do que aquilo que ele já conhece. Pois aquilo a que alguém não pode chegar por meio da experiência, para isso ele não terá ouvidos”.

Acreditei que trabalhar com as experiências desses alunos seria um caminho para que eles pudessem [me] “ouvir”. Na verdade, refletir sobre os seus problemas financeiros, sobre a forma como realizavam os seus planejamentos, sobre a forma como estavam fazendo as suas escolhas, sobre que objetivos eles tinham para suas vidas, seu futuro, estaria criando as condições necessárias para que eles me ajudassem a responder se, *no decorrer de sua trajetória de estudantes, tiveram algum contato com assuntos relacionados com uma Educação Financeira? Trabalhar na escola de forma que se possam relacionar os conteúdos curriculares com aspectos que dizem respeito ao “mundo financeiro” é possível?*

Optei por participar da pesquisa, apoiando-me na postura de Vygotsky, que muitas vezes interagiu com os seus sujeitos de pesquisa. Desta forma, minha ação com o grupo e os efeitos dessa ação foram relevantes para a pesquisa. Porém, na verdade, não posso dar por concluída essa tarefa, o que consegui foi avançar analisando as experiências desses alunos, de forma que me leva a acreditar em alternativas para se incluir Educação Financeira na escola pública. Destaco, a seguir, alguns aspectos importantes na realização desta pesquisa e que devem ser observados com cuidado para que se possa avançar neste estudo.

A inclusão de Educação Financeira na escola pública demanda um longo trabalho de análise das necessidades básicas de cada realidade. De acordo com o Governo Brasileiro, é uma ferramenta de inclusão social. A escola pesquisada faz parte de uma realidade de alunos de classe social baixa e média. A educação nessa escola é considerada, pela população em geral, como sendo muito boa, destacando-se como uma escola pública cujo ensino é de qualidade.

As condições referentes a espaço físico, recursos, colaboração dos professores e toda a estrutura em geral para a realização das atividades foram muito satisfatórias. Um exemplo disso é a escola possuir um *data show* e tê-lo colocado à disposição para que se utilizasse. O uso de uma ferramenta como o *data show* proporciona outra forma de conduzir e realizar atividades em sala de aula. Nos dias atuais, há uma preocupação por parte dos governantes com que as escolas disponham desse recurso, é o caso da Escola Mathias. Porém, só me foi permitido utilizá-lo porque conhecia e sabia operar o equipamento, tendo que levar meu *notebook*, pois, às vezes, o computador da escola apresentava problemas.

A escola também possui uma sala de informática, porém com poucos computadores e somente oito funcionando. Essa é uma questão que necessita de uma atenção maior, pois o fato de o Governo equipar as escolas com computadores não dá garantias de que os alunos poderão utilizá-los, uma vez que a manutenção dessas máquinas requer uma longa burocracia. E atrelado a isso está o despreparo dos professores para desenvolver atividades na área da informática. Se os professores precisam criar condições para que os alunos aprendam, compete ao Governo criar essas mesmas condições para que os professores também possam aprender a ensinar. Apesar de o desenvolvimento tecnológico ser rápido e avançado, a realidade das condições para que se faça um bom uso ainda deixa muito a desejar. Mas também compete ao professor buscar a sua capacitação para trabalhar com os recursos oferecidos pelas escolas.

Outro aspecto relevante observado neste estudo diz respeito ao conhecimento dos alunos sobre assuntos relacionados com o “mundo financeiro”. O currículo da Escola Mathias e, provavelmente, o currículo das demais escolas públicas de nosso País contemplam conteúdos que podem ser relacionados com Educação Financeira. Porém, a pesquisa demonstrou que pouco ou quase nada tem sido trabalhado de forma que os alunos estejam percebendo essa relação. De acordo com o Plano de Estudos da Escola Mathias, os conteúdos que constam de seus programas não precisariam ser alterados para que se trabalhe com uma proposta de inclusão de Educação Financeira. Percebe-se novamente que a necessidade é de criar condições para que os professores aprendam sobre como trabalhar esses conteúdos de forma que possam relacionar com as vivências dos alunos, possibilitando que desenvolvam um conhecimento capaz de ajudá-los a lidar com questões do seu “mundo financeiro”.

Um último aspecto que acho importante destacar é a forma como poderia ser incluída Educação Financeira na escola pública. No entender dos alunos, deve ser incluída, mas, na verdade, não sabem ao certo como deve ser feito. Porém, em uma análise mais profunda de cada realidade escolar onde se pretenda incluir Educação Financeira, é preciso que se procure observar as reais necessidades do grupo. Acredito que deveriam haver temas geradores para cada série, onde deveriam ser discutidos no grupo quais são suas necessidades. Quando falo em se discutir no grupo, penso que as famílias devem participar dessa discussão. No caso dos pequenos, seria muito importante a presença dos pais para se realizar um bom trabalho.

Quanto à metodologia, optei por trabalhar de forma interdisciplinar, contextualizando ou criando situações fictícias em que os alunos pudessem relacionar os vários olhares sobre um determinado conteúdo. Não houve preocupação de minha parte em trabalhar conteúdos de Matemática de maneira mais formal. Procurei utilizar situações que bem poderiam ser tratadas na Matemática, mas que não se limitavam a cálculos e fórmulas.

Conhecer a comunidade escolar, considerar suas necessidades, procurar contextualizar as atividades serão tentativas de se poder realizar uma proposta que inclua assuntos relacionados com Educação Financeira. Desta forma, cada escola, se desejar trabalhar com uma prática interdisciplinar, deverá passar por uma transformação pedagógica, caso não seja a prática adotada pela escola. Não estou afirmando que só é possível trabalhar Educação Financeira através de uma prática interdisciplinar. Essa é apenas a minha opção, por acreditar que a interdisciplinaridade proporciona uma parceria entre as disciplinas.

Esta pesquisa não teve a pretensão, em suas considerações, de esgotar toda a reflexão que demanda um assunto tão importante e complexo como o de se incluir Educação Financeira na escola pública. As considerações basearam-se nos dados analisados, obtidos no decorrer da pesquisa e nas entrevistas, gravadas, realizadas com um grupo de oito alunos da turma investigada, bem como de um referencial teórico de apoio. Assim, acredito que seja possível repensar coletivamente ou individualmente essas questões.

Pensar, buscar, compartilhar os conhecimentos que se tem e os que podem ser adquiridos para que se possa refletir sobre a importância de se preparar cidadãos para a vida com dignidade, para que possam agir de forma saudável, adequada e com responsabilidade diante de situações relacionadas com o seu “mundo financeiro”, é um desafio que assumi na realização desta pesquisa. E pretendo continuar buscando alternativas para ver incluída a Educação Financeira na escola pública.

6 REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **Se Eu Pudessem Viver Minha Vida Novamente...** Campinas – SP: Verus Editora, 2004.
- BAGNO, Marcos. **Pesquisa na Escola**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- BARBOSA, Jonei Cerqueira. **Modelagem Matemática: O que é? Por quê? Como?** Veritati, n. 4, p. 73-80, 2004.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pesquisa Participante**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.
- BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 2000.
- BRASIL. Secretaria da Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1999.
- CASA DA MOEDA. Disponível em: <<http://www.casadoeda.gov.br>. Acesso em: dez. 2006.
- CERBASI, Gustavo. **Filhos Inteligentes Enriquecem Sozinhos**. São Paulo: Editora Gente, 2006.
- CONTROLADORIA GERAL DA UNIÃO. Disponível em: <<http://www.cgu.gov.br>. Acesso em: ago. 2008.
- D'AMBRÓSIO, Ubiratan. **Educação Matemática: da Teoria à Prática**. Campinas – SP: Papirus, 2007.
- D'AQUINO, Cássia. **Dinheiro não é Brincadeira**. Cartilha Eletrônica. Disponível em: <http://www.serasa.com.br>. Acesso em: set. de 2008.
- DEMO, Pedro. **Educar pela Pesquisa**. São Paulo: Autores Associados, 2003.
- DIMENSTEIN, Gilberto e ALVES, Rubem. **Fomos Maus Alunos**. Campinas – SP: Papirus, 2003.

DIMENSTEIN, Gilberto. **O Cidadão de Papel: a Infância, a Adolescência e os Direitos Humanos no Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 2002.

ENEF (Estratégia Nacional de Educação Financeira). Disponível em: <<http://www.vidaedinheiro.gov.br/>>. Acesso em: out. 2008.

FAZENDA, Ivani C. Arantes. **Interdisciplinaridade: História, teoria e pesquisa**. Campinas, SP: Papirus, 2002.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

GLOBO REPÓRTER. Disponível em: <<http://www.globo.com/globoreporter>>. Acesso em: mar. 2008.

LOPES, João do Carmo. ROSSETI, José Pascoal. **Economia Monetária**. São Paulo: Atlas, 1996.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

LÜCK, Heloísa. **Pedagogia Interdisciplinar: Fundamentos Teórico-Metodológicos**. Petrópolis – RJ: Vozes, 1997.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1990.

MARTINS, José Pio. **Educação Financeira ao Alcance de Todos**. São Paulo: Editora Fundamento Educacional, 2004.

MONTEIRO, Alexandrina. POMPEU JR., Geraldo. **A Matemática e os Temas Transversais**. São Paulo: Editora Moderna, 2001.

MOYSÉS, Lucia. **Aplicações de Vygotsky à Educação Matemática**. Campinas, SP: Papirus, 2001.

MUNDO JOVEM, Revista. Editora 361, PUCRS, Porto Alegre, outubro, 2005.

OCDE (Organização e desenvolvimento Econômico). OECD's Financial Education Projet. Disponível em: <<http://www.oecd.org/>>. Acesso em: set. 2008.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky Aprendizado e Desenvolvimento: Um Processo Sócio-Histórico**. São Paulo: Editora Scipione, 1997.

PNEF (Programa Nacional de Educação Fiscal). Disponível em: <<http://www.esaf.fazenda.gov.br/>>. Acesso em ago. de 2008.

RAYO, José Tuvilla. **Educação em Direitos Humanos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: Uma Perspectiva Histórico-Cultural da Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

TIBA, Içami. **Adolescentes: Quem Ama, Educa!** São Paulo: Integrare Editora, 2005.

TIBA, Içami. **Quem Ama, Educa!** São Paulo: Editora Gente, 2002.

TOMAZ, Vanessa Sena. DAVID, Maria Manuela M. S. **Interdisciplinaridade e Aprendizagem da Matemática em Sala de Aula**. Belo Horizonte - MG: Autêntica Editora, 2008.

VÍDEO: **A Jornada**. Disponível em: <<http://www.siamar.com.br>. Acesso em: maio 2008.

VYGOTSKY, Levi Semenovich. **Psicologia Pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

UNIVATES

ANEXOS

UNIVATES

ANEXO 1 - Questionário (AULA 1)

Centro Universitário Univates

Pró-Reitoria de Pesquisa, Extensão e Pós-Graduação

Mestrado Profissionalizante em Ensino de Ciências Exatas

Orientadora: Miriam Ines Marchi

Mestranda: Denise Teresinha Brandão Kern

Este é um trabalho que compõe parte da preparação para a dissertação no Mestrado Profissionalizante em Ensino de Ciências Exatas do Centro Universitário Univates. Ele será realizado com alunos da 3ª série do Ensino Médio, turma 302, da Escola Estadual Professor Mathias Schütz de Ivoti – RS.

As questões têm como objetivo traçar um perfil da turma a ser investigada em relação aos aspectos que dizem respeito a temas que relacionem com uma Educação Financeira. As informações coletas serão tratadas com sigilo, preservando-se o anonimato dos respondentes.

1. Idade? _____anos

2. Sexo ☐ Masculino ☐ Feminino

Para responder as questões a seguir considere o seu grupo familiar.

3. Número de pessoas:

☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ mais de 4 _____pessoas

4. Quantos possuem trabalho remunerado incluindo você?

☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ mais de 4 _____pessoas

5. A renda (salário) mensal total é de:

- ☐ salário mínimo ☐ de R\$ 500,00 a 1.000,00 ☐ de R\$ 1.000,00 a 1.500,00
☐ de R\$ 1.500,00 a 2.000,00 ☐ de R\$ 2.000,00 a 2.500,00
☐ de R\$ 2.500,00 a 3.000,00 ☐ mais de 3.000,00 ☐ não sei

6. Que tipo de assistência de saúde a sua família utiliza?

- ☐ INSS ☐ IPE ☐ UNIMED ☐ Outros, quais? ----- ☐ não sei

7. Sua família tem um controle orçamentário (planejamento de gastos)?

- ☐ sim ☐ não ☐ Sem opinião

8. Você participa do planejamento orçamentário de sua família?

- ☐ sim ☐ não ☐ Sem opinião

9. Que impostos sua família paga?

- ☐ IPTU ☐ IPVA ☐ ICMS ☐ INSS ☐ IRP
☐ não sei
☐ outros, quais? _____

10. Quais os critérios que são considerados (interferem) na decisão de uma compra?

- ☐ prestação baixa ☐ juros baixos ☐ muitas prestações
☐ poucas prestações ☐ outros, quais? _____

11. Na maioria das vezes, o pagamento das compras é feito:

- ☐ à vista ☐ a prazo ☐ sem opinião

12. Os pagamentos das compras são feitos: (assinalar mais de uma opção se necessário)

- ☐ em dinheiro ☐ com cheque pré-datado ☐ com carnê da loja
☐ com cartão de crédito ☐ não sei

13. Na compra de um bem ou produto com valor mais expressivo, costumam:

A. Economizar/guardar um determinado valor por um período, antes de efetuar a compra?

- ☐ sim ☐ não ☐ sem opinião

B. Manter sempre uma poupança para este tipo de compra ou outra eventualidade?

- ☐ sim ☐ não ☐ sem opinião

C. Comprar e depois planejam como vão pagar?

- ☐ sim ☐ não ☐ sem opinião

14. No consumo de produtos ou serviços domésticos há uma preocupação com desperdício/controlar de:

- ☐ água ☐ luz ☐ telefone ☐ materiais de limpeza
☐ materiais de higiene ☐ produtos alimentícios ☐ vestuário
☐ outros – especificar _____
-

15. Os assuntos questionados nas questões de 5 a 14 são discutidos no seu grupo familiar?

- ☐ sim ☐ não

16. E na sua vida estudantil já foram tratados ou discutidos?

☐ nunca ☐ algumas vezes ☐ muitas vezes

Caso afirmativo, indicar a série, a disciplina e de que forma foi tratado.

17. Você acha que estes assuntos são necessários para a sua vida agora ou para sua vida futura? Justifique.

ANEXO 2 - Atividade sobre Impostos (AULA 3)

A) Quanto eu pago de Impostos?



Fonte: Zero Hora 2005

A charge faz referência ao Imposto IPTU.

Você sabe o que é este imposto? Explique.

Que outros impostos você conhece?

Será que existe algo de que não seja cobrado imposto?



Fonte: Zero Hora 2006

B) Reportagens do jornal ZERO HORA (AULA 3)

ZERO HORA > QUINTA | 4 | MAIO | 2006

Artigos >

Trabalhadores e tributos

DEIVIS JHONES GARLET BONALDO *

É corrente a idéia de que devemos conhecer o passado e dele apreender lições para a consecução de uma vida mais satisfatória no presente. A questão parece simples, mas torna-se complexa à medida que nos voltamos para o processo histórico e verificamos que certos aspectos, negativos, permanecem no mundo atual. É o caso dos tributos, impostos que oneram a vida dos cidadãos.

**Parece-nos
que nosso
automóvel,
nosso
imóvel,
nossa renda
não nos
pertencem**

O requerimento de impostos não é uma novidade, mas algo que esteve presente nas mais diversas formações sociais. Nas civilizações asteca e inca, cobravam-se tributos da população camponesa, que eram revertidos para a satisfação da luxúria das elites dirigentes. De forma semelhante, na Europa medieval, os servos deviam uma série de obrigações ao senhor de terra ao qual estavam agregados. Pagavam desde parte de sua produção agrícola, o uso de moinhos, o direito de contrair ou não matrimônio, até o dízimo para a Igreja. Em ambos os exemplos, o retorno de seus tributos em forma de benefícios era ínfimo, quando não nulo.

Atualmente, ninguém é qualificado de servo, mas os

tributos proliferam, tal como no passado. Pagamos desde o IPVA (Imposto sobre a Propriedade de Veículos Automotores), o IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano), a Previdência Social até o Imposto de Renda. Isso sem mencionar os tributos bancários, como taxa de manutenção da conta, taxa de manutenção do cartão, a CPMF (Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira), a taxa pela emissão de extratos e por aí afora. Parece-nos que nosso automóvel, nosso imóvel, nossa renda não nos pertencem, afinal temos de pagar para usufruí-los, quando já despendemos boa parte de nosso trabalho para adquiri-los.

A situação é de revoltar, tal como nos revoltamos quando estudamos a exploração que os servos da Europa medieval sofriam por parte de seus senhores. Hoje, nossos senhores são as elites dirigentes estatais, que justificam a colossal tributação afirmando que ela reverterá em melhorias na infra-estrutura, o que, visivelmente, não acontece na mesma proporção da cobrança dos impostos.

Portanto, percebe-se que o passado é apreendido e dele retiradas lições apenas pelo prisma das elites, pois não se justifica a persistência de excessiva carga tributária à sociedade. Esta precisa organizar-se e potencializar uma transformação na legislação tributária e a conseqüente mutação do Estado, de parasita social a auxiliar dos cidadãos.

* *Professor de História*

Artigos para esta página: 2.400 caracteres ou 40 linhas de 60 espaços.
Fax: (51) 3218-4799. E-mail: artigozh@zerohora.com.br

Herói ou simplesmente brasileiro

ALAN MARQUESE*

Em tempos de aumento de impostos, cabe lembrar que sobrevivemos num país chamado Brasil. Denominação provinda, como se sabe, do pau-brasil, árvore nativa de nossa nação já explorada no passado por Portugal. E a exploração incessante, mesmo após décadas, continua. Agora, dos governantes perante o povo. Contudo, acredite: ainda mais voraz que nos primórdios. Por quê? Ora, simplesmente porque existe um confisco não divulgado expressamente no Brasil.

Certo dia, acordei e acendi uma lâmpada (taxa de luz). Fui ao banho e escovei os dentes (taxa de água). Vesti-me e peguei o elevador (taxa de condomínio). Em ato contínuo saí de casa (IPTU). Entrei no meu carro (IPVA). Fui trabalhar em meu escritório de advocacia (PIS, Cofins e ISS). Pela manhã, trabalhei em um processo de inventário (taxa judicial e ITCD). Precisei, também, fazer alguns telefonemas (taxa fixa de telefonia).

Ao meio-dia, após o almoço, fui ao banco efetuar uma transferência (IOF e CPMF). No início da tarde, antes de iniciar as atividades, parei e comprei um sorvete (ICMS). Já no meu recinto de trabalho, ative-me a uma questão envolvendo a compra e venda de imóvel (ITBI e taxa de cartório). Posteriormente, atendi à consulta de um agricultor (ITR e Funrural), nosso amigo e cliente. Havia ele adquirido maquinário para lavoura de forma parcelada (IPI e, obviamente, muitos juros).

No final do dia, recebi alguns honorários. Beleza? Nem tanto, depois de tanta "peleja", acerca do que sobra (e se é que sobra!) o governo ainda tributa a renda do pobre cidadão (o famigerado Imposto de Renda). Cansado, fui para casa assistir ao jogo do meu time, à noite. Não pude. Só passava em canal por assinatura (lazer também tem que se pagar no nosso país – até o futebol, paixão nacional!). Inicialmente, fiquei desolado. Depois refleti: que nada, ao menos tenho saúde. Graças a Deus, pois se dependesse do governo, que arrecada os inúmeros e intermináveis tributos acima referidos, a saúde, assim como a educação, a habitação e tantos outros serviços imprescindíveis ao cidadão, fica em segundo plano. Há outros interesses escusos primeiro, como reiteradamente vem divulgando a mídia, esvaindo-se, assim, o suado dinheiro arrecadado do povo.

Então, fui dormir (por enquanto, pelo que se tem notícia, ainda não se está tributando o direito de sonhar). E o sonhar, ante o confisco praticado no nosso país, é uma das únicas coisas boas e gratuitas que restam ao brasileiro.

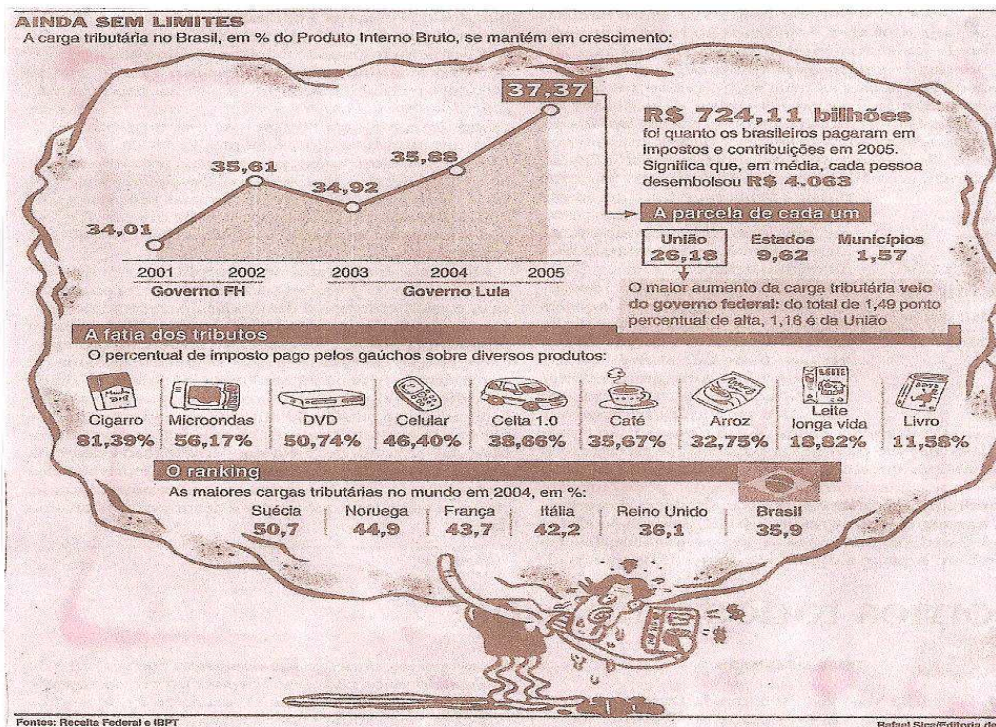
*Advogado pós-graduado em Direito Civil

C) Vamos fazer alguns cálculos, utilizando as tabelas abaixo (AULA 3)

Tabela % de tributos sobre o preço final do produto:

Produtos	% Tributos
Materiais de limpeza	
Detergente	40,50
Água sanitária	37,84
Alcool	43,28
Sabão em barra	40,50
Materiais de construção	
Telha	34,47
Saco de cimento	39,50
Tinta	45,77
Tijolo	34,23
Eletrrodomésticos	
TV	38,00
Ventilador	43,16
Liquidificador	43,64
Aparelho de som	38,00
Ferro de passar	44,35
Carnes / alimentos / bebidas	
Carne bovina	18,67
Frango	17,91
Peixe	18,02
Sal	29,48
Açúcar	40,50
Macarrão	35,20
Biscoito	38,50
Óleo	37,18
Ovos	21,79
Farinha de trigo	34,47
Cerveja	56,00
Refrigerante	47,00
Cachaça	83,07
Outros	
Cigarro	81,68

Fonte: Instituto Brasileiro de Planejamento Tributário. Fonte: Guia da Caixa 2005



Fonte: Zero Hora, agosto/2006

O peso da carga tributária sobre os produtos (em %):

Perfumes	79,6	Bicicletas	47,1	Sapatos	37,4
Jogos eletrônicos	73,4	Televisores	46,1	Brinquedos	35,5
Motos	65,9	Carros	44	Calça jeans	35,3
Patins	54	Bolsas de couro	42,7	Roupas	27,3
Vinhos	53,7	Aparelhos de barbear	42	Livros	16,7
Jóias	51,6	Celulares	41		
Aparelhos MP3 ou iPod	50,7	Computadores	38		

Fonte: IBPT

Fonte: Zero Hora, dezembro/2007

Você recebeu alguns encartes de lojas, supermercados e jornais.

Escolha 10 itens e calcula o valor do imposto cobrado sobre eles.

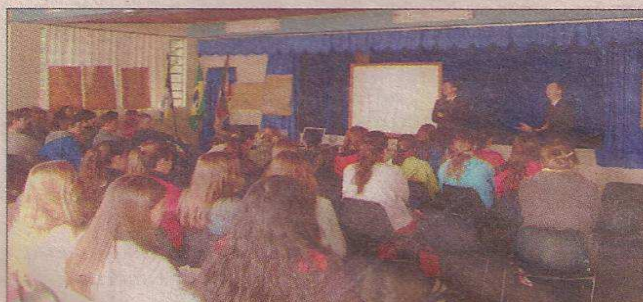
Calcula, também, o valor sem a cobrança dos impostos.

Produto	Valor	% do Imposto	Valor do Imposto	Valor sem Imposto

D) Reportagem do jornal O Diário (AULA 5)



Audidores da Receita Federal palestram na Mathias Schütz



Cerca de cem alunos assistiram à palestra

Ivoti – Na manhã de sexta-feira (22), aconteceu na Escola Mathias Schütz, uma palestra com os tutores do curso “Disseminadores de Educação Fiscal”, Roberto Carlos Bellini e Fábio Victor Asaka. Roberto é chefe do Serviço de Orientação e Análise Tributária da Delegacia da Receita Federal, em Novo Hamburgo. Já Fábio é Auditor-Fiscal.

O programa, do qual os palestrantes participam, é realizado nacionalmente há 12 anos. O objetivo é conscientizar a população sobre a importância do recolhimento dos tributos e, também, do controle dos gastos para que o dinheiro recolhido possa ser bem aproveitado.

Vários módulos de palestras são desenvolvidos, mas, na região de Novo Hamburgo, a qual Ivoti pertence, o enfoque são escolas de Ensino Fundamental e Médio. “Não dispomos de muito pessoal, portanto priorizamos as palestras em escolas, pois lá obtemos sempre um bom retorno”, explica Roberto.

A iniciativa de trazer os palestrantes para a escola foi da professora Denise Kern, como complemento a pesquisa de Mestrado que ela está realizando com a turma 302. Cerca de 100 alunos de três turmas do 3º ano do Ensino Médio assistiram à palestra.

A avaliação foi positiva tanto para a comunidade escolar, quanto para os palestrantes. Roberto disse que a palestra foi bastante gratificante. Ele se mostrou impressionado com a qualidade e o nível dos questionamentos feitos pelos alunos. “O interesse e as perguntas foram tantas que não vencemos todo o conteúdo da palestra. Contudo, conseguimos trabalhar bem o tema”, comemora.

ANEXO 3 - Atividade: Formas de Pagamento (AULA 6)

Atividade: Analisando as formas de pagamento na compra de um produto

Produto: _____

Condições de Pagamento:

À vista: _____

No prazo: entrada de _____ **+ _____ parcelas de** _____

Procedimentos:

- 1 – Calcula o valor total do pagamento a prazo. _____
- 2 – Calcula a diferença entre o valor a prazo e o valor à vista. _____
- 3 – Quantos por cento esta diferença representa? _____
- 4 – Digita na célula A1 o valor a prazo.
- 5 – Digita na célula A2 o valor da parcela.
- 6 – Na célula A3 usar a fórmula para calcular as parcelas:

Fórmula

= A2 mais o valor da parcela e clicar a tecla “enter”.

Aparecerá o valor de duas parcelas.

No canto da célula a direita clicar com o mouse, segurar e arrastar quantas células para baixo, quantas correspondem às parcelas a serem pagas.

O valor deverá corresponder ao que você orçou.

- 7 – Observa os valores das parcelas e indica em que parcela o valor corresponde aproximadamente ao valor à vista. _____

- 8 – Na célula B1 digita a palavra poupança.

- 9 – Na célula B2 digita o valor da parcela.

- 10 – Na célula B3 digita a fórmula:

= B2 + B2 * 0,0065 + valor da parcela e clicar “enter”.

Aparecerá o valor de duas parcelas com correção da poupança (0,5% + 0,15% da TR).

Realizar o mesmo procedimento do item 6 para calcular as demais parcelas.

- 11 – Repetir os procedimentos para outros orçamentos, salvando antes os dados.

- 12 – Discutir no grande grupo os resultados obtidos.

ANEXO 4 - Controle Orçamentário (AULA 7)

A) Tabela de Controle Orçamentário

Tabela de controle orçamentário			
Mês: _____			
Renda Familiar (todos os salários da família)		Renda Familiar Prevista R\$ _____	Renda Familiar Recebida R\$ _____
		Despesa Prevista	Gasto Real
Dia	Descrição das Despesas	R\$ _____	R\$ _____
	Aluguel		
	Água		
	Luz		
	Gás		
	Impostos		
	Telefone fixo		
	Celular		
	Cartões		
	Mensalidade Escola		
	Mensalidade Convênios		
	Alimentação (padaria)		
	Alimentação (rancho)		
	Transporte		
	Gasolina		
	Farmácia		
	Prestações 01/04		
	Prestações 01/03		
	Consertos		
	Lazer (passeios)		
	Outras despesas		
Total dos Gastos:		R\$ _____	R\$ _____

Fonte: Autora

B) Atividade: despesas fixas como água, luz, telefone, prestações...
(AULA 7)

RECEITA - DESPESA

1. Você faz um controle mensal de suas despesas?
2. Você sabe quanto cada despesa representa em sua receita (salário/mesada)?
3. Escolha cinco despesas fixas que você possui e calcule quanto cada uma representa do seu salário/mesada.

Despesas com luz, água, aluguel, prestação da casa, telefones, alimentação, impostos, entre outras.

Exemplo: Conta do telefone do mês de agosto foi de R\$ 121,00.

Meu salário é de R\$ 1.000,00

Cálculo: $121,00 \text{ dividido por } 1.000,00 = 0,121 \text{ vezes cem} = 12,1\%$

Significado: A minha conta telefônica corresponde aproximadamente 12% de meu salário.

Despesa 1:

Despesa 2:

Despesa 3:

Despesa 4:

Despesa 5:

C) Dicas para manter o orçamento sob controle (AULA 7)

6 ■ ZERO HORA

Empregos e OPORTUNIDADES

Porto Alegre, domingo, 27 de maio de 2007

Dicas para manter o orçamento sob controle

IMPULSO

Conscientize-se de que o dinheiro não é elástico. Nunca gaste mais do que ganha e liste o que realmente precisa, por ordem de prioridades, evitando agir por impulso. Leve apenas uma folha de cheque na carteira, deixe em casa o cartão de crédito e não saia com mais dinheiro do que o necessário.

PLANEJAMENTO

Planeje seus investimentos de médio e longo prazo, especialmente em viagens, veículos e imóveis.

DESPESAS DOMÉSTICAS

Faça um levantamento de todos os gastos, até o cafezinho. Racionalize o consumo de contas mensais como água, luz e telefone, especialmente o celular.

PESQUISA

* Compare preços antes de comprar qualquer produto. Não tenha vergonha de sair da loja e ir à do vizinho se lá for mais barato. Quando a compra estiver decidida, deve-se optar sempre pelo pagamento à vis-

ta. As compras a prazo podem oferecer atrativos a mais, porém é preciso ter cuidado com os altos juros cobrados.

POUPANÇA

Sempre que conseguir poupar dinheiro, quite antecipadamente as dívidas antigas.

DÍVIDAS

Quanto mais fácil o acesso ao crédito, mais altas serão as taxas de juros cobradas, principalmente se houver inadimplência. Cuidado

com os empréstimos bancários, como é o caso do cheque especial, e o crédito tomado junto à financeiras.

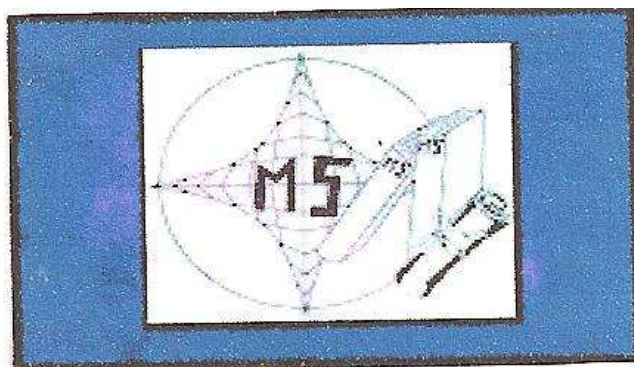
INADIMPLÊNCIA

Enquanto a dívida estiver sendo discutida, o nome do consumidor não pode ser colocado nos cadastros de inadimplência, como os da empresa de informações financeiras Serasa e do Serviço de Proteção ao Crédito (SPC). Mas é bom lembrar que só depois de quitadas as dívidas o fornecedor fica obrigado a retirar o nome do consumidor dos cadastros.

Fontes: Serasa, Unibanco e Rafael Paschoarelli, consultor, escritor e professor de finanças da FEA-USP

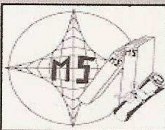
ANEXO 5 - Atividade: O Uso do Cartão de Crédito (AULA 8)

A) Cartão de Crédito



Fonte: Autora

B) Fatura do Cartão de Crédito

	FATURA MENSAL Vencimento: ____/____/20__		Cartão Número: Movimentações (R\$)		
	Nome: _____ Endereço: _____		Data	Descritivo	Crédito
Limite/Linha de Crédito Total R\$ _____ Limite/Saques Cash R\$ _____					
Total da Fatura Anterior R\$ 0,00 (-) Créditos/Pagamentos R\$ 0,00 + Débitos/Despesas R\$ _____ = Total Desta Fatura R\$ _____					

Fonte: Autora

B) Extrato de conta corrente

ANEXO 7 - Fechamento das aulas (AULA 12)

Ivoti, 10 de outubro de 2008.

Queridos alunos,

Estamos finalizando as aulas, porém gostaria de poder continuar trabalhando com vocês. Foram mais de dois meses de um encontro por semana, onde planejava e esperava com alegria que o dia chegasse.

Nosso objetivo com a realização deste trabalho é refletir a importância em preparar cidadãos para a vida, para que possam agir de forma adequada, saudável e com responsabilidade diante de situações relacionadas à Educação Financeira.

Sendo assim, propiciamos situações práticas que viabilizassem os conhecimentos de assuntos relacionados com o tema, bem como, realizaremos as entrevistas com um grupo de alunos voluntários, onde procuraremos avaliar o trabalho realizado.

Abaixo apresentamos algumas questões ilustradas com charges de jornais, para que vocês possam refletir a respeito do trabalho realizado.

1. Como você está administrando o seu dinheiro?



Fonte: Autora
dinheiro de um jogo, sem valor

2. Organizar o orçamento através de um planejamento ajudará você a ter o controle de sua vida financeira.



Fonte: Zero Hora, 26/05/07



Fonte: Zero Hora, 15/04/06

3. O envolvimento da família é fundamental para o sucesso do planejamento orçamentário.



Fonte: Zero Hora, 19/06/05

4. Ter consciência da carga tributária cobrada sobre trabalho, bens e mercadorias.

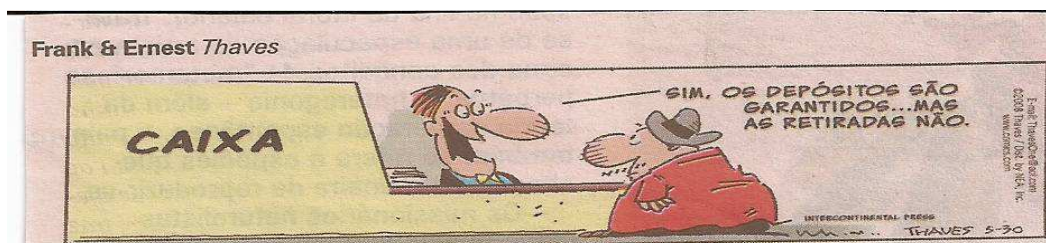


Fonte: Zero Hora, 31/01/05

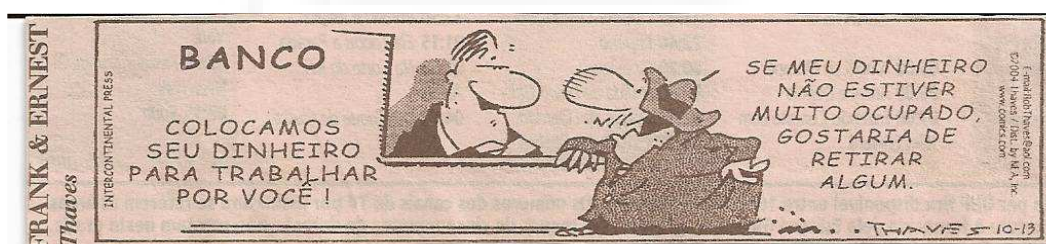


Fonte: Zero Hora, 15/12/06

5. Conhecer os serviços e tarifas que os bancos oferecem.



Fonte: Zero Hora, 30/05/06

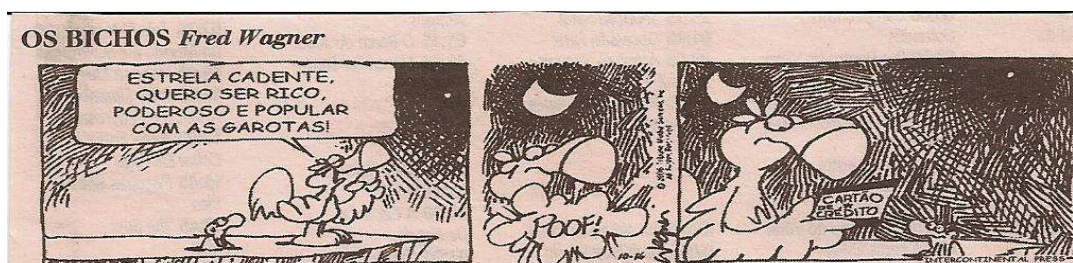


Fonte: Zero Hora, 13/10/04

6. Cuidado com produtos oferecidos, para usar o crédito a seu favor e não contra.



Fonte: Zero Hora, 13/03/04



Fonte: Zero Hora 2006

7. Traçar investimentos futuros, pensando em qualidade de vida.



Fonte: Zero Hora, 11/12/05



Fonte: Zero Hora, 01/09/08

8. Lembrar que Educação Financeira é também preservar o meio ambiente, exercendo o nosso papel de cidadão, estando assim colaborando para sustentabilidade das gerações futuras.



Fonte: Ilustrações de Marcos Bonado do livro Ecologia Vivenciada, 1989.

“Aprender é a única coisa de que a mente nunca se cansa, nunca tem medo e nunca se arrepende.” (Leonardo da Vinci)

Espero que as expectativas de vocês em relação ao trabalho tenham sido alcançadas. Espero, ainda, poder ter contribuído na reflexão destes assuntos, que com certeza fazem e farão parte de suas vidas.

Um grande abraço,

Denise Kern

(denisekern@sinos.net)

ANEXO 8 - Transcrições das Entrevistas gravadas

As questões utilizadas nas entrevistas:

1. Durante sua trajetória de estudante, você realizou alguma atividade semelhante às que desenvolvemos nas aulas?
2. No seu entender, é importante incluir assuntos relacionados à Educação Financeira na escola?
3. Fale a respeito de como era o seu conhecimento dos assuntos que trabalhamos.
4. Conhecer sobre estes assuntos o/a ajudou de alguma forma?
5. Você gostaria de dizer mais alguma coisa?

Aluno A

Professora: Conforme combinamos, depois destes dois meses e meio da realização do trabalho, agora nós vamos fazer esta entrevista, que é para ser mais um diálogo do que uma entrevista. Vou te fazer algumas questões e gostaria que tu falasses a respeito. Então, a primeira pergunta que farei é:

1 – Durante sua trajetória de estudante, você realizou alguma atividade semelhante às que desenvolvemos nas aulas?

Aluno: Não, mas eu acho que é muito importante se já tivesse desenvolvido, porque é uma coisa assim... Que sabe, engloba. A gente precisa saber destas coisas e puxa agora a gente já está no 3º ano e nós não sabíamos disso. Assim, como preencher o cheque, aquela atividade que tu fez. Muita gente sabia, mas eu não sabia. Sabe, e eu acho que isso é muito importante. Porque ano que vem eu estou saindo... É outro mundo para mim. E eu não sabia disso, com certeza vai facilitar um muito para mim.

Professora: Nem um assunto, então, dos tratados em aula, tu tiveste algum contato antes. Em nenhuma série? Nada?

Aluno: Assim, algo do tipo cartão de crédito, essas coisas até que sim. Mas muitas dúvidas que eu tirei quando do passeio ao Banco, essas coisas que eu não tinha noção, assim.

Professora: E sobre o cartão de crédito, algum professor já havia trabalhado alguma coisa?

Aluno: Não

Professora: Mas, tu falaste que já conhecia?

Aluno: Já conhecia, mas por casa. Pela família, não pela Escola. Pela escola, nunca.

Professora: Então na Escola, nunca havias tratado.

Aluno: Não.

Professora: Vamos para a segunda pergunta:

2 - No seu entender, é importante incluir assuntos relacionados à Educação Financeira na escola?

Aluno: Com certeza. Acho que sim, porque como eu já havia falado. A gente vai sair agora, e ainda não tinha noção. Se não fosse esse curso de Educação Financeira, nós não teríamos tido essa base, sabe. Agora a gente procura conhecer mais, não é. A gente já conhece e procura entender cada vez mais. Buscar entender o porquê das coisas. Às vezes a gente tem dúvidas em juros e não sabe da onde vem aquilo. E a gente tem que procurar saber da onde vem, porque às vezes tem coisas que são cobradas e... Esses dias o meu pai...

Professora: Tu querer dizer onde tu vais aplicar? É isso? Tu aprendes o conteúdo e...

Aluno: É, uma vez a minha família teve um problema assim... O banco estava cobrando uns juros enormes, só que, era no caso o cartão do Carrefour. Era uma proteção contra roubo do cartão. Só que na verdade nós não tínhamos solicitado isso.

Professora: Um seguro.

Aluno: Sim. Então ficou meio assim... Não sei ao certo, mas parece que era 8% ao mês. Era uma quantia... Vamos dizer se tu não compras muito, não é muito que tu vais pagar, mas se tu comprar é muito juro.

Professora: E vocês, a família, não tinham esse conhecimento?

Aluno: É que assim, a gente não procurou saber logo. A gente via, mas tá, o que são estes 8% se a gente nem solicitou isso. Como é que isso veio, né? A gente tirou a dúvida e foi isso. Olha a gente calculou quanto que a gente já tinha gastado. Sabe é uma quantia absurda, que poderia ter sido investido em outras coisas se a gente tivesse procurado entender antes o que era aquilo que era cobrado.

Professora: Se vocês conhecessem antes o produto que estavam comprando. Ou no caso, se na Escola tu tivesse trabalhado o cartão de crédito antes deste fato, tu já saberias.

Aluno: É como tu disseste fazer uma investigação do que a gente está pagando. Para onde está indo o meu dinheiro? Porque não são 100% do que eu comprei que está indo para lá, sabe? Os juros estão ali. Mas o que são aqueles juros? Não são só da mercadoria que eu comprei. Isso é um problema.

Professora: O conhecimento, não é Aluno A.

Aluno: É.

Professora: Então, vou te fazer a terceira pergunta:

3 – Fale a respeito de como era o seu conhecimento dos assuntos que trabalhamos?

Aluno: Olha, de certa forma eu já respondi, mas o que eu acho assim... O cheque, o cheque eu...

Professora: Tu gostaste bastante desta atividade?

Aluno: Gostei. Mas...

Professora: Tu te sentias como? Alguma vez alguém te pediu para preencher um cheque?

Aluno: Já me pediram e eu tive vergonha porque eu não sabia. Só que já me perguntaram se eu não tinha aprendido isso na Escola. Porque antigamente, pelo que eu sei, eles ensinavam.

Professora: Na família, o pai ou a mãe comentaram?

Aluno: É, o meu pai. Me pegou no pé. Como é que alguém, que está no terceiro ano do Ensino Médio, e os professores não cobram? É necessário saber. Porque, às vezes tem tantas regrinhas de Português ou de Matemática que eu não vou precisar para usar lá fora, mas eu vou precisar saber como preencher um cheque ou alguma coisa assim eu vou ter que saber. Isso é uma obrigação que eu tenho.

Professora: Tu falastes nas regrinhas, tu achas que tem regras de Português e de Matemática que talvez isso não vais usar?

Aluno: Com certeza!

Professora: Por quê?

Aluno: Até porque eu não sou muito fã de Matemática.

Professora: Mas como tu vais trabalhar sem conhecer essas regras? Tem algum recurso que vai te ajudar?

Aluno: Não, olha... É que eu acredito assim como uma “Báskara” tu não vai precisar para saber quanto é um mais um, por exemplo. Já o cheque tu precisa saber...

Professora: Tu estas falando de coisas mais práticas, do dia a dia.

Aluno: Sim, a gente acaba se fixando só naquilo ali. Estudando aquelas regras e regras, mas e o que a gente precisa de verdade? Sabe, isso é para vida, com certeza.

Professora: Bem, o teu conhecimento anterior então, tu não havias aprendido sobre estes assuntos? Só sobre cartão aprendido com a família. E sobre planejamento orçamentário?

Aluno: Isso nós fazemos.

Professora: De que forma?

Aluno: É um bloquinho que o meu pai tem lá e ele anota tudo. Cada conta que chega faturas de mercado, de tudo que a gente costuma comprar no mercado com cartão. E as faturas que chegam ele já vai lá e anota a data que precisa ser pago, o valor, o dia que chegou. Ele anota tudo para ter um controle. E assim ele faz de cada mês, já. Também, assim, como tu falou que é importante fazer desde o início do ano a projeção para todo o ano. Isso a gente não fazia. Agora o pai já começou.

Professora: Ele gostou da idéia? Vocês conversaram a respeito?

Aluno: Ele achou ótima idéia. Ele disse olha o quanto a gente pode poupar com isso. Não poupar assim, mas como tu podes te organizar. Saber, será que tem para comprar, será que não tem? Se não tem espera. Vai chegar à oportunidade se a gente juntar um pouco mais. E outra coisa que eu, nossa, assim, que eu me surpreendi porque eu fiz, foi poupar em casa água, luz, telefone, nossa, foi uma loucura. Meu pai disse assim: vamos fazer um teste se em um mês tu conseguir economizar, vamos supor, uns trinta reais em todas as contas, este dinheiro é teu. E se continuar por um ano, se tu poupar isso por um ano, isso vai para tua conta. No caso da poupança. Vai para o teu futuro. No caso isso é um estímulo.

Professora: Que bom ajudar! Tu tens mais irmãos?

Aluno: Um

Professora: E todos estão engajados nesta etapa? E vais ter que repartir com ele o dinheiro economizado?

Aluno: Não. Ele já é independente. Ele ajuda a parte dele em casa. Ele trabalha e tem um cargo elevado e não precisa do dinheiro, mas ele também entrou na ajuda de economizar. Mas isso vai ser um benefício para mim e não para ele. Claro, para ele

também, para o mundo, né! Se for pensar em economizar água, pode parecer pouco, mas se cada um fizer a sua parte, ou economizar energia, em fim, tudo né.

Professora: Então houve um diálogo na família e o pai gostou. Já havia um controle na família e agora ele, também apreendeu com as atividades?

Aluno: Sim, inclusive um mês lá, nós somamos tudo, toda a economia que deu. Deu mais que cem reais de economia. Aí tu pensas assim, é um dinheiro que eu podia ter economizado. Às vezes tem prestações que tu faz para cinquenta, cem reais e pensa que tu poderia ter comprado a vista.

Professora: Tu estas falando da atividade sobre a forma de pagamento das compras?

Aluno: Sim, aí tu pensas assim, quando tu estás apertado tu não paga logo, tu não tens dinheiro para pagar logo. Então tu fazes uma prestação ou paga um cheque de cinco reais, não convém, não é? Então se tu fores pensar, se tu tens esse dinheiro guardado até para um caso de emergência, se for pensar tu está lucrando. Está te ajudando.

Professora: Os tipos de compras que vocês começaram a fazer agora, vocês mudaram essa postura? Estão avaliando melhor o que fazer?

Aluno: Sim, com certeza. Uma coisa que a gente cortou muito, dizendo assim, cortou mesmo, foi a questão de comprar por marcas. Às vezes a gente pensava, a marca mais cara deve ser a melhor. Mas não é assim. Vai ao mercado e essa ali é a melhor porque todo mundo compra. Aí para, lê o rótulo o que tem ali, e é a mesma coisa e tu acabas pagando a mais. Com certeza isso mudou muito lá em casa.

Professora: Que legal Aluna A!

Aluno: Assim se tu fores pensar cem reais não é não muito, mas pensa em um ano, em dois anos, cinco anos.

Professora: Com certeza, se tiveres aplicado... Vamos para a próxima pergunta:

4 – Conhecer sobre estes assuntos o/a ajudou de alguma forma?

De certa forma tu já estavas respondendo na questão anterior, mas se tens algo a acrescentar?

Aluno: Eu acho que ajudou muito, porque eu ainda não encontrei um emprego.

Professora: Mas agora já estas recebendo dinheiro das contas economizadas.

Aluno: Sim, eu sei que assim eu tenho obrigação de poupar, porque esse dinheiro vai ser meu.

Professora: Tu recebias mesada, antes?

Aluno: Eu tinha mesada só que era para o lanche da escola, para as necessidades, para xérox.

Professora: E agora tu tens outra mesada? E tens depositado algum valor? Tens uma caderneta de poupança?

Aluno: Eu ainda não abri. Pretendo abrir este mês (outubro/2008). Mesmo que seja com uns trouquinhos eu acho que vai ser muito bom. Como meu pai diz: de grão em grão a galinha enche o papo. Pior que é verdade, deu para perceber isso...

Professora: Para finalizar:

5 – Você gostaria de dizer mais alguma coisa?

Aluno: Eu acho que foi muito importante. Nossa assim, eu acho que isso deveria entrar mesmo na Matemática, nas aulas, não necessariamente, mas eu acho que a Educação Financeira deveria entrar não só no terceiro ano ou no segundo, mas a criança tem que desde pequena aprender que é necessário poupar, economizar, por que isso é uma coisa que se desenvolve e não é uma coisa assim, bah, agora eu quero poupar. E não vai ser assim. Comigo até meio que foi.

Professora: Porque os pais já trabalhavam isso contigo?

Aluno: Já, já, só que eu acredito que se for assim para dentro da sala de aula lá pela quarta ou quinta série e persistir mesmo, acho que vai haver uma grande mudança.

Professora: Ocorreu-me, agora, que falastes muito sobre a questão dos planos de saúde durante as aulas. Você tem algum plano? Tu te interessaste bastante. Perguntaste se mesmo nova, poderias fazer um. Gostaria que falasses um pouco a respeito.

Aluno: O plano de saúde é caro, mas é um investimento. Muitas pessoas não têm condições de fazer. Pessoas que tem crianças em casa... Acho que todas as famílias deveriam ter.

Professora: Vocês têm um plano de saúde?

Aluno: Nós temos.

Professora: Por isto tu achaste interessante. Tu querias fazer um? Pois me perguntaste se poderias fazer mesmo sendo nova.

Aluno: Não assim, nós já temos um plano da família toda e é barato, só que com esse dinheiro que a gente está poupando... Vamos supor que eu não tivesse um plano, eu poderia fazer um agora. Não muito caro, mas eu poderia pagar um anual, aquele que é mais caro, vamos supor UNIMED, que é um ótimo plano. Para emergências e tudo, daí não vamos se afundar quando realmente tem uma emergência. E eu tive bastantes problemas, assim...

Professora: Vocês já tiveram algum problema?

Aluno: Sim, eu tive que fazer duas cirurgias já, assim em cima da hora.

Professora: E conseguistes fazer pelo plano?

Aluno: Na verdade não foi pelo plano.

Professora: Foi pelo SUS?

Aluno: Só os médicos. Todos foram pelo plano e foi ótimo. Mesmo que não tenha sido um plano mais caro que a gente acha que é o melhor, mas eu consegui um ótimo atendimento. Agora a gente vai... Nós estávamos comentando em casa de incluir mais benefícios ao nosso plano com esse dinheiro que está sobrando. É um investimento que vale muito mais que comprar um carro novo, ou coisa do tipo.

Professora: Qualidade de vida. De pensar no momento da dificuldade de estar bem assistido.

Aluno: É. E aquela coisa de não ir só ao médico quando precisa, quando está... Sabe?

Professora: Fazer revisões antes.

Aluno: É.

Professora: Agora me ocorreu outra coisa, mudando um pouco do assunto. A questão anterior, quando tu respondeste que era importante se incluir na Matemática. Tu pensas Educação Financeira só na Matemática? As nossas aulas tu achas que elas não tiveram relações com outras disciplinas?

Aluno: Acho que tiveram sim. Mas que eu acho que tem muito a ver só com a Matemática, mais com a Matemática.

Professora: Mas as questões que trabalhamos, tu achas que não podem ser relacionadas com outras disciplinas?

Aluno: Eu acho que tiveram sim. Eu lembro que meu pai falava que antigamente tinha... Não é Sociologia. Nós temos Filosofia e Sociologia. Eu acho que aí conseguiria incluir.

Professora: Por quê?

Aluno: Não necessariamente a Filosofia, mas na Sociologia, porque Sociologia abrange muitos assuntos. Não é só estudar coisas em textos. Eu acho que deveria entrar com certeza.

Professora: Então consegues fazer uma relação da Matemática com a Sociologia. Daria para fazer então uma Educação Financeira com conteúdos de Matemática e assuntos de Sociologia, juntos, por quê? Pela discussão?

Aluno: Outra coisa, eu acho que deveria entrar a matéria mesma de Educação Financeira.

Professora: Não junto na disciplina?

Aluno: Não junto na disciplina. Eu acho que deveria ser Educação Financeira como Matemática.

Professora: Uma disciplina?

Aluno: Sim, Eu acho que Educação Financeira é uma coisa muito extensa. O que a gente trabalhou foram os princípios. A base, assim. Mas sempre se pode trabalhar mais. Com certeza Educação Financeira abrange muitos assuntos. A gente deu uma pincelada em alguns.

Professora: Outra coisa que tu falaste era de começar na 4ª série. Tu não achas que de repente poderia começar mais cedo? Será que uma criança da 1ª série não tem condições de trabalhar com estes assuntos?

Aluno: Olha, eu até acho que sim. Agora eu me recordo de uma cena que foi meio... No dia das crianças... Eu tenho uma cunhadinha que tem quatro anos.

Professora: Que está no pré-escolar.

Aluno: Não ela está na creche, ainda. Não foi para a Escola. Aí ela disse para mim assim: eu queria um picolé. A gente foi comprar um picolé, mas eu disse: antes tu lava a tua mão, porque tu suja de areia. Porque ela estava brincando na praça. Ela disse: Tá bom. E eu esqueci de fechar a torneira logo depois que ela lavou as mãos. Daí ela disse: Aluna A tem que “ecomizar”. Ela não consegue falar direito, mas ela tem consciência de que tem que economizar.

Professora: Alguém já está trabalhando estas questões com ela.

Aluno: Ela é uma figura porque ela diz assim para mim quando eu escovo os dentes ou outra coisa, às vezes a gente esquece, assim. Acaba esquecendo que tem que desligar a torneira, porque não foi batido naquela tecla com a gente desde pequena. Pelo menos não com a nossa geração. Porque os meus pais, os meus avôs dizem: tem que economizar...

Professora: Tem, mas não ensinavam como e mostrando por quê?

Aluno: É. Talvez porque eles também não tenham sido ensinados. E provavelmente, como meu pai sempre diz para mim, que eu só vou aprender isso quando realmente quando eu sair da minha casa e tiver que bancar as minhas contas. E eu também acredito nisso.

Professora: Mas agora tu já estas num caminho um pouco adiantado.

Aluno: É, pode ser.

Professora: E que outras disciplinas, voltando para as disciplinas. Agora tu citaste a questão da água, de economizar água. Tu não vês também a Educação Financeira com

outra disciplina além da Matemática e da Sociologia? Pensando estas questões do desperdício.

Aluno: Com biologia, com Ciências. Se for pensar engloba vários assuntos. Engloba tudo. A economia, se tu fores pensar para uma cidade, se toda cidade economizar cem reais, digamos, isso já gera um lucro, assim para o país, em fim para todo o mundo. Porque é um benefício à água, a luz, né? Porque está tudo sendo poupado, né? É um benefício para o mundo e pode haver mudanças aí. É um início...

Professora: Então encerrando, mas se ainda tiveres mais alguma coisa?

Aluno: Eu quero agradecer em nome da turma. Por tu ter nos dado esta oportunidade, porque eu acho que a gente não teria... A gente teria saído do 3º ano e ainda não teria aprendido o quanto é importante saber... Assim são detalhes, mas que podem nos livrar de um problemão. Quem não sabe preencher um cheque, na escola tudo bem, mas se tu estas trabalhando em uma Empresa, paga um mico desses para ver. Agradecer mais uma vez e pedir desculpas pelos dias que a gente estava meio complicado de lidar. Porque é assim... Adolescentes são meio complicados de lidar, mas a gente adorou.

Professora: É, mas eu não achei. Tua achaste que em algumas das atividades a turma não colaborou? Eu percebi às vezes alguns alunos dispersos. Na maioria das propostas todos realizavam as atividades. Senti no geral uma preocupação em realizar as atividades.

Aluno: Não eu acredito que todos fizeram, assim, porque todos têm necessidades, mas o problema é assim ó... Muitos têm vergonha de dizer que não sabem. E eu também tive um pouco. Até assim, sabe quando cai a ficha: eu estou no 3º ano e ainda não sabia preencher um cheque.

Professora: Isso te marcou bastante.

Aluno: Sim, e o meu pai como foi cobrador desde os 17 anos a minha idade, e já sabia isso a tempo. São coisas que, poxa a gente está modernizando, temos computador, temos tudo, a era da tecnologia e bah a gente esta esquecendo, a gente não sabe preencher um cheque. Isso me deixou muito, muito irada...

Professora: Ok! Eu também agradeço, vamos encerrar? Muito Obrigada.

Aluno B

Professora: Vamos começar!

1 – Durante sua trajetória de estudante, você realizou alguma atividade semelhante às que desenvolvemos nas aulas?

Aluno: Não. É foi a primeira vez até. Nunca tinha nada assim diferente das aulas, era sempre conteúdo, explicação, tema, prova, trabalho, nada diferente assim.

Professora: Estes assuntos que tratamos, na tua trajetória de estudante nunca foram desenvolvidos?

Aluno: Não

Professora: Nem parecidos? Nas outras séries? Nos teus onze anos de estudante?

Aluno: Não, não.

Professora: Então vamos para a segunda pergunta:

2 - No seu entender, é importante incluir assuntos relacionados à Educação Financeira na escola?

Aluno: Sim. Acho que tem a ver muito com o futuro, né? Tu vais precisar de dinheiro se tu quiseses estudar, comprar coisas para ti. Já tem que desde cedo tem que ficar consciente. Não pode gastar a toa. Tem que economizar.

Professora: As questões de dinheiro tu pensas, deveriam ser incluídas?

Aluno: É. Como eu trabalho no Mercado eu lido assim com o cheque. Como preencher cheque, só que eu não sabia o que significava as coisas do canhotinho.

Professora: Tu já sabias preencher um cheque?

Aluno: Sim. Mas o que significava, para que servia, nem os números que tem em cima, tudo. Não sabia, só fazia a minha parte, preencher e...

Professora: Porque o controle tu não precisavas fazer? Não eram cheques teus?

Aluno: Eram dos clientes. Eles pedem, eu preencho.

Professora: E tu apreendeste com quem?

Aluno: No início eles me falavam. Os colegas e o patrão. Assim, preencher eu já sabia só o significado das coisas eu não sabia o certo.

Professora: Isso tu acha importante incluir na escola?

Aluno: Hum rum!

Professora: Mas a Educação Financeira, como um todo. Os outros assuntos que tratamos. O que te ocorre? Porque tu achas que é importante incluir estes assuntos?

Aluno: Acho que para entender e não se perder. Que nem o cartão de crédito/débito, essas coisas. Eu não sabia como que funcionava direito. Comecei agora, desde que estou trabalhando e nas tuas aulas.

Professora: E o controle do orçamento...

Aluno: Isso também foi importante para mim. Apesar de que eu não faço.

Professora: Não faz? E continuas não fazendo?

Aluno: Sim, mas tenho dado uma parada de gastar a toa.

Professora: Tu não fazes o controle?

Aluno: Não.

Professora: Não fazia?

Aluno: Não.

Professora: Continua não fazendo?

Aluno: Não.

Professora: Porque Aluno B? Tu achas que não é importante?

Aluno: Não, eu sei que é, mas sei lá, normalmente eu tenho na cabeça sabe? Para que eu vou precisar e se eu posso gastar... Quando sobra.

Professora: Tua falaste que agora diminuístes alguns gastos?

Aluno: É mais consciente.

Professora: O que, por exemplo? (pausa) O que estas cuidando agora?

Aluno: Tipo, o lanche na Escola, um pouco. Até por que, tipo assim, a gente pedia emprestado, mas é uma coisa que vai ter que pagar depois. Se tu não come, até porque tem almoço pronto em casa, porque vai encher a barriga na Escola. Aí chega em casa e não come.

Professora: Então ficavas devendo?

Aluno: Daí depois pagava. Demorava, mas pagava.

Professora: Mas agora tu estas pensando um pouco? Para que pedir emprestado se tens em casa. Se não é realmente uma necessidade.

Aluno: É sim.

Professora: E outros cortes de outras coisas?

Aluno: Não, acho que não. Os demais, tudo era necessário. Farmácia, loja,...

Professora: Coisas bem necessárias. E tinhas alguns gastos com supérfluos?

Aluno: Não.

Professora: Somente com alguns lanches, tu achas?

Aluno: É...

Professora: Está certo. Vamos para a próxima pergunta:

3 – Fale a respeito de como era o seu conhecimento dos assuntos que trabalhamos?

Aluno: O que eu falei antes. Sabia preencher cheque, só que eu passo o cartão no mercado e eu não sabia como que funcionava. To fazendo ali o meu serviço. Passando o que é crédito, é porque não vai pagar na hora. Isso eu já sabia. Eu não sabia que vinha por boleto... É boleto?

Professora: A fatura.

Aluno: É a fatura. Que vinha em casa, eu não sabia. Não sei, é isso aí.

Professora: Sobre o que a pessoa tinha disponível o que tu pensavas?

Aluno: É. Que ela tinha um dinheiro depositado e que iria ser descontado aquilo. Eu entendia mais ou menos no caso o cartão que era a vista ou pré-datado, aí seriam trinta dias. Mas cartão de crédito e de débito por causa das palavras, não sabia. O outro cartão tu pedia se era a vista ou 30 dias. Mas crédito ou débito eu não sabia.

Professora: Tu não sabias o que significava crédito e débito?

Aluno: É.

Professora: Essas palavras tu tomastes conhecimento com as nossas aulas?

Aluno: Hum rum.

Professora: E os outros assuntos? Que conhecimentos que tinhas?

Aluno: Tipo INSS a gente teve que pesquisar. Eu sabia que era descontado, sei também o que quer dizer, mas não sabia profundamente o que era e como funcionava.

Professora: Sabias que era obrigatório pagar? Tu pagas no teu emprego? Tu tens carteira assinada?

Aluno: Eu sabia que tinha que pagar para se aposentar. Só que não sabia como que funcionava depois. Não sabia o tempo que tinha que pagar até se aposentar.

Professora: E agora, depois da pesquisa?

Aluno: O que quer disser INSS, e o valor que é cobrado de acordo com o salário que ganha, é isso.

Professora: E o destino do que é cobrado? E o retorno que tu tens disso?

Aluno: Que é para se aposentar. Eu não sei, está em casa nas folhas.

Professora: Mas para que serve o INSS, só para te aposentar?

Aluno: É.

Professora: Foi isso que ficou marcado? Só para se aposentar?

Aluno: É.

Professora: Não pesquisaste um pouco mais além?

Aluno: Não

Professora: E dos outros assuntos, não te ocorre mais nada?

Aluno: É. Não.

Professora: Próxima pergunta:

4 – Conhecer sobre estes assuntos o/a ajudou de alguma forma?

Aluno: No caso, pensar a longo prazo, não só no agora. Tu ao invés de gastar agora deixar guardado para mais tarde se precisar. Talvez não vai ter, não sabe se vai estar trabalhando, aí já vai ter um dinheiro. É mais, é isso.

Professora: Isso te ajudou agora. E lembras mais alguma coisa? A postura que tu tinhas. Falaste a questão do lanche que mudaste. Tem algo mais?

Aluno: Bastante de economizar, assim.

Professora: Abriste alguma poupança?

Aluno: Não

Professora: Pensas em abrir?

Aluno: Não fui atrás ainda, não estou pensando nisso ainda.

Professora: Tu achas que é importante guardar para depois... Guardar para o futuro. Porque guardar?

Aluno: Como eu disse, vai que tu não estejas mais trabalhando, tu vai ter aquele dinheiro, ou se tu estiveres trabalhando tu podes investir em outra coisa. É isso aí.

Professora: Última pergunta:

5 – Você gostaria de dizer mais alguma coisa? Algo que tenha faltado te perguntar.

Aluno: Acho que poderia ter com todas as turmas, não só de terceiro ano. Poderia ser uma matéria, assim como tem Português, Matemática, que também é importante. Muita gente reclama, para que vou usar Matemática, para que vou usar Português se tu não vais seguir nada na faculdade. Mas isso daí (Educação Financeira) é importante mesmo que tu não continues estudando. Trabalhando tu vais estar sempre ganhando dinheiro e tem que saber lidar com ele.

Professora: Então, tu achas que é importante incluir Educação Financeira em outras séries? A partir de que série tu achas importante?

Aluno: Não sei, eu acho que a partir do momento que tu comesças a entender.

Professora: Quando tu achas que tu começaste a entender?

Aluno: Acho que poderia entrar no Ensino Médio, já. Porque muita gente já começa a trabalhar antes. Não de carteira assinada, mas começa a ganhar dinheiro. E até tem gente que ganha mesada, já para entender e saber o que fazer com esse dinheiro.

Professora: Então daria para entrar mais cedo, bem pequeno?

Aluno: É. Tem pais que quando tem o filho pequeno, ou até quando estão planejando, já pensam no futuro, aí já começam a guardar dinheiro. Aí quando o filho é mais velho, para pagar a faculdade e tudo. Mesmo assim, mesmo os pais bancando, saber lidar, saber se virar, porque os pais nunca vão estar sempre aí. Uma hora tu vais ter que fazer as coisas sozinha.

Professora: E tu achas que não deve ser incluída Educação Financeira só no 3º ano e, que deveria ser uma disciplina a parte?

Aluno: Eu acho. É importante, também.

Professora: Tu não vês relação com outra disciplina? Os conteúdos?

Aluno: Eu acho que não. Nem com Matemática. É uma coisa para ti, assim, para a vida.

Professora: Para a vida, mas os assuntos que tratamos se fosse classificá-los, seriam parecidos com que disciplina?

Aluno: Não sei. Acho que como tu falaste a História do dinheiro, lá bem no início, acho que isso se relacionaria com História, até porque Educação Financeira não é só tratado dinheiro, mas a origem dele e como eles usavam o dinheiro antigamente. O que eles faziam quando não tinham dinheiro. É isso aí.

Professora: Então, para ti é uma disciplina a parte das outras, que não tem relação?

Aluno: É.

Professora: E nas discussões que fizemos, não consegues relacionar? Ou os filmes que olhamos?

Aluno: Daí sim, com Biologia é tratado bastante. É. Mas também, como falei antes, que não envolve só o dinheiro. Como nós olhamos o documentário de reciclagem que resulta em dinheiro. E também entra Educação Financeira.

Professora: Para ti no teu entender é uma disciplina a parte, mas agora tu comesças a ver que tem algumas relações com alguns conteúdos, daria para os professores trabalhar juntos?

Aluno: É...

Professora: Mais alguma coisa?

Aluno: Não, é só isso.

Professora: Então, muito obrigada.

Aluno C

Professora: A primeira pergunta:

1 – Durante sua trajetória de estudante, você realizou alguma atividade semelhante às que desenvolvemos nas aulas?

Aluno: Bom, até agora no momento não tinha realizado nenhuma, né.

Professora: Nenhuma atividade. Em todos os anos anteriores?

Aluno: Não. Não na Escola que trazem palestras e fazem alguns eventos, mas desse jeito não.

Professora: Este tipo de atividade?

Aluno: Não.

Professora: Nem nas outras séries antes do 3º ano?

Aluno: Não. Nem na outra Escola que estudei até a 8ª série.

Professora: Segunda pergunta:

2 - No seu entender, é importante incluir assuntos relacionados à Educação Financeira na escola?

Aluno: Com certeza, para poder ter uma noção do que tu tens que arrecadar, do quanto tu gasta, né. Se não tu já vais começar trabalhar, tu já vais começar gastando mais do que tu recebes. Aí tu já vai começar tua vida endividado. Aí já vai ficar complicado.

Professora: Tu achas que por isto é importante incluir estes assuntos?

Aluno: E por vários outros motivos.

Professora: Que outros motivos?

Aluno: Tipo, tu podes ir arrecadando dinheiro conforme dando, do teu salário. Economiza um pouquinho, junta, aí quando tiver certa quantia tu depositas. Quando chegar certa idade tu já vias ter um dinheiro, já vais poder comprar uma casa ou pode dar um jeito de financiar. Dependendo tu procura várias financeiras e tem certo juro, mas daí em vez de tu pagar um aluguel, pode rachar com um amigo, aí tu tens esse que tu irias gastar só no aluguel, tu vais gastar vinte anos no aluguel, mas a casa não vai ser tua no final desses vinte anos. Vai chegar quando tu ficar aposentado, mas a casa não vai ser tua. Já no final desse financiamento a casa vai ser tua.

Professora: Então achas que é importante ir guardando, pensando no futuro, para adquirir uma casa própria, por exemplo?

Aluno: Exatamente. Ou para fazer uma faculdade.

Professora: Tu já trabalhas?

Aluno: Não. No momento não.

Professora: E tu tens mesada?

Aluno: Eu tenho a pensão alimentícia.

Professora: Então tu recebes uma pensão, como se fosse uma mesada, um salário. E és tu quem administra esta pensão?

Aluno: Sim, mas se a minha mãe precisa de alguma coisa eu pago. Daí como eu faço o curso para carreira militar eu pago o meu curso.

Professora: Falando em administrar, o controle orçamentário que a gente realizou a atividade, tu já fazias este controle?

Aluno: Não, não, só comecei a fazer depois que a professora pediu.

Professora: Porque eu pedi?

Aluno: Sim.

Professora: Tu não fazias e agora, continuas fazendo?

Aluno: Até cheguei a parar de fazer. Mas eu percebi no dia, mas que dava para fazer cortes.

Professora: Não entendi. Tu começaste a fazer e aí o que aconteceu?

Aluno: Tipo, que na minha merenda, o cara sempre tinha dinheiro, até por causa da pensão alimentícia. Aí na merenda, no caso tu comes dois pastéis são três reais aqui na escola. Um litrão é quatro reais, daí tu divides com os amigos são mais um real e cinquenta ou dois. Daí tu deixa eles irem pagando. Agora eu já como um só e tem dias que eu não como se não estou com muita fome. Mas eu já diminui, tinha dias que até chegava a comer mais, dependendo. Tenho dinheiro... Ainda estou com fome, daí se tu já comprou refri, vai comprar outro refri, aí tu acaba tomando mais. Acabou de ver os teus gastos desnecessários.

Professora: Sem necessidade!

Aluno: É sem necessidade.

Professora: Tu compravas não porque estavas com fome, mas porque tinhas dinheiro?

Aluno: É na hora dava fome, mas acho que não tinha atingido o estomago ainda, eu acho.

Professora: Então comias um a mais?

Aluno: É comia uma a mais, ou vamos dizer, eu tenho dinheiro em casa e às vezes dá uma vontade de comer um chocolate ou alguma coisa. Mas vai lá e toma uma água, ou come outra coisa, dá um jeito, né. Sempre tem alguma coisa ou uma fruta que mata a fome.

Professora: Então, tu começaste a cortar estas coisas?

Aluno: É algumas coisas fui cortando de vagarzinho.

Professora: E as outras situações do teu planeamento, tu falaste que pagas um curso?

Aluno: É. O curso custa setenta e dois reais, e cinquenta centavos, daí tem mais a passagem que dá em torno de uns quatorze reais por dia.

Professora: Isso tu já tens controle?

Aluno: Já sei que até sábado, que é sábado pela manhã. Para ir eu pego o ônibus e mais o metrô, para ficar mais barato.

Professora: E este curso tu estas fazendo pensando em te preparar para o teu futuro?

Aluno: É para o meu futuro e a remuneração é boa. Eu gosto, e o meu pai já era (militar). Ele serviu um ano. Daí vai com influência. Apesar de ele ser eletricitista, sabe.

Professora: E as tuas compras, o teu planeamento tu mudaste alguma coisa?

Aluno: Eu não gastava muito nestas coisas assim como roupas. Eu via já estou muito mal de roupa ou um tênis.

Professora: Tu já eras controlado?

Aluno: Não gastava muito. De vez enquanto ajudava em casa com dinheiro, com alguma conta que a mãe pedia.

Professora: Tua falaste que ajuda em casa. Tu conversaste com mais alguém sobre os assuntos das aulas?

Aluno: Com a minha mãe. Eu falei que começamos a ter uma aula diferente. Começamos a ter aula de Educação Financeira. A professora vai ensinar no que tu tens que economizar. Isso ajuda para o teu futuro ou para a educação mesmo.

Professora: E a mãe fazia esse controle?

Aluno: Não.

Professora: Ela continua não fazendo?

Aluno: Não. Já o meu padrasto fazia mais ou menos. Ele já pensava em fazer, daí como ele comprou um computador eu montei para ele no Excel.

Professora: Tu começaste a ajudá-lo.

Aluno: Ele tem uma reciclagem, daí eu monto para ele. Ele dá entrada, diz tudo. Gastei tanto, desde o que ele comprou para os funcionários até o combustível, tudo. Ele traz as notas e o dinheiro, a entrada e a saída. Eu o ajudo a fazer daí.

Professora: Tu já ajudavas antes?

Aluno: Não, ele não pedia. Antes ele anotava em papeis.

Professora: E agora tu estas anotando para ele no computador?

Aluno: Eu anoto no computador e ele pede para imprimir.

Professora: E ele está gostando?

Aluno: Sim. Assim ele tem uma noção melhor.

Professora: Visualiza para onde está indo o dinheiro.

Aluno: É visualizar, daí parece que tu consegues ver. Bah! Mas sai tanto assim. Como entra tanto, e se a gente não controlar, podemos acabar em dívida.

Professora: E telefone, luz, água, estas contas. Isso vocês também estão cuidando?

Aluno: Eu tenho no caso o pré-pago. É melhor. Quando acabou o saldo, acabou. Ele já não. Ele tem um telefone de conta. E como ele faz negócios, a conta vai indo. Pode estar meio alto e ele não controla tão bem. Já não o acho um bom controlador.

Professora: Mas agora com esta tua ajuda, talvez ele comece a controlar.

Aluno: Talvez ele pense, mas está difícil ainda. Tá difícil.

Professora: Tu achas que está difícil, mas estás fazendo a tua parte em tentar ajudá-lo.

Aluno: Ele não mudou, mas eu tenho um tio que já me influenciava para este lado da matemática financeira. Ele sempre foi um bom economizador. Sempre economizou bastante. Trabalhou muito para economizar, para ter tudo que ele tem.

Professora: Então tu tens um tio que fazia o controle?

Aluno: Sim.

Professora: Mas tu vais continuar ajudando o teu padrasto? Pelo menos ele está aceitando a tua ajuda.

Aluno: Vou tentar fazer ele gastar menos. Tem sempre novas tecnologias. O telefone, tu gasta bastante. Tem o MSN. Não usa para conversinhas. Usa para fazer um negócio. Já que ele está pagando a internet, aproveita, pois isto chegou para facilitar a vida. Pode diminuir alguns custos. Os gastos no caso...

Professora: Ok! Vamos para a próxima pergunta:

3 – Fale a respeito de como era o seu conhecimento dos assuntos que trabalhamos?

Aluno: De cheque, por exemplo, eu tirei muitas dúvidas. Inclusive na visita ao Banco. A questão da cor da caneta para preencher o cheque. Preencher o cheque eu não sabia.

Eu não sabia preencher nunca. Só sabia que cor da caneta era azul ou preta. Agora eu sei que pode ser com qualquer cor e questões como um mil reais escrever com H, para que o cheque não possa ser modificado. Outras questões da data que pode anotar do lado do talão para poder controlar quanto tu tens e quanto saiu. E sobre o cartão de crédito eu já sabia alguma coisa.

Professora: O que tu sabias?

Aluno: Sabia por que a minha mãe tinha. Ela usava. Sabia que se não tens dinheiro para pagar o máximo, daí tu pagas o mínimo, só que isso vai acabar proporcionando uma conta muito grande e chega uma hora que não tens como pagar mais.

Professora: A mãe alguma vez usou isto de pagar o mínimo?

Aluno: Uma vez ela já chegou a quase ficar devendo, mas daí ela parou de usar o cartão e conseguiu pagar.

Professora: Agora ela começou a controlar?

Aluno: É. A falta de conhecimento, aí acaba se dando conta. Mulher sempre gasta um pouco mais em roupas. Ela era influenciada muito pela minha tia e acabava comprando muito nas lojas do Shopping. Acabava gastando demais. Mais do que tu ganhas.

Professora: E o cartão te dá este poder de compra...

Aluno: Tem o lado bom e tem o lado ruim. Só tem que saber administrar, porque se não ele é uma arma.

Professora: E outros assuntos como era teu conhecimento. Tu falaste que teu padraсто tem uma reciclagem e nós assistimos o documentário do Globo Repórter sobre reciclagem e reaproveitamento de alimentos. Tu já tinhas algum conhecimento?

Aluno: De alimentos não, mas de garrafas essas coisas assim já.

Professora: E sobre impostos?

Aluno: A mesma coisa, só na aula. Eu tinha pouco conhecimento. Como IPVA, então a gente já vai aprendendo mais.

Professora: O teu grupo fez sobre o IPVA?

Aluno: O meu grupo fez sobre Imposto para Veículos Automotores. É IPVA. Até anos atrás, eu sabia que eram para carros de até 20 anos, mas há algum tempo, eu não sei quando, foi reduzido para 15 anos. Da data de fabricação, quinze anos já está isento deste imposto.

Professora: E tu sabias da aplicação do dinheiro arrecadado, qual o destino?

Aluno: Não. Mas com as apresentações dos outros trabalhos aprendemos mais. Aquele IR... Fui aprendendo.

Professora: E com a palestra dos auditores da Receita, também!

Aluno: É a palestra aqui foi bastante debatida. Eles acharam que não iriam ter tantas perguntas, porque em outro lugar, não sei, não saíram tantas perguntas como aqui.

Professora: É. Eles fazem palestras. Este pessoal da Receita trabalha com isto, fazendo este tipo de palestra. E eles ficaram bastante surpresos que tiveram bastantes questões. Eles gostaram muito de realizar a palestra aqui.

Aluno: É. Tu vais ouvindo e vais te indignando. Mas ele explicou bem, não somos nós que ficamos com o dinheiro, só fazemos o controle que o governo mandou, na verdade. Eles nem tocam e nem vêem a cor desse dinheiro. Assim como tem gente que deixam de pagar os impostos, ao mesmo tempo ela está deixando de contribuir para coisas que iram beneficiá-la. Na saúde ou na educação, na segurança. Coisas que voltariam para ela mesma. Eu gostei dessa palestra. Prestei bastante atenção, às vezes eu ia perguntar, mas outro já tinha perguntado. Ou eles já tinham explicado.

Professora: Foi bastante esclarecedora, então?

Aluno: Sim. O pessoal da frente já estava perguntando bastante, então vamos escutar. No mais foi tudo bem...

Professora: Que bom! A próxima questão é:

4 – Conhecer sobre estes assuntos o/a ajudou de alguma forma?

Aluno: Ajudou a perceber que eu gastava um pouco demais. Comecei a economizar, abri uma conta.

Professora: Abriste uma conta poupança?

Aluno: É. Na Caixa.

Professora: Tu estabeleceste um valor para depositar?

Aluno: Depende da minha pensão, às vezes ele atrasa. Eu vou depositando conforme posso. Como eu tenho o curso e algumas despesas em casa. Vou guardando o que sobra. Junto um pouco mais, vou guardando em casa e vou depositando.

Professora: Então não estipulaste um valor mínimo?

Aluno: Não. Seria melhor estipular um valor, só que teria ter uma data específica, também, sabe.

Professora: Mas a poupança, a cada dia que depositas passa a render a partir dali. A única coisa é que se depositas em datas diferentes, tu tens rendimentos em datas diferentes. Isto tu precisas estar ciente.

Aluno: Como nós aprendemos, se eu depositar mil reais, vai render em torno de 0,7% ao mês. Eu não tenho bem certeza. É mais ou menos, mas já é um rendimento. É melhor

tu colocares numa conta poupança do que tu deixar na conta de um banco, ali tu podes ter algum juros que nem percebes. Nas aulas a gente comentou que seria melhor estipular um valor.

Professora: Isto. Assim como a gente assume uma prestação de algo.

Aluno: Poderia assumir esta prestação.

Professora: Um valor que cada um achasse ideal.

Aluno: Acabando o curso. O meu curso acaba logo. Eu já vou poder estipular um valor. Pode ser o valor do curso mesmo.

Professora: É uma boa opção.

Aluno: Ou pode ser menos. Uma parte.

Professora: E porque acha importante guardar?

Aluno: Devido ao futuro. Ninguém sabe o que pode acontecer. Vamos disser que podes passar mal e aí tu precisas do dinheiro para fazer uma cirurgia ou qualquer outra coisa. No hospital o SUS é mais demorado e se tu precisas de uma cirurgia, aí tu podes pagar com este dinheiro.

Professora: Tu não tens plano de saúde?

Aluno: Eu tinha até um tempo atrás por causa da Empresa do meu padrasto. Daí como ele não está mais naquela, foi cortado.

Professora: Agora só tens o SUS?

Aluno: Sim.

Professora: Então, tu achas que é importante ter uma reserva pensando na questão da saúde?

Aluno: É, saúde ou o futuro.

Professora: Tu não trabalhas ainda?

Aluno: Não. Só estudo.

Professora: Estas completando teus estudos e pretendes trabalhar depois?

Aluno: Eu pretendo entrar na carreira militar, por isto ainda não comecei a trabalhar.

Professora: Tu estas fazendo este curso preparatório para prestar concurso?

Aluno: Sim. Tem muitas coisas que na Escola tu não apreendes e lá eles te ensinam.

Professora: E dos assuntos que trabalhamos, neste curso apareceu algum?

Aluno: Não. Na carreira militar não tem nenhum desses...

Professora: Para finalizar:

5 – Você gostaria de dizer mais alguma coisa?

Aluno: Conforme foi o andamento das aulas a professora foi comentando que tínhamos que economizar. E eu já tinha visto a minha tia economizando, guardando umas moedas em um pote. Um dia ela comprou só com aquelas moedas. Tirou cinquenta reais brincando do pote. Olhei, mas isso dá dinheiro. Já estava com a idéia de fazer, mas daí a professora chegou e...

Professora: Já tinhas um exemplo de economizar com a tia. Então começamos com as aulas...

Aluno: Aí a professora disse: comecem a guardar o troco da merenda ou outro troco.

Professora: Só as moedinhas?

Aluno: Ou algum dinheiro que ganhava da mãe ou do pai. Só em duas semanas já tinha uns sessenta reais. Daí eu precisava comprar um cartucho de tinta para fazer um trabalho e comprei tranqüilo. Achei que não tinha dinheiro. Fui lá e tinha.

Professora: Atacaste o cofrinho?

Aluno: Outro dia precisei e já tinha mais uns vinte reais. Se for somar desde o dia que a professora mandou, deu mais de cem reais, eu acho.

Professora: Que economizaste?

Aluno: Isto. De guardar moedas. Todas que eu ganho de troco eu não gasto. Teve um dia que eram sete reais em moedas, mas foi guardado.

Professora: Então tu estas fazendo uma economia como a tua tia?

Aluno: Tu podes acabar não depositando, porque moeda é uma coisa meio sem valor, mas tu vais juntando para tu ver então.

Professora: E quando abriste a poupança ganhaste um cofre (um poupançudo)?

Aluno: Não. É só para as crianças. Para conquistar mais o cliente.

Professora: Mas neste “1,99” têm uns cofrinhos.

Aluno: Não precisa. Eu guardo no vidro de café como a minha tia. Não tem problema.

Professora: O inconveniente é que o vidro é transparente e não te dá tentação de gastar?

Aluno: Não, a gente o esconde e não vê.

Professora: É uma opção. Que legal. Este vidro, mesmo, pode servir para ti juntar e depois depositar na tua poupança.

Aluno: Eu estava pensando isto. Juntar.

Professora: O banco te exigiu um valor mínimo?

Aluno: Não. Pude abrir sem depositar nada. Depois eu deposito. Então tu podes juntar e a conta já está aberta. Posso juntar neste vidro as moedas, digamos, uns cinquenta reais e depositar...

Professora: Mais alguma coisa? Tu achas então que é importante incluir Educação Financeira na Escola? A partir de que série?

Aluno: Sim. Rendeu-me. As pessoas são bastante consumidoras. É difícil de estipular a série. Ultimamente tem crianças que no pré ou na primeira com um telefone e já fazendo a “cabeça” do pai ou da mãe para ter, pois o meu amigo tem, eu tenho que ter. Desde cedo porque se não pode se tornar um consumidor compulsivo e aí o negócio complica e não tem como reverter mais.

Professora: Então tu achas que é importante não só no terceiro ano, mas desde cedo.

Aluno: Incluir antes, pois é melhor ainda...

Professora: Mais alguma coisa?

Aluno: No momento, não.

Professora: Muito Obrigada!

Aluno D

Professora: Vamos começar a entrevista:

1 – Durante sua trajetória de estudante, você realizou alguma atividade semelhante às que desenvolvemos nas aulas?

Aluno: Sobre isto, durante o período escolar que eu tive... Os professores comentavam sobre a Educação Financeira... É Educação Financeira?

Professora: Eles falavam com estas palavras: Educação Financeira?

Aluno: Não. Eles falavam mais sobre no caso de impostos, de preocupação para não cair no SPC. Mais a partir do primeiro ano, porque eles viam que a maioria começava a trabalhar e daí ia comprando coisas e fazendo “fixa” (crediário) e tudo mais. E poderiam ter o risco de cair no SPC, se não pagasse tudo certo e cuidar com impostos. Mas só os comentavam, não chegavam fundo ao assunto.

Professora: Então a partir do 1º ano alguns professores começaram a trabalhar estes assuntos com vocês, mas faziam parte do conteúdo?

Aluno: Não fazia parte. Mas sempre entrava um assunto diferente dos conteúdos no meio da aula, alguém comentava isso ou aquilo, daí caía no assunto.

Professora: E o professor aconselhava vocês?

Aluno: Isso.

Professora: Em que disciplina?

Aluno: Aulas de Filosofia e Sociologia.

Professora: E antes do 1º ano, algum professor trabalhou algo?

Aluno: Chegavam a comentar, mas até a 8ª série eles estão com os pais e daí não precisam se preocupar com os alunos. Mas poderiam alertar os pais sobre estas questões.

Professora: Eles alertavam os pais?

Aluno: Não, eles falavam para nós como se nós fossemos uma fonte para os pais. Assim a gente iria falar para os pais tomarem cuidados com os impostos e tudo mais.

Professora: Assuntos mais relacionados com impostos? Algo relacionado com a mesada ou de controle de orçamento?

Aluno: Sim. Mesada, não.

Professora: Ouve uma preocupação maior a partir do 1º ano através dos professores de Sociologia e Filosofia, no sentido de que alguns já estavam trabalhando, de orientar como gastar?

Aluno: Isso, como gastar...

Professora: Vamos para a segunda questão:

2 - No seu entender, é importante incluir assuntos relacionados à Educação Financeira na escola?

Aluno: Para mim eu acho que é importante porque é um aprendizado a mais. Porque se tu sabes investir, aonde aplicar teu dinheiro, tu vais ter um futuro melhor. E por isto eu acho que é importante ter Educação Financeira.

Professora: Porque, agora tu estas terminando o 3º ano e os assuntos que trabalhamos farão diferença para ti?

Aluno: Sim. Vão.

Professora: Então é importante incluir Educação Financeira para as outras turmas que estão vindo aí?

Aluno: Eles vão sair do 3º ano, vão ver o que tem pela frente e vão ter que saber aplicar bem o dinheiro que eles receberem...

Professora: OK! Vamos ver a terceira pergunta:

3 – Fale a respeito de como era o seu conhecimento dos assuntos que trabalhamos?

Aluno: Eu já tinha uma noção, mas bem a fundo eu não tinha. Fiquei sabendo de coisas que vão me ajudar muito daqui para frente.

Professora: Que noções que tu tinhas? Essas noções, com o professor de Sociologia ou noções de casa?

Aluno: De vida, assim, mesmo. Do que eu já vivi. Já tive as minhas contas para pagar.

Professora: Tu trabalhas?

Aluno: Trabalho. Sempre cuido na minha cabeça o que eu tenho que pagar e o que me sobra.

Professora: Tu não fazes o controle do orçamento?

Aluno: Eu não faço o controle, mas na minha cabeça eu sei isso.

Professora: E depois das nossas aulas. Tu fizeste o controle que propus?

Aluno: Eu não cheguei a fazer.

Professora: Mas o que pensas a respeito?

Aluno: Se fizer pode ser melhor. É bem melhor.

Professora: Tu tens computador?

Aluno: Sim.

Professora: E não chegaste a fazer as planilhas que sugeri?

Aluno: Não, não cheguei a fazer.

Professora: Mas porque tu achas que se fizer é melhor?

Aluno: Se deixar na cabeça, com o tempo tu esquece.

Professora: Mas, tu achas importante fazer um controle? Tu pensas em fazer? Tu ainda não fizeste?

Aluno: É a preguiça, mas é bom fazer.

Professora: Tu gostaste da atividade, apesar de não ter feito? Achas que ela é importante?

Aluno: Sim. Vamos supor que eu tenha que fazer um pagamento daqui alguns dias. E eu me esqueça. Se eu tiver a planilha, eu olho e vai ter controlado. Tenho que pagar tal dia. Já me lembro, aí é melhor. Aí eu não vou pagar juros.

Professora: E as tuas compras como te planejavas para fazê-las? A vista ou a prazo?

Aluno: Eu sempre prefiro pagar a vista. Mas quando tem coisas que são muito caras e não tenho condições de pagar a vista, eu sempre tento fazer em duas ou três vezes, no preço de avista. Muitas lojas aceitam. Tento negociar. Mas se não der, faço a prestação, é meio ruim, mas é o jeito.

Professora: Nunca pensaste em guardar por um tempo, como nós trabalhamos em aula? Já fizeste isto?

Aluno: É eu já guardei um dia, só que daí veio outra conta e tive que pagá-la e não sobrou.

Professora: Será que o planeamento não é importante nestes casos, para te organizares melhor e guardar?

Aluno: É.

Professora: Como disseste os teus conhecimentos antes eram de tua vivência. Que aprendeste com a vida. Na Escola só alguns alertas de professores?

Aluno: Sim. Só comentavam...

Professora: Então, passamos para quarta questão:

4 – Conhecer sobre estes assuntos o/a ajudou de alguma forma? Esta já é minha 4ª questão.

Aluno: Eu já tinha um aprendizado sobre isto, mas aumentou. Agora tenho mais noção. E vai ser bem importante daqui para frente. É um aprendizado a mais.

Professora: Tu podes me pontuar uma situação que tenha mudado agora, após este período de dois meses de nossas aulas?

Aluno: Aconteceram muitas coisas da vida pessoal e que entraram muito sobre estes assuntos de impostos na questão familiar. Daí eu tirei estas dúvidas que eu tinha quando nós visitamos o Banco. Tirei todas as dúvidas nas perguntas que fiz.

Professora: Que bom! Quando tu falaste em questão familiar, conversaste estes assuntos de sala de aula em casa? Tu moras com o pai e com a mãe?

Aluno: Sim, eu moro com o pai e com a mãe e um irmão. Já cheguei a comentar e eles, também, têm uma noção que com o salário que ganham não tem condições de pagar tudo a vista. Muitas pessoas fazem a prazo. Mas sabemos que se juntar dinheiro ou tiver para pagar a vista é bem melhor porque não tem juros.

Professora: O pai e a mãe fazem um planeamento?

Aluno: Eles só fazem na cabeça, também. Em papel, de vez em quando, minha mãe anota.

Professora: O que?

Aluno: Sobre talão de cheque, isso ela já fazia. Eu sempre acompanho o que ela faz. Quando ela tira a conclusão dela, eu sempre estou junto ali. Ela pede para eu ajudar e eu a ajudo.

Professora: E tu já sabias fazer o controle do cheque?

Aluno: Eu sabia mais ou menos, mas agora melhorou. E pude ajudar a mãe.

Professora: As aulas ajudaram a família? E o planejamento continua de cabeça?

Aluno: É continua de cabeça.

Professora: E não sugeriste para os pais fazer? Pois tens computador, tens alguns exemplos trabalhados em aula...

Aluno: Não me animei ainda. Mas quem sabe. Acho que pode ser melhor...

Professora: Tem coisas que precisamos pensar. Ouve outra mudança?

Aluno: Agora se controla mais. Antes, também se controlava, mas não era tanto. Agora é mais. Agora cada um tem mais noção. Cada um faz a sua parte.

Professora: E sobre o documentário que assistimos?

Aluno: Em casa nós reciclávamos. Então tiveram uns problemas que eles recolhiam e colocavam tudo junto.

Professora: Vocês separavam e era recolhido e misturado?

Aluno: É. Então com o tempo nós paramos. O certo é reciclar.

Professora: Mesmo porque, tem a outra questão que tratamos sobre o pessoal que recolhe o lixo seco e que vive disso. Os catadores. Na nossa cidade já temos alguns catadores. De certa forma nós poderíamos reciclar para facilitar o trabalho dos catadores. Eles passam antes e mexem no nosso lixo.

Aluno: É...

Professora: Nossa última pergunta:

5 – Você gostaria de dizer mais alguma coisa?

Aluno: Eu aprendi muito com estas aulas. Eu sabia pouco e aprendi muito mais. Isso é interessante tanto que da minha vida daqui em diante o meu aprendizado levou mais ainda. Eu penso que antes de dar um passo tu tens que pensar no que podes fazer. Tens que saber o que tens nas mãos para não ficar jogando fora e depois ter que conseguir tudo de novo, na questão do dinheiro.

Professora: Pensar no futuro. Tu pensas? Tu trabalhas?

Aluno: Eu trabalho há um ano. Eu faço uma reserva. Tenho uma poupança. Sempre que sobra eu deposito.

Professora: E tu guardas pensando em algo? Tens um objetivo?

Aluno: Tenho um objetivo. É comprar uma moto.

Professora: E com as aulas, te ajudaram a pensar outros objetivos?

Aluno: É eu tenho outros objetivos, mas até lá tem que ir de pouco a pouco. Sabendo que tem que economizar para conseguir.

Professora: Tu já tens 18 anos?

Aluno: Tenho 17 anos.

Professora: No início de nossa conversa disseste que a partir de 1º ano começaste a ter alguns conselhos de professores a respeito de assuntos de Educação Financeira. A partir de que série tu acha importante incluir Educação Financeira?

Aluno: Eu acho que deveria ser a partir do 2º ano do Ensino Médio. Porque tem muitos que no 1º ano os pais têm receio de largar eles para trabalhar. Mas a partir do 2º ano todo pai pensa que o filho já possa trabalhar.

Professora: Tu achas que não pode ser antes?

Aluno: Não.

Professora: Antes de começar a trabalhar tu não recebias mesada ou algum dinheiro?

Aluno: Não, era uma Escola Estadual e nós ganhávamos lanche e não precisávamos pagar.

Professora: Mas tu achas que uma criança pequena...

Aluno: Quando tem juízo.

Professora: Quando tem juízo! E quando se adquire juízo? Só a partir do 2º ano tu achas?

Aluno: É só a partir do 2º ano.

Professora: E tu achas que é só ali que os pais devem tentar educar os filhos nestes assuntos? E a Escola?

Aluno: Tem muitos que até a 8ª série eles estão estudando por que são forçados.

Professora: Mas tu achas que uma criança não tem condições de trabalhar estas questões? Todos os assuntos que trabalhamos os gastos diários, os gastos com luz, água, telefone.

Aluno: Eles pensam, mas eles não fazem porque são muito novos. Daí depois que cria juízo pesa na consciência.

Professora: E como é que se cria juízo?

Aluno: Vivendo, vivendo. Aí cria juízo.

Professora: Aprendendo com a vida?

Aluno: Sim.

Professora: E se não aprender? Quando vai aprender?

Aluno: Se não aprender é uma situação crítica para o futuro.

Professora: Os teus colegas do 3º ano todos já aprenderam?

Aluno: Tem um e outro que ainda não aprendeu, mas...

Professora: Pensa. E como vai aprender? Com a vida, caindo?

Aluno: É tem que cair para erguer a cabeça e levantar.

Professora: E será que não podemos tentar aprender isto antes, sem precisar cair, talvez?

Aluno: É, mas depende da vontade de cada um. Se cada um tiver a vontade de ser uma pessoa descente na vida vai chegar um ponto, que eu acho que é a partir do 2º ano, que vai tomar uma atitude.

Professora: Mas e os conselhos da professora de Sociologia do 1º ano. Se estes conselhos viessem antes, se os pais dessem conselhos, a Escola.

Aluno: Se os pais dão conselhos, mas daí tem que ser uma parceirinha entre a Escola e os pais. Todos têm que chegar e comentar com os filhos. Por que são eles o futuro da Nação.

Professora: Então concordas que pode começar mais cedo?

Aluno: É. Se os pais ajudarem dando conselhos na família e os professores na Escola, pode resolver. Mas, se for só a Escola, aí acho que não vai resolver.

Professora: Ou se for só a família?

Aluno: Também acho que não resolve. Tem que ser os dois. Porque o aluno tem o respeito pelos pais e pelo professor. Se os dois se unirem e disser para ele, não vai ter como ser contra. Mas se um só falar vai estar meio contra.

Professora: Desta forma, dá para começar mais cedo?

Aluno: Se os dois... É tipo uma parceria.

Professora: E se a Escola não trabalhar e a família, também, como fica?

Aluno: Aí vai ter que cair para levantar.

Professora: Então poderia começar mais Escola com a família? E se só a Escola fizer ou só a família?

Aluno: Olha... Já é meio caminho andado. Mas se fosse os dois seria bem melhor...

Professora: Ok! Mais alguma coisa, te ocorre?

Aluno: Não tem mais nada.

Professora: Muito Obrigada.

Aluno E

Professora: Vamos começar! A primeira pergunta é:

1 – Durante sua trajetória de estudante, você realizou alguma atividade semelhante às que desenvolvemos nas aulas?

Aluno: Sim. Eu fiz em casa com os meus pais. Eu ia comentando, aconselhando. Vamos fazer assim que é melhor. Até no meu trabalho, como eu trabalho como instrutor, tinha muitas vezes falar algum assunto que é do departamento de pessoal. Nós temos tal imposto para pagar. No caso uma de nossas primeiras aulas foi uma questão de pesquisa de impostos.

Professora: Tu fizeste algum treinamento para ser instrutor?

Aluno: Sim. Fiz treinamento, mas é só voltado para passar até ali. No caso, se alguém quer ver algo a mais, eu não tinha este conhecimento, tinha que buscar. Muita coisa que ficava com dúvida, eu conseguia saciar. Tirar ela.

Professora: Mas e durante a tua trajetória de estudante?

Aluno: Mais assim do meu trabalho.

Professora: E enquanto aluno?

Aluno: Na Escola não. Só do meu trabalho.

Professora: Então, próxima pergunta:

2 - No seu entender, é importante incluir assuntos relacionados à Educação Financeira na escola?

Aluno: Acredito que sim. Pelo fato de hoje em dia muitas coisas tem de ser controladas, poupadas. Até hoje ninguém tem como tirar do nada e ir comprar algo. Tem que ter poupado. Como vou aprender isso se não for pela Escola?! Errando não dá. Aprende, mas demora. Claro que na Escola alguém ensinando fica melhor.

Professora: Voltando na questão um, quando falavas que aprendeste com o teu trabalho e em casa. Vocês, em casa, costumam fazer algum controle?

Aluno: Não é aquele controle tudo anotadinho com a renda de todo mundo. É só este mês tenho que comprar isso e isso. Só para saber.

Professora: E pagamentos?

Aluno: Da mesma forma, tem que comprar isto e pagar aquilo. Mas controle de guardar uma quantia para daqui a dois ou três meses comprar, não tinha.

Professora: Tu falaste que és instrutor? De Recursos Humanos?

Aluno: Não. De Informática para Departamento de Pessoal.

Professora: Tu és professor então?

Aluno: Sim. (riu)

Professora: E tens um curso a mais para ser instrutor?

Aluno: Mais na parte da Informática. Tanto que, a questão de Departamento de Pessoal, comecei faz quatro meses a ministrar aulas nesta área, voltado para a Informática.

Professora: São aulas de Informática para capacitar pessoas ao trabalho em Departamento de Pessoal?

Aluno: É na Escola Olímpio. São cursos profissionalizantes.

Professora: São cursos de carga horária pequena?

Aluno: Sim. O pessoal pode escolher. Pode fazer uma hora por dia ou ao sábado que tem uma hora e meia de curso.

Professora: E ensinas na Informática, por exemplo, as nossas planilhas do Excel?

Aluno: Planilhas um monte. Como se faz, noções de utilização. Para que serve o Excel. Daí eu comento a questão dos controles. Tiveram aulas que pude propor de fazermos um controle. E os alunos questionaram: controle para que? Então usei exemplos que tivemos nas nossas aulas. Por exemplo, se vocês querem comprar uma coisa daqui a algum tempo vamos colocar aqui na planilha do Excel. Agora vamos preencher então eles visualizavam o tempo que precisariam esperar para comprar, quantos meses faltavam.

Professora: A fórmula que ensinei para vocês tu já sabias?

Aluno: Sim. Já sabia. Mas onde aplicar não.

Professora: Aproveitaste para aplicar no teu trabalho, nas tuas aulas. Isso já é uma resposta para uma das minhas questões. A quarta questão, onde peço:

4 – Conhecer sobre estes assuntos lhe ajudou de alguma forma?

Aluno: Já. Sim. Ajudou mais nesta parte do Excel que falei e até para mim que não faz muito tempo que moro sozinho. Antes morava com meus pais e minha mãe dizia que tinha que pagar algo e juntava o dinheiro e guardava. Agora morando sozinho faço o controle.

Professora: Tu não fazias o controle dos gastos com a planilha?

Aluno: Agora eu faço. A questão é tudo planilha de Excel. Quando chego na “Olímpio” (local de trabalho) logo já vou anotando. Gastei de merenda hoje pela manhã, então lançava lá no Excel. A tarde se gastava, lançava e assim cada gasto.

Professora: Tens lançado além dos gastos diários, os gastos mensais?

Aluno: Tenho duas planilhas uma de gastos e outra de ganhos.

Professora: E não fazias isto antes?

Aluno: Era a cabeça que funcionava. Funcionava mal.

Professora: E em casa falaste que vocês não faziam um controle? E os pais continuam não fazendo?

Aluno: Não sei se mudou?

Professora: E nem um caderninho eles têm?

Aluno: No máximo um folheto pendurado na parede, e que quando chegam às contas, são anotados os dias para pagar.

Professora: Na geladeira!

Aluno: É na geladeira. Então eles olham e iam pagando. Mas controle escrito que alguém olha e lê o que tem para pagar não tem.

Professora: E o controle que tu estas fazendo agora é só mensal? A proposta nossa das aulas de fazer anual, fazendo uma projeção para o ano?

Aluno: Esse eu não estou fazendo.

Professora: Pretendes fazer no início do ano.

Aluno: É que eu tenho muitas idéias. Muitas coisas que eu quero adquirir. Falta decidir qual vai ser a primeira.

Professora: As prioridades.

Aluno: É. E quando eu tiver dá para partir.

Professora: Fazer um planejamento está te ajudando?

Aluno: Acho que sim. Quando pergunto para minha mãe ou ela comenta que não sabe para onde foi o dinheiro dela no final do mês, então eu posso chegar e dizer que sei para onde foi o meu, pois é um controle que tenho. Sei para onde vai meu dinheiro. A gente escuta as pessoas falar que não sabem para onde vai o seu dinheiro.

Professora: E antes tu conseguias manter um controle?

Aluno: Se não anotar e depois alguém me perguntar se lembro no que gastei ontem fica difícil lembrar. Agora pode me perguntar qualquer dia que tenho anotado.

Professora: Tens anotado todos os gastos diários e os mensais?

Aluno: Como o Excel é tão bom, eu fiz uma planilha de gastos onde tem os gastos por dia, dia um, um, um, dia dois, dois, dois,...

Professora: Como fizemos em aula.

Aluno: Depois tenho outra planilha que são os gastos do mês onde coloco o total por dia. E depois tem outra com gráficos para ver a diferença dos gastos nos dias.

Professora: Que legal fizeste até gráficos! E estas planilhas tu tens ensinado para teus alunos do curso?

Aluno: Antes eu só mostrava as funções, agora tenho uma aplicação para elas.

Professora: E tens aplicado as atividades que realizamos em aula?

Aluno: Como tenho três aulas seguidas dá para acrescentar uma planilha. Então explico que para esta função podemos criar um controle aqui entre nós. Imaginem que vocês gastaram tanto. Nesta outra planilha vou ensinar outra função. Eles perguntam: para que serve? E mostro que depois podemos construir gráficos e visualizar as porcentagens dos gastos por dia.

Professora: Aproveitas para fazer estas relações?

Aluno: Sim.

Professora: As aulas te ajudaram no teu trabalho?

Aluno: Muito. Por exemplo, algo mais, assim sobre a visita ao banco. Sempre pensei em abrir uma poupança. Mas daí vem às questões em que banco? Será que é bom? Será que não é? E os impostos...

Professora: Fazer os cálculos dos juros?

Aluno: É muita coisa. Então nunca me animava. Guardava o dinheiro embaixo do colchão. Depois que nós fomos à visita não deu um mês abri uma poupança. Peguei o salário e guardei ali. É um controle a mais.

Professora: É uma reserva. Como falaste para traçar teus objetivos. Tens planos. Abriste uma poupança porque tens planos. E agora já sabes o quanto vai render de juros, fazer os cálculos...

Aluno: Agora já dá para saber. Antes se alguém me falava que deu tanto de juros ficavam hã! Porque não sabia sobre isto.

Professora: E sobre a poupança, tens ensinado para os teus alunos?

Aluno: Não. Ainda não.

Professora: Que outras atividades, das quais trabalhamos te ocorre que poderás utilizar nos teus cursos?

Aluno: No curso de contabilidade. Pelo fato de ter o débito e o crédito. E o cheque no curso de secretariado, como preencher. Mas as questões que mais posso utilizar são para o curso de contabilidade. O que é um ativo, um passivo. Alguma dúvida que tinha ou algo que possa acrescentar tirei das aulas. Daí um aluno disse: mas isso é igual os controles da professora Denise.

Professora: Tens alunos que são teus colegas no Ensino Médio?

Aluno: Sim. O Aluno D é um exemplo.

Professora: Ele está fazendo o curso contigo?

Aluno: Sim. Então na aula comentei o que dava para fazer com determinado recurso. Daí ele: “Mas isso a Denise falou.” E eu disse: “Que bom que você ouviu o que ela falou.”

Professora: Que bom. Fico bem feliz de saber que as atividades estão indo adiante.

Aluno: É.

Professora: Vamos voltar, agora, para questão 3:

3 – Fale a respeito de como era o seu conhecimento dos assuntos que trabalhamos?

Aluno: Não querendo me jogar lá em baixo, mas eram meio defasados. Faltava sempre uma coisa a mais. Com a prática que tivemos melhorou, porque agora já sei explicar para que servem as funções que ensino.

Professora: Não sabias a aplicação?

Aluno: Agora tu poder falar para uma pessoa esta função serve para isso. E vamos tentar fazer uma vez, talvez ele aprenda melhor do que ficar só alguém falando.

Professora: Só a teoria.

Aluno: Antes só tia a teoria.

Professora: Há quanto tempo estas trabalhando como instrutor?

Aluno: Um ano e meio em Novo Hamburgo e aqui estou há um ano. Dá uns dois anos e meio.

Professora: Como falaste no começo, fizeste um curso para ser instrutor e mesmo neste curso não conseguistes este conhecimento que dizes ter aprendido agora?

Aluno: As coisas se atualizam. Como um exemplo que meu pai conta como eles batiam foto antigamente. O fotografo ia na casa das pessoas com uma tocha de luz assim do lado e aquela câmara fotográfica que entrava embaixo com a cabeça. Daí batia a foto. E saia um clarão. Meu pai nunca esquece, porque apanhou tanto uma vez, pois a foto levava quinze dias para ficar pronta até ir e vir de Porto Alegre e, quando chegou, ele estava de olhos fechados. E hoje, já é tão moderno, que você puxa algo do bolso e tira foto e se duvidar manda para Bahia. Quando aprendi, há dois anos e meio atrás, era aquela coisa. Agora, o tempo passou e não fiz outro curso para estar atualizando. Ia buscando aqui e ali. Então vem alguém (a professora) e me ensina algo novo, melhorou.

Professora: Mas, a tua Empresa não fornece treinamento para vocês se atualizarem?

Aluno: Claro isso ela treina, mas ela é mais voltada para a área da informática. Então quando surge algo novo para departamento de pessoal então tem um novo curso. Ou se mudou alguma coisa, alguma taxa que aumentou, eles avisam todo mundo.

Professora: E com pessoal da Empresa, teus superiores e teus colegas instrutores, chegastes a trocar alguma idéia ou falar sobre as nossas aulas?

Aluno: Sempre comentava. Dizia o pessoal esta vendo lá na Escola algumas coisas que nós temos passado aqui. Se alguém ficar com uma necessidade ou vai querer ver mais alguma coisa. Porque o tempo que nós temos é limitado.

Professora: É limitado e vocês se preocupam mais com a teoria e agora com as nossas aulas tivestes alguns exemplos de aplicações.

Aluno: É era só teoria, agora tem onde aplicar.

Professora: E quanto aos outros assuntos, pois quanto às questões de planejamento, compras a vista e a prazo, serviços de Bancos, vejo que foi bem produtivo. E impostos vocês trabalham?

Aluno: Alguns.

Professora: E o teu conhecimento sobre impostos como era? E a palestra?

Aluno: Coisas interessantes. A gente não sabe direito para onde que vai este dinheiro. A questão que sempre falavam que tinha que pedir nota fiscal e guardar.

Professora: E não sabias por quê?

Aluno: Os palestrantes falaram lá, se você tem a nota fiscal então pode ir reclamar e exigir algo, porque estamos pagando por aquilo. Antes se fosse reclamar ia reclamar só na palavra, porque nota fiscal joga fora.

Professora: Mas tu pedias a nota fiscal?

Aluno: Pegava. Mas nunca pensei em guardar para poder reclamar de algo...

Professora: E a última questão é:

5 – Você gostaria de dizer mais alguma coisa?

Aluno: Gostei muito da nossa “viagem”.

Professora: Nossa viagem de mentirinha?

Aluno: É porque dá para englobar um monte de assuntos ali. Nós trabalhamos pouco. Poderíamos trabalhar sobre o quanto a gente poderia gastar. Um controle.

Professora: É. Nós tivemos apenas 24 períodos.

Aluno: Se você tiver mais tempo e mais conteúdo que possa agregar ali no meio. Com a mesma função dá um crédito para a pessoa e ela vai viajar. Daí pode-se calcular a taxa.

Professora: Então, retornamos a pergunta lá do início quando te questionei se você achava importante incluir estes assuntos na escola e disseste que acha importante. Agora estas me falando que estes assuntos eles poderiam sem trabalhado há um tempo bem maior. Em que série pensas que pode ser incluída Educação Financeira na escola? Ou onde, no teu passado, pensas que determinado professor poderia ter trabalhado este conteúdo?

Aluno: Com a professora de Matemática deste ano. Aqui da Mathias, no começo do ano ela trabalhou com a turma a questão de juros simples e compostos só os cálculos. Talvez se ela soubesse uma história assim, vamos pegar um crédito, vamos viajar, vamos comprar um produto, vamos conhecer os juros dele, vamos calcular. Ela poderia mostrar a mesma fórmula que ela usou para o cálculo dos juros.

Professora: Com uma aplicação do dia- a- dia de vocês?

Aluno: Volta o que nós falamos antes, só tem a teoria, mas se tiver como aplicar aquilo ali fica melhor. Existe isto lá fora, e isto não está dentro da escola.

Professora: Como o cálculo de INSS que vocês pesquisaram. Todo o cálculo de INSS é feito com juros simples e compostos. Poderíamos fazer uma aula de Matemática com uma projeção de quanto terei que guardar para me aposentar. E aproveitar a Informática. Vocês têm aula de Informática?

Aluno: Não. Não temos.

Professora: Algum professor leva vocês?

Aluno: Não. Mas quando estudava no (Escola) 25 de Julho nós tínhamos um período.

Professora: As atividades que tens feito no teu trabalho ou mesmo as atividades que fizemos poderiam ser feitas por professores aqui na Informática?

Aluno: Poderia.

Professora: E não é feito então?

Aluno: Não, mas poderia.

Professora: E em que série tu achas que pode ser incluída Educação Financeira?

Aluno: Desde o 1º ano.

Professora: Os pequeninhos?!

Aluno: Não. No 1º do Ensino Médio.

Professora: Antes não?

Aluno: Acho que não seria tão importante.

Professora: Antes de trabalhar tinhas mesada?

Aluno: Não, não tinha.

Professora: Mas ganhavas algum dinheiro?

Aluno: Sim.

Professora: E sabias administrar ele?

Aluno: Não. Era bala, chicletes...

Professora: Por quê?

Aluno: De repente porque ninguém me explicou.

Professora: É. Os pais não explicaram e nem a Escola. Então será que não pode ser um pouco antes do 1º ano?

Aluno: Até poderia.

Professora: Estes mesmos assuntos que falaste sobre crédito e débito. Pensa em que série, bem anterior, poderia ser trabalhados?

Aluno: Lá na 5ª série.

Professora: Ou na 6ª, onde são trabalhados os números inteiros, negativo e positivo.

Aluno: Dá para ser. Eles iriam compreender. O certo seria começar a partir do momento que esta pessoa começa a ter idade para trabalhar. Não sei qual a série que ela vai estar com 14 ou 15 anos. Então deveriam aplicar isso, pois ela começa a ter dinheiro e precisa saber, acho que é por aí...

Professora: Ok! Mais alguma coisa?

Aluno: É isso!

Professora: Muito obrigada!

Aluno F

Professora: Vamos começar com a entrevista:

1 – Durante sua trajetória de estudante, você realizou alguma atividade semelhante às que desenvolvemos nas aulas?

Aluno: Mais ou menos. No serviço em que trabalho lido com economia. Como vou te explicar, o pagamento de contas. As pessoas vão lá para pagar contas. Assim sobre o controle do orçamento. Tem mês que as pessoas vão pagar impostos.

Professora: E tu já vais conhecendo.

Aluno: É. Antes eles pagavam e eu não sabia o que era. Sabia que era imposto, outras não. Tem algumas contas que tem como taxa de imposto só que tinha outra coisa incluída junto. Na verdade tudo tem imposto.

Professora: Com as aulas começaste a compreender melhor o que fazes no teu trabalho?

Aluno: Sim.

Professora: Já tratas estas questões no teu trabalho, mas retornando a pergunta que pede a respeito de tua trajetória enquanto aluna. Se neste período realizaste alguma atividade semelhante na escola?

Aluno: Nenhuma.

Professora: Vamos para a próxima pergunta:

2 – No seu entender, é importante incluir assuntos relacionados à Educação Financeira na escola?

Aluno: Acho que sim. É importante para controlar muita coisa. Como os gastos aqui na Escola, principalmente com os lanches. As professoras poderiam pegar no começo do ano, e fazer um trabalho pegando certa quantia para poder gastar no mês. Porque tu vai gastando, gastando e não sabe o quanto tu gastou por ano. Daí ela já está com o orçamento desde o começo do ano sabendo que só pode gastar aquilo e nada a mais. Se gastar mais é porque foi mal planejado.

Professora: Então achas que é importante os professores ajudarem os alunos a fazer este controle?

Aluno: Sim.

Professora: E tu fazias o controle antes?

Aluno: Sim, sim. Tenho um caderninho. Anoto as minhas contas. Todo final do mês risco o que já paguei e no mesmo dia que gasto, anoto. Anoto se comprei em uma vez ou em duas vezes. Anoto lá.

Professora: Anotas uma vez só ou os meses seguintes também?

Aluno: Os meses seguintes, antes não fazia agora faço os meses seguintes. O máximo que faço, porque o meu salário não é muito, mas o máximo que faço é até cinco vezes. Porque, além disso, vou ficar o muito tempo pagando e não vou poder aproveitar.

Professora: Falaste que faz no máximo em cinco vezes. E a aula sobre formas de pagamento: à vista ou a prazo, não começaste a pensar sobre isto?

Aluno: Já sim, mas eu digo quando o valor é muito alto. Roupas ou calçados faço no máximo duas vezes ou até a vista. Mas, a compra de um celular, essas coisas, então, faço em mais vezes.

Professora: Agora tens repensado a forma de realizar tuas compras?

Aluno: Sim. Antes gastava além do meu pagamento (salário). Gastava mais do que ganho e não sabia direito controlar. Achava que ia dar daí não tinha o suficiente. Então me socorria na mãe.

Professora: Agora estas conseguindo te controlar?

Aluno: Agora estou.

Professora: Voltando, ainda, para a mesma pergunta: é importante incluir Educação financeira na Escola para ajudar o aluno?

Aluno: Para saber controlar em casa e na verdade na vida não só na Escola. Como estou cursando pré-vestibular e não sei se vai valer à pena, mas quem sabe poderia ter anteriormente me preocupado com isso. E agora para quem está começando eu acho que é necessário e vai valer a pena se tiver Educação Financeira. Tem que ser desde o início. Não adianta chegar aqui (3º ano) e só agora ver isso.

Professora: E o início é quando?

Aluno: A partir do 1º ano do Ensino Médio, porque já estão trabalhando e precisam saber controlar o dinheiro.

Professora: Antes não?

Aluno: Não digo que não. É que não é necessário. Porque começa a trabalhar a partir dos 16 anos. Todos da turma acham que é a partir dos 16. A maioria ingressa no primeiro ano com 16 anos.

Professora: Então tu pensas que estas atividades, a Educação Financeira em si são importantes só em relação ao trabalho? Não consegues pensar que as crianças antes de começarem a trabalhar possam ter uma preparação?

Aluno: Podem. Tem um monte de crianças que ganham mesada. Elas podem saber controlar para no futuro comprar algo. Tenho um exemplo o meu cunhado começou a controlar desde a infância e quando chegou aos 18 anos fez a carteira de motorista e já tinha dinheiro para pagar a carteira e comprar um carro à vista.

Professora: Que legal! Que belo exemplo.

Aluno: Controlando desde pequenino com a ajuda dos pais.

Professora: Só com a ajuda dos pais? Da escola não?

Aluno: Não. Só dos pais.

Professora: Imagina se desde pequenos, a escola junto começa com esta ajuda.

Aluno: Tende a melhorar bastante. É claro que ele vai ter conseqüências depois vai pagar imposto, mas já adquiriu uma coisa com 18 anos. Hoje em dia tem gente que com 18 anos, e que vão começar a comprar e nem começaram a trabalhar. E sabem que tem

muito pela frente ainda. Terão que buscar. Assim, isto (Educação Financeira) já é uma ajuda...

Professora: Isso mesmo! A terceira questão é:

3 – Fale a respeito de como era o seu conhecimento dos assuntos que trabalhamos.

Aluno: Como já havia comentado antes sabia mais ou menos por causa do meu trabalho.

Professora: Há quanto tempo trabalhas?

Aluno: Um ano. Sabia por comentários, por ver falar, por ver na mídia, mas não sabia o que significavam estes assuntos. A maioria das coisas são coisas fáceis que todo mundo faz, paga e vejo os meus pais pagando IPVA, IPTU, água, luz e INSS, porque eu também pago.

Professora: E não sabias por que são pagos?

Aluno: No começo não sabia, mas depois que comecei a ter aula de Educação Financeira fiquei sabendo. Antes não sabia. Lá no meu trabalho as pessoas pagam INSS e não sabia o que era isto. Por isto que alguns falam que quando param de trabalhar tem que pagar autônomo. Agora já sei o que é. Este era o meu conhecimento, pouco, mas agora como o cartão de crédito, cheque...

Professora: Já sabias preencher?

Aluno: Já sabia preencher, mas não sabia direito, ficava insegura. Muitas vezes, olhava o preenchimento e achava que estavam certos e voltavam por estarem errados ou por que as pessoas não tinham fundos na conta.

Professora: E não compreendias o que era isso?

Aluno: Não. Recebia os pagamentos, mas não sabia o que era. Depois perguntava para a colega, mas ela não sabia me explicar, pois tinha o mesmo conhecimento que eu.

Professora: Fazem, mas não sabem do que se referem?

Aluno: É.

Professora: Da mesma forma o direito que temos enquanto cidadãos de sermos informados.

Aluno: Sim.

Professora: E falaste que recebes pagamentos de cartão de crédito. E o funcionamento também não sabia?

Aluno: Do cartão tenho um pouco mais de conhecimento por causa dos meus pais. As contas no final do mês chegavam os boletos ou fazíamos o rancho e usávamos o cartão. E elas perguntavam em quantas vezes ou se era crédito ou débito.

Professora: Então já conhecias. Falastes dos pais, eles fazem um caderninho de controle como o teu?

Aluno: Eles fazem um orçamento.

Professora: E durante as aulas levastes as planilhas para eles? Vocês têm computador em casa?

Aluno: Sim.

Professora: E continuas no caderninho, não pensaste em fazer no computador?

Aluno: Passei. A minha irmã tem o dela também.

Professora: E foi melhor? E o pai e a mãe?

Aluno: Sim foi melhor. Até o meu cunhado está fazendo, mas o pai e a mãe não têm conhecimento de computador e continuam no caderninho.

Professora: E vocês não poderiam ajudá-los?

Aluno: O meu pai até anda aprendendo um pouco de computador, mas primeiro ele quer conhecer um pouco mais. A minha irmã trabalha em administração e está ajudando ele.

Professora: E o que os pais acharam das nossas aulas?

Aluno: Eles acharam bem importante para mim. Como havia te comentado antes, eu gastava além do que recebia.

Professora: E eles tentavam te orientar e não conseguiam?

Aluno: É. E com as aulas eu estou conseguindo. Eles acharam que mudei com as aulas.

Professora: De que forma?

Aluno: De saber administrar. Há três meses gastava além. Daí a uns dois meses comecei a administrar e saber o quanto tenho para pagar, então colocava na conta e o reto sabia que poderia gastar.

Professora: Então estas fazendo um planejamento e já estas conseguindo não gastar mais do que ganhas?

Aluno: É estou conseguindo.

Professora: Vamos para a quarta questão:

4 – Conhecer sobre estes assuntos o/a ajudou de alguma forma?

Professora: De certa forma já respondestes nas questões anteriores, mas te ocorre algo mais?

Aluno: Estou mais consciente e ajudando, porque o meu namorado é impossível. Ele compra e na hora de pagar não lembra se o orçamento dele é adequado para aquilo,

aquele pagamento, se consegue pagar. Aí digo para ele: “pensa, faz teus cálculos, vê o que tu gastou no mês anterior.”

Professora: Ele não faz um planejamento?

Aluno: Não, ele não fazia, mas agora ele começou a fazer.

Professora: Começou, também? Que bom!

Aluno: Agora ele começou a juntar e com o orçamento dele conseguiu comprar um carro. Está pagando um financiamento e só temos os gastos das roupas e das outras coisas.

Professora: Estão fazendo um planejamento direitinho?

Aluno: É.

Professora: Então as aulas atingiram a ti, atingiu o namorado, a família e quem mais?

Aluno: Atingiu a vida!

Professora: É! A vida? Que bom, Aluna F! A última questão é:

5 – Você gostaria de dizer mais alguma coisa?

Aluno: Eu gostei muito de ter aprendido. O meu namorado já fez um curso contigo e ele também gostou, só que ele não levou adiante o que tinha aprendido. Mas agora comigo pressionando ele e sabendo como é ajudou bastante. Gostei bastante, pois aprendi muitas coisas que não sabia administrar. Agora eu sei. Não sabia sobre impostos que pago, que os meus pais, principalmente, pagam. Agora tenho uma boa noção. É por aí. Espero poder ajudar um dia alguém que tenha dúvida em esclarecer com aquilo que eu aprendi.

Professora: Para ti está servindo, e o teu namorado. Como outras pessoas, como os teus colegas tiveram esta oportunidade e talvez não estejam aplicando agora. Quando pensas que eles vão aplicar? Quando alguém pressionar ou o quê?

Aluno: Quando eles sentirem falta... Como eu... Senti... Vi que estava precisando... Quando não tiver um pai para ajudar aí eles vão sentir falta daquilo que eles gastaram demais e não deveriam ter gasto.

Professora: Quando tomarem as rédeas de suas vidas?

Aluno: É. As rédeas. Eles gastam e não tem alguém para cobrir, então eles irão ver o que é não se administrar no começo. E agora? Ou administra agora ou continua se atolando e indo mais para baixo.

Professora: Sim, porque interfere no resto todo... Mais alguma coisa?

Aluno: É isso.

Professora: Então, muito obrigada!

Aluno G

Professora: Vou fazer a primeira pergunta:

1 – Durante sua trajetória de estudante, você realizou alguma atividade semelhante às que desenvolvemos nas aulas?

Aluno: Acho que não. A maioria das atividades que a gente fez em aula, nas suas aulas de Educação Financeira, não foi utilizada por outro professor, porque eles querem mais é passar matéria, passar o que eles têm que passar e não custa informar os alunos sobre contas, a questão financeira mesmo. Acho que a maioria das aulas que me recordei nunca vi nada parecido, por exemplo, as contas a pagar, todo este processo que fizemos em aula, nas suas aulas.

Professora: Então não tiveste nada?

Aluno: Não.

Professora: A segunda pergunta:

2 – No seu entender, é importante incluir assuntos relacionados à Educação Financeira na escola?

Aluno: Eu, eu acho muito importante, porque o adolescente não tem uma noção. Aquela coisa: Pai dá dois reais, mãe dá não sei quanto de dinheiro. E tu não tem uma noção de quanto tu gasta no final do mês. Por que tem contas para pagar e o pai e a mãe tem que pagar roupa, tem que pagar a luz, tem que pagar água e tu não te dá conta que... Principalmente os que não trabalham. Eu sou uma que não trabalho. Eu ouvi muito dos meus colegas que trabalham o quanto ajudou, sabe. Porque conseguiram administrar melhor o dinheiro que estavam gastando, as contas que tinham para pagar. Fizeram a tabela que a gente fez em aula. Acho que é muito importante porque tu começa a te dar conta que daqui para frente vais trabalhar, vais ganhar o teu dinheiro e não é tão fácil assim conseguir administrar tua vida. As contas que tens para pagar, porque quando vais ver estás atolada em contas e coisas para pagar. É bem importante para fazer os adolescentes se ligarem que não é bem assim. Depois que eles saem da Escola é bem diferente no trabalho, e as contas que tem para pagar para administrar a tua vida. Quando tem que assumir as responsabilidades.

Professora: E tu ainda não assumiste?

Aluno: Não, eu já trabalhei com meu pai. Ele tem uma empresa de calçados. Já trabalhei em Farmácia. Mas a carga horária era muito grande, oito horas por dia do turno da tarde até a noite. Ficava muito difícil para mim conciliar os horários.

Professora: E quando trabalhavas o teu dinheiro...

Aluno: Não. Trabalhei um mês e pouco e ganhei um salário. Meu pai e minha mãe acharam melhor eu parar por causa dos estudos. Ficou muito difícil. Eu chegava em casa às 8 da noite e tinha que fazer meus temas, tomar banho, fazer o que tinha para fazer e não tinha mais tempo para nada. E trabalhava também em sábados e dois domingos por mês.

Professora: Graças a Deus tens condições de não precisar trabalhar.

Aluno: Por enquanto não, mas daqui para frente vou ter que começar a pensar. Enquanto estou no 3º ano não vou precisar trabalhar. Foi o que eles falaram. Primeiro termina, porque depois vais ter que te puxar, se não fizer faculdade vai trabalhar pelo menos. Como eu já trabalhei já tenho uma noção de como é. O meu dinheiro eu não fiz nada. Dei para minha mãe, porque não tinha o que fazer, não tenho contas para pagar.

Professora: Pegaste o teu salário e deste para tua mãe?

Aluno: É. Não tenho contas a pagar.

Professora: Que bom. Pelo menos não torraste o dinheiro.

Aluno: Eu não tenho ficha (crediário). Compro no nome da minha mãe porque sou menor de idade e não tinha nada com o que eu queria gastar. Quem usou foi minha mãe. Peguei uns cinquenta reais. Nunca paguei uma conta minha, porque não tenho.

Professora: Mas na verdade tens.

Aluno: É. O pai e a mãe fazem as compras para mim.

Professora: Então acha importante incluir Educação Financeira na Escola? E a partir de que série?

Aluno: A partir da 7ª ou 8ª série. Na 8ª série já seria bom começar pelo menos.

Professora: E os menores?

Aluno: Não adianta porque eles não têm noção do que acontece. Das contas da família.

Professora: E as outras coisas. Pensa. A questão da água, da luz, eles não podem ajudar a controlar?

Aluno: Acho que isto já é bem falado. A questão de gastar água e gastar luz.

Professora: Achas que as famílias trabalham bem isto?

Aluna: Pelo menos tentam, algumas tentam. Mas, também, por isto acho importante a Escola trabalhar. E na 7ª e 8ª séries não tem muito, mas quando tu vais para o 1º, 2º e 3º ano é que começa a ver isso.

Professora: Começam a sentir necessidade?

Aluno: Sim.

Professora: E se começasse mais cedo?

Aluno: Mas já começa quando esta no jardim de infância: fecha a torneirinha.

Professora: A Escola já tem trabalhado?

Aluno: Tem trabalhado só que não te dizem o por que.

Professora: Então dá para ser com os pequenos?

Aluno: Sim, só que de outra forma, assim mais...

Professora: A questão da linguagem?

Aluno: É isso. Como eles podem entender.

Professora: É claro que a questão da linguagem deve ser diferente. Como os assuntos que trabalhamos. A forma como trabalhei com vocês poderia ter trabalhado com a 8ª série. Concorda?

Aluno: É.

Professora: E estes assuntos tu vês alguma relação com as tuas disciplinas? Se eles fossem trabalhados com mais profundidade em alguma das disciplinas?

Aluno: Tem a questão de água, de lixo, da poluição em Biologia é muito trabalhado.

Professora: Mas não fazem relação com a Educação Financeira?

Aluno: É. Não puxam para este lado. Mais para a questão de aquecimento global e não pela Educação Financeira, pelos teus gastos, mas bem pela questão do meio ambiente.

Professora: Mas cuidar do meio ambiente é um todo que também gera economia.

Aluno: Só que isto não é falado. A questão econômica e financeira disto.

Professora: E na Matemática consegues fazer alguma relação?

Aluno: Sim, a questão dos juros, porcentagem. Quando tu vais comprar uma calça dá para trabalhar essa parte. O resto não tem nada a ver.

Professora: Próxima questão:

3 – Fale a respeito de como era o seu conhecimento dos assuntos que trabalhamos.

Aluno: Aprendi muita coisa. A questão de gastos quando a gente foi ao Banco. Tinha muitas dúvidas que tirei. Também sobre a questão dos juros. Aquela tabela que fizemos o quanto aumenta na compra de um aparelho eletrônico. Isso já deu bastante informação.

Professora: Não conhecias?

Aluno: Não sabe? Não tinha essa idéia de que cobravam juros e que às vezes chega a ser o dobro do que tu vais comprar.

Professora: Não paravas para pensar nisso.

Aluno: É. Nisso acho que melhorou bastante o meu conhecimento.

Professora: E teu conhecimento antes das aulas?

Aluno: Tinha conhecimento, mas era pouco e não me preocupava muito.

Professora: E sobre as planilhas que falaste. Em casa vocês fazem um planeamento orçamentário?

Aluno: É. Tem aquela coisa de guardar as contas e dá uma olhada para ver o vencimento. Mas não tem a planilha.

Professora: Não fazem então?

Aluno: Não. Como meu pai tem o Ateliê sempre faz controle dos cheques.

Professora: Alguém faz para ele?

Aluno: A contabilidade que faz.

Professora: Em casa?

Aluno: Em casa, não.

Professora: E conversaste com os pais sobre as nossas aulas? Trocar idéias?

Aluna: Sim. Nós falamos bastante sobre contas e Banco. O cheque especial que quando tu te da conta está usando. Gastando dinheiro, porque não controlou direito o que gastou durante o mês.

Professora: E mesmo assim continuaram não fazendo o planeamento?

Aluno: Não que não vá ser feito. Tem um controle das notas e quando chega num valor ele diz que não dá mais para gastar este mês. Tem esse controle. A gente nunca chegou a precisar ficar sem pagar uma conta.

Professora: É um controle mais de cabeça? Se vocês colocassem no papel seria melhor para ver onde poderia ser economizado.

Aluno: Às vezes a gente pensa que tem uma conta para pagar e já pagou, e poderia ter comprado outra coisa e não lembrou que já tinha o dinheiro.

Professora: Porque não foi anotado. E vocês não pensam em fazer um controle?

Aluno: Já falei, mas não foi para frente.

Professora: Como esta funcionando assim, o pai, vocês, optam por não fazer. E sobre os impostos e outras questões?

Aluno: Isso eu já sabia. Que quase tudo tem impostos. Sobre casa, carro, da Firma, tudo isto já sabia que tinha para pagar. Já tinha uma noção dos impostos altos.

Professora: Vamos ver a próxima questão:

4 – Conhecer sobre estes assuntos o/a ajudou de alguma forma?

Aluno: Ajudou a pensar que quando o pai e a mãe falavam que não dava para comprar uma coisa, que não tem como. A compreender que aquilo ali não tem como. O porquê do não sabe. Ajuda bastante tu crescer mentalmente na questão do dinheiro. Em ver o quanto tu gasta com coisas bobas. Dinheiro que poderias estar guardando para quem sabe no futuro fazer uma viagem ou estudar. Tu acabas te dando conta disso.

Professora: E mudaste algo neste sentido dos gastos?

Aluno: Eu era muito gastadeira. Depois que começamos... No final de semana queria comprar uma roupa... Acho que a maioria da nossa turma mudou e começou a pensar nisso. Principalmente os que trabalham. Pois quando viam no final do mês não tinham mais dinheiro. E agora têm dinheiro para sair, para ir para uma festa.

Professora: Falaste que antes saias para comprar muita coisa, e coisas na Escola. Mudou esta postura?

Aluno: Sim. Na merenda. Tem coisas que temos que pagar, mas tem certas coisas que temos como não gastar.

Professora: Organizar-se para não precisar comprar.

Aluno: É. Eu mudei.

Professora: Tu ganhavas mesada?

Aluno: Não. Não deu certo. Porque ganhava a mesada, guardava e pedia dinheiro. Esse dinheiro gastava e a minha mesada ficava.

Professora: E o que fazias com a mesada? Colocava na poupança?

Aluno: Não. Eu tinha guardada em casa. Tinha vezes que somavam 200 reais guardados em casa.

Professora: E depois o que fazias com o dinheiro?

Aluna: Às vezes comprava uma coisa para mim.

Professora: Uma coisa útil ou uma besteira?

Aluna: Uma coisa útil.

Professora: De certa forma tu fazias uma poupança com a tua mesada. Não colocava no Banco.

Aluna: Quando eu via não tinha mais. E toda vez ficava pedindo dinheiro.

Professora: E após as aulas não pensaste em pedir para o pai voltar a te dar uma mesada para fazeres um controle? Ou continuas só pedindo dinheiro?

Aluna: É...

Professora: Então agora com este dinheiro que tens ganhado estas controlando?

Aluna: No final de semana pedia dinheiro para sair e gastava tudo. Agora tenho guardado. Tento fazer um controle de não gastar. Gastando só com coisas necessárias.

Professora: Que bom! Então vamos para última questão:

5 – Você gostaria de dizer mais alguma coisa?

Aluno: Foi bem interessante o que tivemos. Acho que seria bom que as outras turmas também tenham. Acho que eles iriam utilizar bastante isto daqui para frente.

Professora: Que outras turmas?

Aluno: Os outros 3º anos (+ 5 turmas na Escola).

Professora: Infelizmente não tenho mais tempo e para esta pesquisa do Mestrado pensei em trabalhar apenas com uma turma, até porque com uma turma o trabalho já fica bem extenso.

Aluno: Porque acho que seria bem importante principalmente para quem está saindo da Escola. Para os que já estão trabalhando e os que irão trabalhar. Seria importante eles terem uma noção do que podem gastar ou não. Acho que foi bem interessante e bem proveitoso para todos. Acho que é isto.

Professora: Vai te ajudar?

Aluno: Sim vai. Bastante. Não só eu, mas o resto da família, todo mundo.

Professora: Que bom! Mais alguma coisa?

Aluno: Não.

Professora: Então, muito obrigada.

Aluno H

Professora: Vamos começar! Primeira pergunta:

1 – Durante sua trajetória de estudante, você realizou alguma atividade semelhante às que desenvolvemos nas aulas?

Aluno: Que eu me lembre não.

Professora: Nada semelhante às atividades que desenvolvemos?

Aluna: Não. Nada.

Professora: Então vamos para a segunda questão:

2 – No seu entender, é importante incluir assuntos relacionados à Educação Financeira na escola?

Aluna: Acho que sim. Porque na escola tu aprendes tudo. Então tu vais aprender, sei lá, os teus créditos (dinheiro), por exemplo, que tu ensinou para gente. Isso faz parte da escola. Onde a gente vai aprender isso depois? Se alguém não nos ensinar. Isso deveria fazer parte de alguma matéria da escola. Ai, eu estou falando direito? Estou nervosa. É isso?

Professora: Não. Está ótimo. Não tens com o que te preocupares. É para ser um diálogo. Nós estamos conversando. E como tu disseste: “Se não aprender na Escola vai aprender onde?”

Aluno: É. É como se fosse uma matéria (disciplina).

Professora: Agora tu falaste como se fosse uma matéria. Tu vês Educação Financeira como uma matéria a parte? Não consegues ver alguma relação com alguma outra disciplina?

Aluno: Na Matemática.

Professora: Por quê?

Aluno: É uma matéria tão importante quanto a Matemática.

Professora: Sei, mas achas que deva ser uma matéria separada ou incluída na Matemática ou em outra disciplina?

Aluno: Acho que poderia ser incluída na Matemática.

Professora: Por quê? Ocorre-te algum conteúdo trabalhado na Matemática que tem alguma relação com as atividades que trabalhamos?

Aluno: O conteúdo sobre juros que estudamos no início do ano. Na parte da Educação Financeira no crédito, de comprar a prazo ou à vista, a diferença.

Professora: Esta atividade que realizamos, poderia ter sido trabalhada pela professora para explicar o conteúdo dos juros?

Aluno: Sim. Eu acho que está relacionado. Poderia.

Professora: De que forma vocês trabalharam?

Aluno: Foi bem rápido, assim.

Professora: E vocês trabalharam exemplos do mercado?

Aluno: Não. Foi assim mais teórico.

Professora: Mas vocês se deram conta de onde aplicar este conteúdo?

Aluno: Um pouco sim. Mas poderia ter sido trabalhado como tu fizeste.

Professora: Ok! Vamos para a terceira pergunta:

3 – Fale a respeito de como era o seu conhecimento dos assuntos que trabalhamos.

Aluna: Antes, por exemplo, dos impostos, aquelas siglas eu não tinha noção do que se tratavam. Depois, como o caso do IPI dos carros mais barato, que estão falando nos jornais e nas propagandas TV, agora já entendo. Antes olhava e não sabia do que estavam falando, agora está mais claro.

Professora: E antes quando escutavas a palavra impostos sabias o que eram impostos?

Aluno: Falavam e para mim tanto fazia. Agora que já sei e quando os pais falam em casa, agora já presto atenção e quero saber, porque já ouvi falar e já entendo.

Professora: E o teu grupo pesquisou qual imposto?

Aluno: Do IPI.

Professora: Por isso lembrastes?

Aluno: Sim. E porque agora só falam dele.

Professora: É está famoso. E sobre os outros assuntos, como era o teu conhecimento?

Aluno: Sobre os controles a família fazia, mas eu não. Não participava. Mas com isso a gente se interessa mais.

Professora: E tu recebes mesada?

Aluno: É não era mesada. O que eu precisava eu ganhava. Agora um valor fixo por mês eu não tenho.

Professora: E o que recebes tu controla?

Aluno: Não.

Professora: E não entendias quando o pai dizia: Eu já te dei dinheiro, o que fizeste com ele?

Aluno: É.

Professora: E agora, depois das aulas. Partilhastes em casa sobre estes assuntos? O que os pais acharam?

Aluno: Eles acharam bem interessante para que eu entenda como eles se viram (administram) como eles agem.

Professora: Então em casa os pais fazem um controle e tu? Depois das aulas estas fazendo?

Aluno: Ainda não. Mas já tenho uma idéia e quando tiver salário vou cuidar.

Professora: E os outros assuntos: cartão de crédito cheque já sabia?

Aluno: Não. Para preencher o cheque, assim, nada.

Professora: E agora?

Aluno: Agora eu sei.

Professora: Então o teu conhecimento sobre estes assuntos era?

Aluno: Quase nada. Só ouvia falar, mas não entendia.

Professora: E as aulas ajudaram?

Aluno: Ajudou bastante. Ajudou até para mim, porque eu e meu namorado compramos um ar condicionado e analisamos se a melhor forma de comprar era a prazo ou a vista. Então resolvemos comprar a vista porque a prazo a gente iria pagar dois aparelhos de ar condicionado. Daí eu logo me lembrei das aulas. Nós íamos ficar um tempão pagando e pagar mais.

Professora: O que é um engano. E vocês planejaram e procuraram bem antes de comprar.

Aluno: Sim. E guardamos (economizaram) um tempo antes de comprar.

Professora: Que bom! Acho que já estas respondendo a quarta questão:

4 – Conhecer sobre estes assuntos o/a ajudou de alguma forma?

Aluno: Sim. Na compra do ar condicionado. (silêncio – pensando)

Professora: Além da ajuda na compra do ar condicionado, conhecer estes assuntos lhe ajudou em algo mais?

Aluno: É, ajudou que agora eu fico por dentro do que as pessoas falam. Não fico por fora toda perdida. Acrescentou um pouco mais. Sobre impostos, cartões, cheques e o tipo de compras.

Professora: Mais alguma coisa que tenha te acrescentado?

Aluno: Que eu lembre, não.

Professora: Nossa última questão:

5 – Você gostaria de dizer mais alguma coisa? Gostaria que você falasse um pouco mais sobre a segunda questão do porque achas que é importante incluir Educação Financeira na escola.

Aluno: Eu sei, mas não sei falar.

Professora: Vamos ver! Eu te ajudo.

Aluno: É que assim, isso é bem importante, às vezes até mais importante que as matérias que a gente tem na Escola. Acho que isso aí a gente vai levar para a vida toda. É uma coisa que tu precisa para ter o nome limpo e o jeito de comprar. Tem que ter uma noção de saber se tem juros ou impostos. Tem que saber por que vai... A partir de agora, principalmente, a gente vai ter que usar estas matérias, porque deveria estar incluído

sempre. Para gente sair da Escola sabendo e não precisar depois estar correndo atrás para saber. Incluir sempre. Se não só quando erra é que daí aprende.

Professora: E incluir na Matemática? Ou tu vês alguma relação com outra disciplina?

Aluno: (Pensou, pensou e não respondeu).

Professora: A partir de que idade, série tu achas que seria importante incluir Educação Financeira na escola? Como disseste antes: sempre.

Aluno: Não. Acho que a partir dos 12 anos, lá pela sétima série. Daí já vai estar na adolescência. Começa a ter as coisas... (silêncio)

Professora: Não te ocorre mais nada?

Aluno: Não.

Professora: Então acabou. Muito Obrigada.

ANEXO 9 – Depoimentos

A) Professora de Matemática da turma 302

As aulas da professora Denise sobre Educação Financeira são muito interessantes. Tive oportunidade de assisti-las faz dois anos atrás, e novamente no decorrer deste ano. Depois disso minhas aulas mudaram, pois estou dando mais ênfase a este conteúdo. Claro que não com a qualidade e conhecimento que tem a Denise, mas tento chamar a atenção dos alunos para a matemática da vida. Acompanhei a visita à CEF, onde pude observar o interesse dos alunos sobre os assuntos abordados, uma vez que fazem parte do dia a dia de muitos deles. Houve um interesse especial sobre inadimplência, o que achei muito positivo, pois os jovens muitas vezes erram por ignorância sobre o assunto. Mas não foram apenas os alunos que tiveram proveito com essa visita. Até eu, que sou professora de matemática, aprendi algumas coisas que eu desconhecia. A Denise está de parabéns, está fazendo um trabalho maravilhoso.

Professora: Rosa Maria Pustai – Matemática

B) Professora de Geografia da turma 302

Palestra Educação Fiscal

Educação é a elaboração de novos conceitos, é a aquisição de capacidades que são consideradas importantes ao desenvolvimento dentro de nossas necessidades. A palestra sobre Educação Fiscal foi um momento onde os alunos puderam repensar algumas de suas atitudes e sua postura diante de algumas situações que se apresentam em seu cotidiano. Foi um momento onde o aluno pode perceber a real importância de ser um fiscal de si mesmo e de exigir que outros cumpram com suas obrigações. Neste momento puderam perceber que ao fiscalizar, estão buscando uma melhor qualidade de vida para si próprios e outros. Fiscalizar depende de cada um de nós, e uma maneira de fiscalizar é exigir a nota fiscal quando adquirimos algo ou contratamos algum serviço. Assim, ao exigir nota fiscal estou ajudando a que cada vez menos impostos sejam sonegados e sejam revertidos em prol da população na forma de melhores redes de esgoto, iluminação pública, asfalto, praças, bons hospitais, boas escolas entre tantos outros serviços. Mas não adianta apenas exigirmos a nota fiscal, também devemos

acompanhar a aplicação das verbas públicas, é fiscalizando as contas públicas que podemos saber se os impostos recolhidos são revertidos nas reais necessidades da população e se não forem exigir dos governantes que o façam.

Aula Cartão de Crédito:

Com a aula sobre o uso do cartão de crédito buscou-se proporcionar uma melhoria na qualidade de vida através de conhecimentos que contribuam para a organização da vida financeira do aluno, pela simulação de uma situação onde se usaria o cartão de crédito. O aluno passaria um final de semana em um curso, com um limite no cartão de crédito e todas as despesas seriam lançadas neste cartão que após um período tais despesas deveriam ser pagas ou caso contrário problemas financeiros poderiam surgir. Ao lançar as contas em um cartão, o aluno deveria se dar conta de quanto estava gastando e ter cuidado de não ultrapassar o limite, ele deveria se programar, pensar em que gastar e se realmente era necessário fazer tal gasto. Após a situação de jogo os alunos apresentaram suas despesas e houve situações onde o limite de cartão foi alcançado. Neste momento os alunos puderam se dar conta de que fizeram gastos desnecessários e uma nova preocupação se instalava: como pagar tal dívida se ela realmente tivesse sido contraída?

Professora: Márcia Klein – Geografia

C) Professor de Português da turma 302 e Diretor da Escola Mathias

O seu desempenho, conforme relato de professores e alunos, no desenvolvimento de trabalho na área da Matemática Financeira foi excelente. Destacamos que o trabalho de orientação e reflexão sobre a gestão financeira permite um melhor preparo para a cidadania na medida em que saber manter o controle sobre os gastos e sobre a forma de se gastar são essenciais para que tenhamos cidadãos mais conscientes. Este tipo de trabalho permite aos nossos jovens uma tomada de consciência das armadilhas comuns na sociedade de consumo atual.

Professor : Edson Jahnke – Diretor

D) Auditor da Receita Federal

Sou servidor público federal e trabalho na Receita Federal do Brasil há nove anos. Há alguns anos participo de um trabalho muito gratificante dentro de nossa casa que é denominado Programa Nacional de Educação Fiscal. Criado em 1996, é mais abrangente que um trabalho de conscientização da importância do tributo em nossas vidas; é um programa cujo cerne visa ao exercício de uma cidadania plena, na qual o cidadão entenderá a importância de pagar o tributo, mas saberá também da importância de fiscalizar e controlar o gasto desta arrecadação. No momento, o foco é trabalhar com alunos do ensino fundamental e médio e, neste contexto, fui procurado pela professora Denise para ministrar uma palestra aos seus alunos, tendo em vista o trabalho que ela vem efetuando com eles, o qual versa sobre educação financeira. Ocorre que o foco do trabalho que a Denise executa é semelhante ao desenvolvido na educação fiscal.

Então efetuamos uma palestra no dia 22/08/2008 na Escola Mathias Schutz de Ivoti, a qual contou com a participação de aproximadamente 100 alunos. Dela participou, além de mim, o colega Fabio Victor Asaka. Para nossa surpresa, houve grande interesse pelo assunto, com diversos questionamentos. Creio que em grande parte deveu-se ao trabalho previamente efetuado pela professora Denise. O nível de debate foi excelente, sendo a palestra mais gratificante por mim efetuada. Fico extremamente feliz em poder colaborar por meio destes eventos com o desenvolvimento de uma massa crítica de cidadãos, muitos dos quais num futuro próximo exercerão cargos políticos e serão responsáveis pelos destinos de nossas comunidades. E muito me orgulha o trabalho efetuado pela professora Denise, pois demonstra uma preocupação muito além da saúde financeira dos alunos, mas com o fortalecimento de nosso país.

Roberto Carlos Bellini

Auditor-Fiscal da Receita Federal do Brasil

Chefe do Serviço de Orientação e Análise Tributária - DRF Novo Hamburgo/RS

E) Auditor da Receita Federal

Minha avaliação relativamente à palestra e à participação dos alunos na mesma também foi a melhor possível. O retorno e a participação dos alunos foram extremamente

satisfatórios e nos deixou esperançosos e confiantes de que nós (educadores) estamos contribuindo com nossa parcela na direção de um país mais justo e melhor para todos (com a formação de cidadãos mais críticos, participativos e exigentes). Extremamente louvável o trabalho desenvolvido pela prof. Denise Kern. Creio que, assim como a Educação Fiscal não pode ficar restrita ao tema do pagamento dos impostos, consistindo numa questão mais ampla, de Cidadania, a Educação Financeira também só é completa se abordar a Educação Fiscal, permitindo ao cidadão em formação ter a visão completa do meio em que está inserido, com todas as variáveis envolvidas e suas inter-relações. Além de importante, o programa tem a abrangência necessária, é isento/imparcial e bem conduzido, de uma forma que extrapola a preocupação com as finanças pessoais, estimulando uma reflexão mais profunda e a participação ativa dos jovens cidadãos e futuros líderes de nossa comunidade.

Fabio Victor Asaka
DRF-Novo Hamburgo/RS

F) Gerente Geral da Caixa Federal – Agência Ivoti

Conforme solicitação segue em minha percepção pessoal como eu vejo o trabalho desenvolvido e também minha análise sobre a participação dos alunos na visita à Caixa. Como cidadã e mãe, sempre pensei que devêssemos dar uma melhor orientação aos jovens sobre questões que envolvam sua independência financeira, pois fica evidente que nem as famílias e nem as escolas exercem esse papel de orientadores. Quando o jovem passa a atuar no mercado de trabalho e se vê na situação de "administrador" de suas finanças, poucos conseguem tomar decisões acertadas. Nunca o mercado ofereceu tanto acesso ao crédito e quem não souber se gerenciar acaba por ter seu CPF incluído em cadastros restritivos por falta de pagamento. Um exemplo bem forte disso, são as contas universitárias e os cartões de crédito desenvolvidos especialmente para o jovem que está ingressando na universidade, onde não é necessária a comprovação de renda e é disponibilizado limites de créditos. São os produtos bancários que possuem os maiores índices de inadimplência, justamente pela falta da educação financeira em conjunto com a oferta do crédito. Quanto à participação dos alunos, percebi que eles estão muito atentos aos

acontecimentos e informações e questionaram muito quanto às questões de inclusão em cadastros restritivos (SERASA, SPC), o que demonstra que já está "semeada" a semente da educação financeira em suas vidas e que provavelmente terão maior facilidade em tomar decisões em suas vidas.

A movimentação de conta corrente através de cheque e algumas aplicações (como a Previdência) também foi questionado pelos alunos.

Outro aspecto importante é que eles demonstram estarem conscientes de seus direitos como cidadãos e devem continuar a serem orientados a não se acomodarem com determinadas situações, como as " vendas casadas" que alguma instituições praticam, obrigando as pessoas a adquirirem produtos que no momento não lhes interessa.

Finalizando, quero parabenizar pelo desenvolvimento deste trabalho, que com certeza irá contribuir na formação de cidadãos mais conscientes em suas escolhas.

Eva Selo Santos Sarmento
Gerente Geral
Caixa Econômica Federal – Ag. Ivoti – RS

ANEXO 10 – Autorização



ESCOLA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO BÁSICA PROF. MATHIAS SCHÜTZ
Rua do Moinho, 355 – Bairro Farroupilha – 93900-000 Ivoti
Telefone/fax: 35631215

DECLARAÇÃO

ESCOLA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO BÁSICA
PROF. MATHIAS SCHÜTZ – IVOTI
Rua do Moinho, 355 – Bairro Farroupilha
Decreto de Criação nº 13641 – D.O. 05/06/62
Decreto de Funcionamento nº 31.828 – D.O. 15/01/85
Portaria Alter. de Designação nº 00100 – D.O. 17/04/05

Declaramos, para os devidos fins, que autorizamos a professora Denise Teresinha Brandão Kern a publicar dados e imagens da Escola Estadual de Educação Básica Prof. Mathias Schütz, utilizados na dissertação de mestrado: *Uma reflexão sobre a importância de inclusão de educação financeira na escola pública.*

Ivoti, 19 de junho de 2008.

Edson Jahner

Edson Jahner
Diretor
M. 1304-02/01